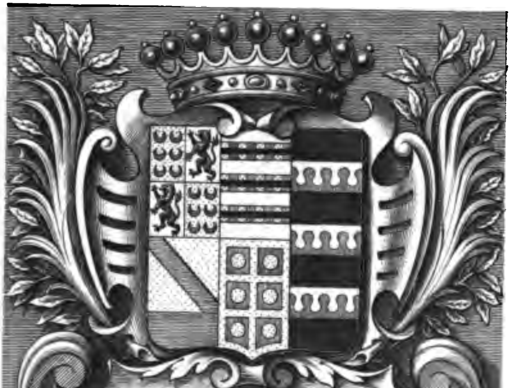


VIDA E MARTYRIO

DO

BEATO IGNACIO DE AZEVEDO

E SEUS

BEMAVENTURADOS COMPANHEIROS

DA

COMPANHIA DE JESUS

EXTRAHIDA DA «IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DE COIMBRA»

PELO

P.e ANTONIO FRANCO

DA MESMA COMPANHIA

Com licença da Auctoridade ecclesiastica

IHS

LISBOA

ADMINISTRAÇÃO DO «NOVO MENSAGEIRO»

6 — Rua do Quelhas — 6

1890

VIDA E MARTYRIO

DO

BEATO IGNACIO DE AZEVEDO

E SEUS

BEMAVENTURADOS COMPANHEIROS

DA

COMPANHIA DE JESUS

EXTRAHIDA DA «IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DE COIMBRA»

PELO

P.e ANTONIO FRANCO

DA MESMA COMPANHIA

Com licença da Auctoridade ecclesiastica

LISBOA

ADMINISTRAÇÃO DO «NOVO MENSAGEIRO»

6 — Rua do Quelhas — 6

1890

LISBOA
TYP. — CASA CATHOLICA
180 — Rua Augusta — 180

PROLOGO DO EDITOR

As presentes noticias biographicas, que publicamos, da vida e martyrio dos beatos Ignacio de Azevedo e companheiros foram extrahidas da obra, já hoje rara, do P.e Antonio Franco da Companhia de Jesus, intitulada «Imagem da virtude».

Cumpre porém advertir que embora quasi tudo o que aqui publicamos tenha sido extrahido do volume da citada obra onde o Autor trata mais por extenso dos dictos Martyres, que é o tomo 2.º da «Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra», comtudo nos valemos tambem para a presente publicação das noticias que vêm espalhadas pelos restantes volumes da mesma obra, em que o Autor completa o que diz n'aquelle tomo.

Conservámos inalteravel o estylo e a linguagem da obra, salvo uma ou outra expressão, que julgámos conveniente mudar, para que a dicção

corresse mais ao sabôr dos nossos dias. Tivemos porém que alterar em muitos logares a orthographia e pontuação do original, por pouco exacta e correcta, como é facil verificar.

Finalmente o alvo que tivemos em vista ao emprehender vulgarisar as presentes noticias foi tão sómente tornar mais conhecidas as virtudes e morte gloriosa d'estes ditosos martyres, e por este meio accender mais viva no coração do povo portuguez e brasileiro a devoção para com estes heroes da fé de Jesus Christo. Porque se por uma parte foi o intento de levar os explendores da fé e da civilisação christã ás ferteis e bemfadadas terras de Santa Cruz que os fez desferrar do porto de Lisboa, por outra parte não ha quasi provincia do nosso Reino que se não possa ufanar de ter dado o berço a algum ou mais d'esses gloriosos martyres, quasi todos portuguezes.

VIDA E MARTYRIO

DO

BEATO IGNACIO DE AZEVEDO

E DOS SEUS BEMAVENTURADOS COMPANHEIROS

CAPITULO I. — Sua patria e nobreza; entra na Companhia, e se diz o discurso de sua vida até ir em companhia do Arcebispo Primaz na visitação do arcebispado de Braga.

O bemaventurado Padre Ignacio de Azevedo, ainda sem o glorioso fim com que se coroaram suas virtudes, foi um dos maiores homens em sanctidade com que Deus quiz honrar esta minima Companhia de Jesus.

Sua patria foi a insigne cidade do Porto; e é o nascimento d'este illustrissimo martyr do Senhor uma das coisas de que ella pode ter maior gloria.

Seus paes foram por sangue illustres e de familia muito auctorizada, descendentes dos Malafayas e Azevedos, que obraram grandes façanhas, assim na restauração do reino por El-Rei D. João o primeiro, como na tomada de Ceuta e outros logares de Africa.

Seu pae se chamou D. Manoel de Azevedo. Foi

commendatario de S. Martinho, mosterio antigo no arcebispado de Braga.

A occasião que houve para D. Ignacio tomar a resolução de entrar na Companhia foi a seguinte. Prégando na cidade do Porto o nosso P. Francisco Estrada, fez alli grande abalo com suas apostolicas prégações; e por ellas se deu muita gente ao estudo da perfeição. Entre os grandes discipulos que teve o Padre Estrada foi um Henrique Nunes de Gouvêa, cidadão mui nobre e principal, que veio a fallecer tendo feito os votos de Estudante na Companhia. Era Henrique Nunes vizinho de D. Ignacio, o qual, depois que ouvira os sermões do P. Estrada, tinha cobrado um certo desamor ás vaidades transitorias do mundo, das quaes elle em sua riqueza, nobreza e dons naturaes tinha não pequena parte.

Retirou-se entre estes seus pensamentos a uma sua quinta que chamam de Barboza, que está no districto de Passo de Sousa, cinco leguas distante da cidade do Porto, a qual é assento e cabeça do Morgado dos Azevedos de Entre Douro e Minho. Entendeu Henrique Nunes os cuidados de D. Ignacio, e desejando, como tão sancto que era, ganhal-o de todo para Deus, se foi ter com elle áquella quinta. Trataram entre si das vaidades e pouquidades do mundo, e dos bens eternos em que só havia persistencia. Deixou-se D. Ignacio penetrar tanto de Deus, que se resolveu com Henrique Nunes irem ambos ao nosso Collegio de Coimbra tomar os Exercicios espirituaes de S. Ignacio.

Chegados a Coimbra, ambos dentro em o nosso Collegio fizeram os ditos Exercicios por espaço de um mez continuado, no qual D. Ignacio jejuou todos os dias e tomou tambem todos os dias cruel disciplina. Nunca abriu a janella; nem de dia teve outra luz mais que a da candêa, para ter maior recolhimento de seus sentidos.

Todo se poz nas mãos de Deus. Quanto á eleição do estado que havia de seguir, deixou esse cuidado, ao Padre Luiz da Grã, Reitor do Collegio, e a Henrique de Gouvêa, aos quaes pareceu ser vontade de Deus que D. Ignacio se consagrasse ao Senhor em sua Companhia. Tinha n'este tempo vinte e um annos de idade. Foi tanto o que a graça de Deus obrou n'aquelle nobre mancebo, que, depois dos Exercicios, pediu ser admittido na Companhia, e n'ella entrou no collegio de Coimbra aos vinte e tres de Dezembro de mil quinhentos e quarenta e oito, renunciando a casa em seu irmão D. Francisco. Logo se entregou mui deveras ao exercicio de todas as virtudes religiosas, oração, mortificação, abnegação e a todas as mais.

Do silencio era tão amigo, que se lhe iam os dias sem fallar palavra. As horas de oração mental eram muitas, e tantas as lagrimas, que se achava d'ellas molhado o chão. Nas penitencias, jejuns, disciplinas e cilicios, foi tal seu excesso, que se enfraqueceu sobre maneira. Deu-se muito aos officios humildes, e alguns soube exercitar de tal sorte como se houvesse de viver d'elles. Sahiu insigne alfaiate e

sapateiro. Nos annos adiante sempre conservou a alcofinha em que trazia os instrumentos d'esta mechanica. Elle remendava e concertava os sapatos e vestidos e fazia outras humildades, de que fallarei em seu logar; que agora vou sómente dizendo em summa o discurso de sua vida.

O que passou ácerca dos estudos tem o Veneravel Padre Ignacio Martins, que foi seu condiscipulo, por estas palavras: "O Padre entrou já muito homem na Companhia, exercitou-se em a cozinha e outros officios baixos com grande edificação. Pareceu á obediencia o ouvir Artes e Theologia, e assim partimos para ir ouvir um curso que em São Fins, leu um Padre de casa. E alguns vinte que fomos, convem a saber, Reitor, Mestre e discipulos, todos fomos a pé, divididos poucos e poucos. Eu ia com o Padre Ignacio de Azevedo, Affonso Barreto e outros dois: e o Padre Ignacio de Azevedo nos levava a obediencia.

"Tinhamos duas horas de meditação pelas manhãs e outras duas á tarde; e depois communicavamos os sentimentos da oração, a qual communicação nos ajudava muito. Estivemos em São Fins dois annos ouvindo o curso. N'este tempo o Padre Ignacio foi o visitador e espertador dos outros e o que repartia as porções na cozinha. Então se vinha assentar á meza e no comer era notavelmente aspero comsigo. E um dia disse que não era digno de comer pão alvo, mas que desejava comer pão dos farelos que dão aos cães de casa.

"Era estylo d'aquelle curso meditar hora e meia

pela semana antes da Missa e aos domingos duas horas, por se dizer a missa então tarde por não terem vindo ainda as Regras de Roma; e depois da Missa communicavamos cada um com seu companheiro os sentimentos por um quarto de hora; e então iamos a nosso estudo.

"N'este tempo havia muitas mortificações, porque, além das que o Superior dava, tinha cada um com seu companheiro as obediencias revezadas. Acabado o curso, nos partimos todos a pé para Coimbra.„ Até aqui as palavras do Padre Ignacio Martins.

N'esta occasião, indo a São Fins o Padre Mestre Simão Rodrigues, e vendo ao Beato Ignacio de Azevedo mui magro, lhe disse: "Irmão, engordae, tomae côres e forças para o divino serviço.„ Foi coisa que todos notaram que dentro em poucos dias entrou em si, tomou carnes e côres: o que tudo se attribuiu á virtude do Padre Mestre Simão.

No anno de 1553 tomou em Braga no mez de fevereiro todas as ordens sacras; deu-lh'as o Bispo Massilitano D. Francisco da Conceição, como vi na carta de ordens.

No mesmo anno de 1553 começou a ser collegio a casa de Santo Antão o velho em Lisboa e se abriram n'elle escholas, começando a ter por seu primeiro Reitor ao Padre Ignacio de Azevedo. N'este seu governo era grande o fervor com que acudia a tudo o que era trabalho. Ensinava a doutrina em a nossa Egreja, acudia ás galés, carceres e hospitaes; nas confissões era incansavel: trabalhava por um colle-

gio inteiro. A tudo abrangia seu grande espirito, e o ajudavam as forças e robustez do corpo, o qual parecia ser amassado para toda a sorte de asperezas.

No anno de 1556 falleceu em Roma o nosso glorioso Padre Santo Ignacio. Para assistir á eleição do novo Geral foi a Roma com os eleitores o Padre Provincial Miguel de Torres; e em seu logar deixou por Vice Provincial ao Padre Ignacio de Azevedo, o qual n'este tempo, que teve a seu cargo a Provincia, visitou as nossas casas a pé, levando diante um jumentinho com os papeis, capas e algum sustento. Elle nas estalagens o pensava, e ao partir o preparava.

Depois, estando na casa de São Roque por morador e Ministro da mesma casa, entre outras obras de caridade em que se viu muito sua virtude, foi o cuidado que teve de tres pobres enfermos. Deramlhe noticia que em certa parte havia uns tres enfermos tão nojentos que não havia quem a elles podesse chegar, e assim pereciam com summo desamparo. Logo os foi buscar o P. Ignacio. Achou os tres miseraveis mais mortos que vivos, cheios de corrupção e podridão. Fazia sua fealdade estranho horror a quem nelles punha os olhos. Examinando-os com algumas perguntas, entendeu que o estado das almas era tal, como o dos corpos. Tratou de lhes curar as almas; logo negociou no hospital logar em que fossem curados e assistidos com o necessario de algumas pessoas pias. O Padre Ignacio tomou á sua conta curar-lhes e alimpar-lhes as podridões. A to-

dos tosquiou com suas mãos. Um d'estes despedia de si tão pestilente cheiro, que ninguem se podia chegar a elle sem enjoar. O mesmo enfermo bradava á gente que se afastassem d'aquelle logar, porque o ruim cheiro do seu corpo lhes não fizesse mal. A este alimpava o Padre Ignacio com inexplicavel caridade.

Vindo n'este tempo de Evora, onde era Reitor, a Lisboa o veneravel Padre Leão Henriques, homem de grandissimas virtudes, contando-lhe a caridade que ia todos os dias usar com aquelles miseraveis o Padre Ignacio de Azevedo, quiz ir vel-a com seus olhos e assistir a coisa tão digna de veneração. Foi por companheiro do bemaventurado Padre, o qual preparou os seus unguentos, pannos e instrumentos de cirurgião. Começou a curar o seu enfermo, alimpar as chagas e espremer as materias; com o cheiro pestilente que vaporavam deu um desmaio no Padre Leão Henriques, sendo assim que era muito animoso e não era desacostumado a tratar com enfermos nos hospitaes. Porém o Beato Ignacio de Azevedo se havia com tal segurança e fortaleza, como se estivera em algum prado de cheirosas flores.

Com estas obras de caridade assim se lhe affeiçoaram aquelles miseraveis enfermos, que fizeram em ordem ao bem de suas consciencias quanto o Padre d'elles queria. Todos se resignaram na vontade de Deus, soffrendo com paciencia as molestias em que se viam, das quaes finalmente morreram, assistindo-lhes o Padre Azevedo até darem a Deus suas almas.

No anno de 1560 foi eleito por Arcebispo de Braga o incomparavel varão Dom Frei Bartholomeu dos Martyres, da Ordem de S. Domingos. Tinha elle cobrado grande amor aos nossos religiosos, depois que os teve por discipulos em Evora, quando ensinou Theologia ao Senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, de de quem alguns nossos eram condiscipulos, e para isso tinham vindo de Coimbra entre os que foram dar principio ao nosso collegio de Evora. Logo que este sancto homem foi obrigado por obediencia de seus prelados a acceitar aquella dignidade, escreveu ao Padre Diogo Laynes, então Geral da Companhia, significando-lhe o amor que sempre tivera aos nossos Religiosos, e que, tanto que o elegeram ou obrigaram a tomar sobre si tamanha carga, determinara ter por seus coadjuctores aos Padres da Companhia: que, por ser a sua diocese dilatada e mui falta de doutrina, lhe havia pelo menos de conceder até dez Religiosos que fossem ensinando a doutrina, prégando, confessando e explicando casos de consciencia, emquanto elle nos não fundava o collegio. Tendo escripto n'esta forma ao Padre Geral, alcançou de quem governava a Provincia lhe mandasse logo alguns Padres. Foram dois e um Irmão. Dos Padres era um o nosso Beato Ignacio de Azevedo.

Em Braga se recolheram no hospital de S. Marcos. Viviam das esmolas pedidas pelas portas, sem querer usar nem das liberalidades que o Arcebispo lhes mandou fazer, nem das de outras pessoas. Ensinavam aos meninos e rudes a sancta doutrina, sa-

hindo um d'elles com a campainha pelas ruas a convocar os meninos e a gente do povo. Prégavam frequentemente, faziam amizades; havia muitas confissões e communhões. Todas estas coisas eram novas; e por isso d'ellas se seguia maior abalo e commoção. De tudo tinha miuda noticia em Lisboa o religioso Arcebispo que alli esperava as lettras em ordem á sua sagração e se dava o parabem da boa eleição que fizera, e d'ella esperava recolher fructos mui copiosos.

Logo que foi sagrado e tomou posse da sua Egreja, começou, como um novo sol, a illustrar e visitar a sua diocese ao modo d'aquelles antigos Prelados, que são tidos por Padres da Egreja de Deus, indo á serra do Barroso, que é muito aspera e falta de doutrina. N'esta empreza levou comsigo ao Beato Ignacio de Azevedo e a outro Padre da nossa Companhia, chamado Pedro Lopes. N'ella trabalhou este servo de Deus em bem das almas, como de seu agigantado espirito se esperava; e mais tendo deante de si o exemplo de um tal Prelado.

Um caso acho em nossas historias que n'esta occasião succedeu entre os dois varões sanctos e amigos de Deus. Apenas alli se achava outro pão, senão o grosseiro que era o ordinario dos rusticos: acaso houveram os criados do Arcebispo um pão mimoso e se teve por especial delicia. Puzeram-no, como era razão, na meza do Arcebispo, á qual comia o Beato Ignacio de Azevedo: tanto que o viu, o offereceu ao Padre. Elle o não tocou, e no seguinte co-

mer tornou o pão. N'esta fórma andou de um para o outro tantos dias, até que se endureceu e cobrou bolor. Quando assim esteve, então com uma sancta contenda cada um o queria para si sem consentir que o outro n'elle tivesse parte. Tal era a mortificação destes dois insignes varões.

CAPITULO II. — Como pelo bom exemplo do Beato Ignacio de Azevedo se fundou o collegio da Companhia de Jesus em Braga. Do exemplo com que se houve n'este governo e de uma missão que fez á villa de Barcellos.

Voltando o Arcebispo de sua visitação, tendo visto e apalpado o grande espirito e muita virtude do Padre Ignacio de Azevedo, tratou de metter mão á obra da fundação do collegio, que elle tanto desejava, n'aquella cidade para bem do seu arcebispado.

Tinha este negocio graves difficuldades que vencer e não eram faceis, querendo o Arcebispo dar contentamento á cidade e ao seu Cabido.

Até áquelle tempo não havia naquella cidade mosteiro algum nem convento de religiosos mais que um de Capuchinhos de S. Francisco um quarto de legua fóra da cidade.

Ainda que tinha havido muitos Arcebispos religiosos e quizeram fundar ás suas Ordens conventos dentro em Braga, jámais o poderam effeituar. O Cabido contradizia, por não querer que se diminuisse a frequencia da sua Sé; a cidade tinha outras razões;

e todos n'ellas eram tão teimosos que os Arcebispos haviam por bem de se accomodar com elles. O mesmo D. Fr. Bartholomeu por estas contradicções houve de fundar em Vianna do Minho, e não em Braga, o mosteiro que edificou de sua Ordem de S. Domingos.

Communicando pois o Arcebispo o ponto d'esta fundação, viu taes difficuldades no Cabido e cidade, que não ousou continnar n'esta materia seus intentos. Portanto contando ao Padre Azevedo a sua magua, o despediu, dizendo não podia ter effeito a fundação. Tomou o Padre a benção ao Illustrissimo para no dia seguinte fazer seu caminho para Coimbra, e recolheu-se ao hospital de S. Marcos, onde era a sua pousada. Tendo alguma gente noticia da sua partida e que havia de ser pela madrugada, veio antes de romper a alva ao hospital pedindo-lhe a confessasse antes de partir. Não se soube negar o Padre, não obstante o desengano que já tinha de não querer alli a cidade collegio da Companhia; assentou-se e mandou assentar seu companheiro no confessionario e começaram a ouvir alguns penitentes.

Vindo após estes outros recrescendo mais, e logo outros, passava já de meio dia sem os Padres levantarem cabeça. Era tempo em que o Arcebispo estava á meza, ou já sobre ella, quando, repontando-lhe umas saudades do Padre Ignacio, fallou d'elle com muito louvor e sentimento dizendo aos circumstantes: "Aonde irá agora nosso bom companheiro o Padre Ignacio de Azevedo?„ A isto respondeu um criado: "Ainda não sahiu de Braga, porque o deixei agora

confessando no hospital do S. Marcos.„ E' o que dizeis?„ replicou o Arcebispo. "Ide ver se está ahi.„ Foi o mensageiro e voltou com o recado de que os Padres estavam ainda rodeados de penitentes; era isto uma hora depois do meio dia.

Ficou o sancto Prelado edificadissimo e movendo-lhe Deus o coração disse, reprehendendo-se a si: "Esta é a gente que eu deixo ir do meu arcebispado? Taes ministros e ajudadores das almas hei eu de perder? Culpa minha será engeitar tanto bem: não hade ser assim, não.„ Logo mandou um criado que lhe fosse chamar os Padres e não voltasse sem elles. Acabadas as confissões, assim cançados sem terem mettido bocado na bocca, se foram ao Arcebispo. Tanto que os vio, como se vira uns Anjos, lançou-lhes os braços com tanto amor, como se os quizesse metter em sua alma. Manda-os agazalhar e que se não partam, e dá-lhes sua palavra de que o collegio se havia de fazer, pois Deus o queria.

Venceram-se as difficuldades. Fez o Padre aviso a seus Superiores para que lhe mandassem mais obreiros em ordem a dar principio á nova fundação. Um dos que lhe vieram para o ajudarem a prégar foi o Padre Ignacio Tolosa, doutor na Santa Theologia, ao qual o Padre Azevedo dava as prégações de maior expectação e concurso, fazendo elle as de menos explendor, como eram doutrinas e praticas pelas aldêas e logares á roda da cidade.

Emquanto se não assentaram de todo as coisas tocantes ao collegio, residiu com seus companheiros

no hospital de S. Marcos em continuos exercicios de oração, mortificação e caridade. Tratava-se com grande aspereza ; se lhe mandavam alguma coisa de comer que fosse delicada, como iguarias bem temperadas e deliciosas, as não tocava. Mandou-se-lhe de esmola uma gallinha já cosinhada: veio algumas vezes á meza, sem nunca o Padre a tocar nem dizer aos compenheiros que a comessem. Finalmente a mandou dar aos pobres, dizendo-lhe os companheiros por graça, que aquella gallinha devia sem duvida estar excommungada, pois sua Reverencia assim fugia d'ella.

Estando aqui no hospital, antes de ir para o collegio, lia á meza um capitulo do novo Testamento e depois começava a comer; e o seu antepasto, como deixou escripto o Padre Ignacio Tolosa, era um pedaço de pão de brôa.

N'este hospital estiveram os nossos Religiosos até os vinte e nove de Julho do anno de mil quinhentos e sessenta, em que o Padre Ignacio de Azevedo tomou posse da capella de S. Paulo e dos estudos, como primeiro Reitor do novo collegio. Não havia em Braga mais edificio para os nossos, que a capella e pateo das escholas, sem outros aposentos. Por esta causa pousavam os Religiosos em uma casa do pateo com grande aperto. Por não caberem n'ella, iam alguns dormir ás mesmas classes, trazendo e levando cada dia a cama ás costas. N'isto, como no mais, era o Reitor o primeiro. A classe onde dormia era a mais chegada á capella; em uma tribuna que

n'ella havia para a dita capella gastava em oração deante do Santissimo a maior parte da noite. Alli tomava animo para vencer as difficuldades que occoriam em a nova fundação, e tudo alhanava sua muita prudencia e mansidão.

D'elle tem o Padre Ignacio Tolosa estas palavras ácerca do rigor com que se tratava n'este tempo. "Nenhum cuidado (diz o Padre) tinha de si nem do seu tratamento corporal. Com haver muita fructa em Braga, todo um verão se passou sem saber que a havia; e dizia elle com muito espirito aos que estavam em sua companhia: "Irmãos, agora vimos fundar este collegio e fazer os seus alicerces, e ha de ser com muita pobreza e aspereza de vida, porque os que hão de vir, depois de nós, hão de ter bons cubiculos, abundancia das coisas temporaes, e com estes fundamentos se dispõem para com perfeição possuirem o que Deus depois lhes hade dar.„—Em os officios de casa (continua o Padre Tolosa) sempre tomava para si o maior trabalho; e assim algumas vezes era porteiro e cosinheiro: elle mesmo fazia os colchões para os Irmãos. Emfim, para que em poucas palavras diga muito, eu estava em sua companhia o anno de mil quinhentos e sessenta, que foi o primeiro anno do meu noviciado, e tive mui poucas praticas com elle; mas affirmo que todas as suas obras me eram sermões; porque desprezo do mundo, desprezo de si mesmo, obediencia, grandissima diligencia na guarda das regras, todo o genero de perfeição vi n'elle e peza-me, porque o imitei tão mal.„

Começando a referir alguns actos de suas virtudes, diz: "Quero começar pelo conceito que o sancto Arcebispo de Braga, Dom Frei Bartholomeu dos Martyres, tinha do Padre Ignacio de Azevedo, porque um sancto conhece bem outro sancto. Era eu companheiro do Padre Ignacio de Azevedo, e, como era tão humilde, me encommendava a mim os sermões da Sé e elle prégava lá poucas vezes, e disse-me o Arcebispo:—Eu farei prégar ao Padre Ignacio, que é um santo.

"Pois toquei de sua humildade, quero dizer o que d'ella me lembra. Sendo Reitor do Collegio, mandou uma vez açoitar um estudante, filho de um homem honrado d'aquella cidade, por culpas que d'elle tinha. No outro dia veio o pae aos estudos e disse ao Padre Ignacio palavras mui affrontosas e injuriosas sem o Padre lhe responder palavra. No que bem mostrou quão arraigada tinha no coração esta virtude, pois com alegria interior soffreu tão grande injuria. Depois, este homem morreu de uma frechada que lhe deu um seu inimigo; póde ser que fosse castigo de Deus.

"O vestido que trazia era mui pobre e velho; por força lhe faziam tomar uma roupeta nova. Aconteceu-lhe uma vez ficar estudando de noite, emquanto os outros dormiam (o que fazia muitas vezes, porque, como de dia era o mais occupado, de noite estudava os seus sermões), e carregado com o somno queimou o barrete na candêa, e trazia-o com um grande buraco pela cidade. Disse-lhe eu uma vez:—Deve Vossa

Reverencia tomar outro barrete, que esse já parece mal.—Respondeu:—Deixae: pois eu o queimei, eu o tenho de gastar.„

Todas estas coisas diz o Padre Ignacio Tolosa como testemunha de vista. Eu as quiz dizer com suas palavras. Foi este Padre homem de muitas virtudes e digno discipulo de tal mestre: succedeu no governo da Provincia do Brazil ao Beato Ignacio de Azevedo, depois de sua gloriosa morte.

O exemplo do bemaventurado Padre a todos trazia fervorosos. Ninguem, á vista do muito que elle fazia, se furtava ao trabalho. Elle era Reitor e prégador, confessor ordinario e lente de casos de consciencia. A tudo abrangiam seus grandes talentos e zelo incansavel.

N'este tempo de Reitor foi em missão uma Quaresma á villa de Barcellos que lhe pediu prégador. Havia n'aquelle povo grandissimos odios e muitos bandos. Metteu o Padre a mão n'estas desavenças e todas as compoz com geral edificação de todos aquelles contornos, onde estas discordias eram muito bem sabidas. Prégava n'aquella villa, domingos, quartas e sextas de manhã; de tarde ensinava a doutrina um noviço seu companheiro.

Em todo o tempo ouvia as confissões que se offereciam, que eram muitas. Todo o seu negocio nas prégações era confissão e communhão. Acabando de prégar, assentava-se em uma cadeira e ouvia confissões até ás duas e ás vezes mais. Nas segundas feiras prégava no logar de Fam, que dista duas leguas

de Barcellos. Tambem n'este povo fez muitas amizades.

Um dia, havendo de passar o rio entre Fam e Espozende (porque nas terças feiras prégava em Espozende), encheu muito o rio, e, não podendo ir adeante, se hospedou em um mosteiro de Religiosos. Levantando-se elles a rezar de noite, o Padre se levantou tambem a rezar com elles. No dia seguinte ia o rio de monte a monte, porque, álém da chuva, succedeu serem aguas vivas.

Metteu-se em um barquinho, quando no meio do rio se vê na agua um grande tronco, que de meio a meio vinha marrar na pequena embarcação. Deram-se os barqueiros por perdidos. N'isto os animou o Padre Ignacio de Azevedo e se poz no lado da barquinha esperando o encontro do madeiro na mão, e com ella, como se fosse alguma palha, o desviou; e d'este modo sahiram d'aquelle grande perigo, dando a Deus muitas graças por assim os livrar da ruina que tinham por inevitavel.

Nas quintas feiras prégava o Padre em outros logares, distantes duas e tres leguas de Barcellos; e sempre fazia estes caminhos a pé. De sorte que os dias gastava em ajudar aos proximos e as noites em oração com Deus. Em todo o tempo d'aquella Quaresma e depois até o Espirito Sancto, nunca afrouxou em suas penitencias. Acudia aos presos nas cadêas, e aos pobres nos hospitaes. Nunca a Camara da villa nem outras pessoas poderam acabar com elle, que acceitasse o necessario para seu sustento;

mas elle em pessoa com seu companheiro chegavam a duas ou tres portas; e como lhe davam um pedaço de pão, não pedia mais. Este comia feito em pedacinhos fervido em agua com um pouco de sumo de laranja de uma laranjeira, que estava em um quintal da Misericordia. Chegou á noticia do Padre Diogo Mirão, Provincial, o muito trabalho que o Padre tomava, a muita penitencia que fazia e o pouco sustento com que acudia a seu cançado corpo. Escreveu-lhe rogando que poupasse as forças para coisas maiores; e quanto ao tratamento corporal de dormir, vestir e calçar, lhe ordenou désse obediencia a seu companheiro, que era um Irmão noviço de dezesete annos ou dezoito. Assim o fez inteiramente, não se affastando um ponto do que n'estas materias lhe gizava o Irmão noviço. Tambem acho escripto, que, indo o Beato Ignacio de Azevedo para Barcellos, chegando ao rio Prado, como este fosse cheio, fazendo o Padre oração, se achou, assim elle como seu companheiro, da outra parte do rio por virtude divina, sem saberem o como alli foram.

CAPITULO III. — Conceito que d'elle tinha o Arcebispo Dom Frei Bartholomeu. Refere-se uma carta do mesmo Prelado para o Padre e outras coisas que lhe succederam em Braga.

Um dos mais abonados testimunhos que tem a virtude do Beato Ignacio de Azevedo é o grande conceito que d'elle tinha o sancto Arcebispo Dom Frei

Bartholomeu. Costumava-lhe elle chamar o seu Anjo. Quando foi ao Concilio de Trento, lhe escrevia cartas de grande familiaridade. Tenho em meu poder uma resposta do Arcebispo, da qual se vê bem a benevolencia com que se tratavam: é a seguinte:

"*Gratia et vera consolatio.* Duas suas recebi juntas, uma escripta em maio e outra em julho, e com ellas muita consolação com as novas que me dão das mercês que Deus Nosso Senhor com a nova pescaria de peixinhos lhes metteu em sua rede, e confio que serão primícias de outras pescarias maiores, até me pescar peixes Conegos, etc. Confesso que me alegrei em o Senhor com a entrada d'esses moços, assim pelo que toca a suas almas, como pelo proveito que d'elles em algum tempo se pode esperar na Egreja de Deus. Mas juntamente lhe confesso que muito mais me alegrára, se me escrevera que haviam crescido mais os medicos para acudir a tantos hospitaes.

Estes noviços, quando vierem a curar, já eu não heide ter cuidado dos doentes, mas, a bem medrar, de estar no Purgatorio, penando, porque mal curei e menos medicos ajuntei. Vossa Reverencia, como tem caridade mui larga, pretende prover a todos os logares em todos os tempos. Eu escassamente a tenho estendida á diocese de Braga e aos dias de minha vida. *Et ideo dico cum Ezechia*: *Saltem sit pax et veritas in diebus meis.* E por isto desejo que o grande zelo e animo de V. Reverencia, que tem para accrescentar essa sancta Companhia, principalmente fosse em accrescentar obreiros que saibam podar e em-

par; e, após isso, não me parece mal que se-me comecem a criar alguns poucos para o tempo futuro.

E porque, como digo, sou muito amigo de mim e de escapar dos perigos do meu officio, grandemente folguei com as publicas mortificações da ceira, etc. d'esses tirunculos, parecendo-me que em sua maneira eram pregações para esse povo, e por isso não deixe de as continuar a fazer a seus tempos; e, se ha alguns d'elles de que se possa fiar, os mandaria de dois em dois por essas Igrejas, que estão dentro de uma legua, a ensinar a doutrina christã aos lavradores, ou ler por algum livro que lhes seja conveniente, porque o povo rude muitas vezes com estes novos escabeches se affeiçôa e gosta das coisas espirituaes. *Itaque, charissime Pater, hic sit tibi scopus: oppugnare peccata illius regionis tam mirantibus veteranis, quam tyronibus his.* A diligencia na eleição dos que devem ouvir casos lhe encommendo sejam taes, de quem se possa esperar muito fructo.

O Padre Laynes chegou aqui no mez passado; todos receberam muita consolação com sua vinda na congregação dos Bispos, como na geral, e tambem de sua doutrina se ajuda muito este concilio. Os dias passados prégou em italiano; fez um sermão o Padre Salmeirão; entre os Theologos é mui bem ouvido, tem dado grandes mostras de habilidade, assim em materias do Concilio, como em uma prégação que fez em italiano muito a proposito dos ouvintes. Ambos pouzam no hospital. Outro Padre está

aqui que se chama Mestre João; mas como vem por Theologo do Duque de Baviera, pouza como seu embaixador.

A esses Irmãos, que da minha familia passaram á sua, chame junctos, e da minha parte lhes dê uma benção e diga que, pois se passaram do paço terreal para o celestial, que attentem não façam só este passamento com o corpo, mas tambem com o espirito, mudando os pensamentos, os desejos, as palavras, as obras, de terreaes em celestiaes, e que se lembrem, que, quanto hão de ter de bons e no mais, quanto tiverem de mortificados e resignados; não se fiem no fervor de seu môsto, o qual muitas vezes pára em vinho azedo. Peçam ao Senhor que os faça vinho velho, fino e firme, e que lhes dê dom de perseverança. *Quae sola coronatur.* Vi muitos noviços ferver e arder e banharem-se em doçurinhas espirituaes e acabar em grandes tibiezas, até alguns sacudirem de si o jugo do Senhor, porque se não fundaram em verdadeira mortificação e continua oração mental. *Ideo jugiter gemendum: Deus in adjutorium meum intende: deduc me in via tua: Vias tuas, Domine, demonstra mihi. Emitte lucem tuam et veritatem tuam. Vultum tuum, Domine Deus meus, requiram. Deus meus et omnia. Da, quod jubes, et jube quod vis.* E porque agora vos tenho por meus, assim vós me tende por vosso, encommendando-me a Deus, pois vos pôz n'esta segura e deleitosa praia, e a mim lançou n'este bravo mar, em que ando quasi para me afogar. Estas palavras tomei em resposta da carta

que me escrevestes. *Dominus perpetuo servet Rectorem et omnes*. De Trento, vinte de Dezembro de mil quinhentos sessenta e dois. O Arcebispo Primaz.„

Até aqui a carta do sancto Arcebispo em resposta da noticia que lhe tinha dado de serem entrado na Companhia dois estudantes da sua familia.

Entre as coisas mais nomeadas que Deus por meio do Beato Ignacio de Azevedo obrou n'aquella cidade foram as amizades entre diversas pessoas, cujos odios nem o Cardeal Infante, sendo Arcebispo, nem outros Arcebispos poderam extinguir. Dois eram os principaes cidadãos entre si inimigos: tinham já vindo ás mãos e se tinham ferido um ao outro. Fallou o Padre a cada um de per si e pôde acabar com elles que se fariam amigos. Determinou-se o dia em que haviam de vir á nossa Egreja e dar-se as mãos.

No tal dia um veio cêdo. Como tardasse o outro, estava o Padre com cuidado: n'este tempo entrou na Egreja certo cidadão, homem, ao parecer, de bom natural; rogou-lhe o Padre que lhe havia de fazer a graça de o ajudar n'aquella obra do serviço de Deus, chamando-lhe aquelle homem por quem esperavam. "Meu Padre, respondeu elle, mande-me quanto quizer, mas chamar tal homem isso não farei eu, porque ha dez annos que nos não fallamos.„ "Bem está, disse o Padre, Deus vos trouxe aqui para depordes esse odio.„ Tão boas e sanctas palavras lhe fallou, que elle, depois de mostrar alguma repugnacia, disse que da sua parte estava corrente. O trabalho era não acabar de vir o que esperava. Entrando n'este tem-

po outro homem, o Padre lhe rogou muito que lh'o fosse chamar. "Ai! Padre, respondeu elle, trate de outra coisa; ha muitos annos que lhe não dou o *Deus vos salve.*„ Entendendo o Padre que Deus o trazia a tal hora, com sanctas palavras o rendeu como ao primeiro.

Tendo alcançado estas duas victorias, vê entrar na Egreja outro homem a quem fez a mesma petição, que aos dois tinha feito. Respondeu elle que tinham ambos pendenciado e nem o chapeu lhe tirava; que mal o iria chamar. Então o Padre com o exemplo de Christo e dos presentes assim o abrandou, que se poz nas suas mãos. Parece que isto só esperava Deus, porque logo chegou o que era tão esperado; o qual, vendo junctos a quatro seus inimigos, não deixou de se assustar. Então o Padre lhe contou o que havia passado, e como Deus alli os trouxera todos, porque os queria todos para si. Reconciliaram-se uns com os outros; de que resultou grande edificação na cidade e consolação especialmente no nosso Beato.

Aqui lhe succedeu no Collegio de Braga que, chegando horas de jantar e não havendo em casa pão algum que se pozesse na meza, confiado em Deus, que não faltaria a seus servos, mandou tanger á meza. N'este tempo chegou á portaria uma mulher desconhecida e entregou um cesto de pão ao porteiro; e nunca mais d'ella se soube.

Outras muitas coisas e sanctos exemplos houve no Beato Ignacio de Azevedo n'este tempo que go-

vernou o Collegio de Braga. Quando abaixo contar exemplos especiaes de suas virtudes, então direi as mais coisas que d'elle acho em lembrança.

CAPITULO IV.—Vem de Braga á Congregação. Vae a Roma; voltando, passa ao Brazil por Visitador. Dá-se conta da sua visita. Como tornou a Portugal. Refere-se uma carta do Arcebispo de Braga em seu favor para o Papa.

No anno de mil quinhentos sessenta e cinco falleceu em Roma nosso Padre Geral Diogo Laynes. Havendo em Coimbra Congregação Provincial, veio a ella, como Reitor que era do Collegio de Braga, o Padre Ignacio de Azevedo. O apparato era um jumentinho tão fraco que, cançando em o caminho, lhe tirou o Padre o fardel sobre que assenta a carga e, tomando-o com o mais ás costas, caminhou n'esta forma algumas leguas. Com este e similhantes actos tão elevados se ia este grande homem dispondo para a gloria do martyrio.

Quando chegava ás estalagens, elle desenfardelava o jumentinho e o pensava. Com elle diante de si entrou no Collegio de Coimbra; e deixou escripto o Irmão Francisco Cardoso, que então era porteiro, que, mettido da portaria para dentro, foi atar á mangedoura o jumentinho, tirou-lhe o appresto, abrigou-lhe as mazellas com umas cobertas, com aquelle vagar e curiosidade, com que o fazem aquelles que teem cuidado d'este gado, quando chegam ás pouza-

das. Como começassem logo a concorrer com grande alvoroço muitos Padres e Irmãos para lhe darem as boas vindas, elle lhes disse que esperassem um pouco, emquanto acabava de accommodar ao companheiro. Feita esta prevenção, subiu a cima entre os braços de seus Irmãos, que o amavam, como suas virtudes mereciam.

Na Congregação sahiu eleito para ir a Roma por Procurador da India e Brazil em companhia dos Padres, que iam por eleitores. Sahindo por Geral S. Francisco de Borja, de quem eram mais sabidas as suas virtudes e prestimos, o escolheu para Visitador do Brazil. Voltou a Portugal e, tomando comsigo cinco companheiros, tres Padres e dois Irmãos, se embarcou para o Brazil. Chegando ás Ilhas de Cabo Verde, como a náu alli parasse um pouco, não quiz perder tempo o servo de Deus; sahindo em terra, exercitou nossos ministerios de doutrina e confessar por si e por seus companheiros.

Agradou-se tanto o Bispo do bom modo que viu nos Padres de ensinar a sancta doutrina, que rogou ao Padre Ignacio de Azevedo lh'o deixasse por escripto para fazer se continuasse n'elle.

Apportou á Bahia aos vinte e quatro de Agosto de 1566. Era então Provincial no Brazil o Padre Luiz da Grã, o qual leu a patente de Visitador, em que o Sancto Padre Francisco de Borja lhe dava os seus poderes, bem como se elle mesmo em pessoa fizera esta visita. Os primeiros tres mezes gastou em visitar o Collegio da Bahia, que é o principal e ca-

beça d'aquella Provincia, e as aldêas de Indios, que estão a elle annexas. Logo tratou de visitar o resto da Provincia.

Indo o Governador Men de Sá para o Rio de Janeiro a concluir a guerra, que alli havia com os naturaes e Francezes, e fundar n'aquelle Rio uma cidade, n'esta occasião em que tambem ia o Bispo, foi o Padre Ignacio de Azevedo, levando comsigo, entre outros companheiros, ao Padre Luiz da Grã, Provincial, e ao portentoso varão o Padre José de Anchieta, que se tinha pouco antes ordenado de sacerdote. Partiram em Novembro do sobredito anno. Em dezoito do Janeiro seguinte entraram no Rio. Em dia de S. Sebastião se deu assalto aos inimigos, que estavam bem fortalecidos; e com o favor do glorioso Martyr S. Sebastião houveram os Portuguezes uma illustre victoria, ajudando tambem a ella as orações e sacrificios dos nossos Padres, que alli se achavam.

Depois d'isto, o Padre Visitador com o Bispo Dom Pedro Leitão e mais companheiros foram para S. Vicente, onde estava o Padre Manuel de Nobrega, com quem todos, como com homem tão sancto e pae d'aquella Provincia, muito se alegraram. Com elle tratou o Padre Visitador ácerca das coisas d'aquella Provincia. Assentaram entre si que se fundasse Collegio na cidade do Rio de Janeiro, e n'este Collegio de S. Vicente se introduziram, como no da Bahia, as nossas Constituições. D'alli passou a visitar a casa do Piratininga, d'onde tornou a S. Vicente: to-

mando comsigo ao sancto velho Manoel de Nobrega, foi com elle ao Rio, assim para que alli désse principio ao novo Collegio, como para que com maior descanço gozasse dos fructos de seus grandes trabalhos.

Partiu de S. Vicente no mez de Julho de 1567. Indo na embarcação o Bispo, os Padres Azevedo, Manoel de Nobrega, Luiz da Grã e o José de Anchieta, todos elles a qual mais sancto, os livrou Deus Nosso Senhor de um evidentissimo perigo. Ancorou a embarcação defronte do posto, a quem chamam Britioga, em vespera de Sanctiago. Querendo os Padres dizer Missa, se metteram no batel com outros passageiros para sahirem a terra. No meio do caminho se levantou uma medonha balêa, mui assanhada ou de algumas frechadas do navio, ou com a saudade de lhe faltar algum filho que perdera. Por qualquer d'estas causas que fosse, levantou a cabeça e parte do corpo sobre a agua e foi com brava furia seguindo o batel, batendo as azas e levantando diante de si montes de agua. Todos se davam por perdidos e mais quando, chegando ao batel, metteu a cabeça debaixo e levantou a cauda sobre elle como para descarregar a pancada. Aqui os servos de Deus, postos de joelhos, rogaram a Deus os livrasse: o mesmo fazia o Bispo lá do navio e os que com elle estavam e viam tamanho perigo. N'este passo aquelle espantoso monstro, parando com o golpe, se foi escoando pela prôa e os deixou livres.

O Padre José de Anchieta contando este aperto tem estas palavras: "Estava o Bispo e os mais do navio á la mira esperando o successo, com grande temor, mas confiados que não perigariam por ir alli o Padre Ignacio com seus companheiros.„

No dia seguinte de Sanctiago disseram Missa solemne em acção de graças e continuaram sua derrota. Chegando em paz ao Rio, acharam ao Governador occupado na fundação da nova cidade. No coração d'ella deu aos Padres o sitio que escolheram para fundarem o Collegio, e em nome d'el-Rei D. Sebastião, fundador, lhe consignou rendimentos para sustentar cincoenta Religiosos. Tudo agradeceu e acceitou, em nome da Companhia, o Beato Padre Ignacio de Azevedo.

Tendo posto em feição o que tocava ao novo Collegio e deixando por Superior dos nossos ao Padre Manuel de Nobrega, voltou para a Bahia, visitando de caminho as mais estancias, em que assistiam Religiosos nossos, e as aldêas dos Indios, deixando n'ellas boas instrucções em ordem ao bem das almas. No mez de Março de 1568 entrou na Bahia. Sua vista era a todos de grande consolação. Respeitavam-n'o todos como a sancto. Diziam d'elle que podia ser visitador sem Regras nem preceitos, se estivera sempre presente. Isto diziam por ser tal seu exemplo, que podia com os subditos o que acabam as Regras e os preceitos.

Ardia o bom Padre em zelo das almas; via a grandissima seara que nos offerecia o Brazil, e que

os obreiros eram mui poucos. Querendo acudir a esta falta, fez Congregação Provincial para n'ella se eleger Padre que fosse a Portugal e a Roma e trouxesse bom numero de obreiros evangelicos. Deixára o sancto Geral na sua mão ou voltar elle a Roma, ou em seu nome mandar outro, que o inteirasse das coisas do Brazil e do modo com que se podiam adiantar aquellas Christandades. Porém elle quiz que a eleição fosse a votos, havendo-se n'isto com uma religiosa indifferença de ir, se n'elle votassem, ou de mandar a quem os mais escolhessem.

Na Congregação sahiu elle nomeado com geral contentamento de todos. Em quatorze de Agosto de 1568, deixando a todos cheios de saudades se fez á vela para Portugal. No tempo que chegou ao Reino estava El-Rei D. Sebastião em Almeirim; aonde o Padre foi em ordem aos negocios da sua Provincia.

De toda a côrte foi bem recebido, porque eram mui bem conhecidas suas virtudes. Succedeu alli faltar um Domingo prégador por não poder vir de Santarem, em consequencia de não dar o Tejo passagem pela grande inundação com que tinha cobertos os campos. Offereceu-se o Padre para supprir esta falta. Gastou o sermão em contar as coisas do Brazil e gabal-as muito a El-Rei em ordem a que o despachasse bem para os augmentos da Christandade; no que teve o agrado d'El-Rei.

Logo o Arcebispo Primaz, seu amigo velho, lhe deu por carta as boas vindas; e por saber que ia

a Roma lhe mandou carta de recommendação para o Santo Pontifice Pio Quinto, a qual por ser uma valente testimunha da virtude e zelo do Beato Ignacio de Azevedo, quero metter aqui; é a seguinte:

"Depois de beijar os pés bemaventurados de Vossa Sanctidade, Ignacio deAzev edo, Sacerdote da Companhia de Jesus, Visitador e Preposito Provincial da mesma Companhia nas partes do Brazil, vae a Roma tratar com Vossa Santidade alguns negocios de muita importancia tocantes á mesma Companhia; e porque eu tenho bem conhecido sua grande virtude e o desejo que tem de soffrer trabalhos e levar sobre si a Cruz de Christo, de que elle (desprezada a nobreza do mundo) se quiz fazer verdadeiro imitador, assim na pobreza, abnegação e desprezo de si mesmo, como tambem no zelo e aproveitamento das almas, e no augmento da Religião Christã, de que tem dado a todos boas mostras, assim n'esta diocese de Braga onde por alguns annos me ajudou muito, como nas partes do Brazil, d'onde, pouco ha, veio; me pareceu coisa muito pia pedir a Vossa Sanctidade o queira favorecer e receber com aquellas paternaes entranhas e amoroso animo com que costuma receber e abraçar todas aquellas coisas que ajudam ao culto divino e á salvação das almas. Assim que Vossa Sanctidade o pode ter por um varão apostolico e cheio do Espirito Sancto, porque n'essa conta o tem todos aquelles que n'esta Provincia de Portugal o conhecem. Pelo qual todo o favor que Vossa San-

ctidade lhe mostrar e toda a ajuda que lhe der para seus ministerios, tudo tenho para mim, será muito agradavel e acceito deante de Nosso Senhor, cujas vezes Vossa Sanctidade tem na terra; ao qual clementissimo Senhor peço accrescente os annos de vida a Vossa Sanctidade, com os quaes lhe faça muito serviço em a terra. De Braga 4 de Março de 1569. O Arcebispo Primaz.„

Esta a carta do sancto Arcebispo Dom Frei Bartholomeu, traduzida de latim em vulgar, na qual o chama varão apostolico, cheio do Espirito Sancto e diz a grande opinião que havia de suas virtudes. Estes elogios, por serem de tal homem, merecem todas as estimações, e se devem ter por tão verdadeiros, como era quem os fazia.

CAPITULO. V — Parte o Beato Ignacio de Azevedo a Roma; de como alli foi recebido e coisas de devoção que trouxe comsigo; e como todos o queriam seguir.

Fez o Beato Ignacio grande commoção na Côrte. El-Rei em tudo o favorecia. Os nossos Religiosos á porfia o desejavam seguir. Até familias inteiras se lhe offereciam de pessoas seculares e officiaes. Dizem as memorias antigas que, com não ser o Padre eloquente, eram taes suas palavras e tal seu modo, que todos se iam atrás d'elle, como antigamente as arvores, os penhascos, as feras e os rios

atráz de Amphião e de Orpheu. Deixando a todos alvoroçados com os desejos de o imitar, em Maio de 1569 se partiu para Roma. Nosso Padre S. Francisco de Borja o recebeu como a um Anjo do Céo. O Sancto Padre Pio Quinto lhe fez grandes mercês e benevolencias e os Cardeaes o agazalharam com muito amor. Todos gostavam de ouvir de sua bocca as novidades da terra do Brazil. O Papa lhe concedeu grandes privilegios, entre elles os que tinha concedido á India: Indulgencia plenaria para todos os que o acompanhassem, corpos de Sanctos, uma cabeça das onze mil Virgens e outras reliquias de grande estima.

Tambem foi para elle de inestimavel preço uma copia da Senhora que pintou S. Lucas. Por maior respeito d'esta sancta imagem até áquelle tempo nunca os Pontifices permittiram que se copiasse; porém n'esta occasião houve licença do Papa Pio Quinto o Padre S. Francisco de Borja para d'ella tirar uma copia, como em effeito se tirou por um dos mais insignes pintores de Roma. Esta entregou o sancto Geral ao Padre Azevedo para que em seu nome a offerecesse á Rainha de Portugal D. Catharina. Mas antes de a dar a sua Magestade, fez em Portugal tirar d'ella quatro retratos pelo Irmão João Mayorga, um de seus felicissimos companheiros. D'elles, reservou um para si, deu outro ao Collegio de Coimbra, outro ao Collegio de Evora, e outro ao Collegio de Sancto Antão de Lisboa.

Finalmente um ao Collegio de S. Antão de Lisboa, onde fôra Reitor.

Aquella imagem que de Roma trouxera, pediu o Padre Miguel de Torres á Rainha, sua confessada, a deixasse por sua morte á nossa casa de S. Roque, como em effeito deixou, e assim o tem as memorias antigas. Esteve muitos annos em o sanctuario da Egreja; depois por se gozar mais d'ella se pendurou na sacristia em o logar onde se reveste o sacerdote que diz Missa no altar mór, e ao presente n'este logar está e merece singular veneração pelas circumstancias que ficam ditas.

Entre as mais coisas que alcançou do sancto Geral foi, que pelas provincias por onde quizesse vir de Roma para Portugal lhe dessem em cada uma cinco sujeitos para o Brazil, intervindo n'isso tres condicções: primeira que todos o pedissem; segunda, que o Padre Ignacio fosse d'elles contente; terceira, que o Provincial da tal Provincia os julgasse por idoneos, pretendendo com isto que todas as partes ficassem entre si contentes. Quando chegou a Portugal, trazia muitos e mui bons sujeitos. D'elles eram alguns Theologos, outros Philosophos e outros officiaes de diversos officios, que lá lhe eram mui necessarios. Entre elles o Irmão Aragonez, pintor, que tirou os retratos de que fallei. Não deixarei de dizer a grande festa e devoção que houve, quando se mostrou a primeira vez em os Collegios d'esta Provincia a imagem que trazia para a Rainha. A primeira vez que se mostrou foi no Collegio de Coimbra, de-

pois do meio dia, acabado o repouso. Estando todos os Padres e Irmãos no pateo da cisterna, mostrava-se de uma janella; e logo, para a verem melhor e mais de perto, se lhes mostrou tambem dentro em casa em um corredor largo. Não se podiam todos fartar de vêr uma e outra vez coisa tão bella e devota. A segunda vez que se mostrou foi em Evora, depois do repouzo da noite, chegando alli aquella tarde e havendo-se a imagem de levar á Rainha na manhã do dia seguinte, por estar ella então e toda a Côrte em Evora.

Tomou-a um Padre nas mãos e pôz-se em um logar algum tanto alto. Pozeram-se dois Irmãos com duas tochas accezas, um de uma parte, outro da outra. Todos os mais Padres e Irmãos de joelhos chegavam poucos e poucos a vêl-a bem de perto e beijar a extremidade d'ella. Affirmavam todos que nunca tinham visto coisa que lhes representasse tanta virtude e magestade divina, quanto lhes representava aquella sancta pintura. Tambem fez muita devoção vêr e beijar as reliquias, Agnus Dei, Lenho da Sancta Cruz, varios crucifixos e retabulos que trazia. Tudo se poz em Coimbra em uma meza no cruzeiro do corredor do Collegio novo. Alli se chegavam poucos e poucos, veneravam e beijavam as Sanctas Reliquias e tocavam suas contas.

Todas estas coisas ajudavam muito para os Padres e Irmãos se moverem a servir a Deus no Brazil; mas muito mais os incitava o vivo exemplo do bemaventurado Padre. Não havia nenhum que com

tal capitão não quizesse metter-se nos trabalhos e perigos. Em todos os Collegios de Portugal era importunado, e todos tinham entendido que iam a padecer e isso appeteciam. Contando estas coisas o Padre Mauricio, cuja historia manuscripta vou seguindo n'este e nos passos seguintes da vida d'este sancto homem, tem estas palavras: "Louvores a Nosso Senhor! foi este um tempo em que vimos na Companhia um exemplo de toda a edificação: mover-se tanta gente com desejos tão solidos e verdadeiros, quanto bem se viu depois por experiencia, a irem morrer por amor de Christo. Porque todos os que para o Brazil se moviam não se persuadiam menos que ir morrer por amor de Deus ou pelo menos a padecer mui grandes trabalhos e perigos de morte. Como todos estavam n'esta provincia tão edificados de verem, poucos dias antes, tantos Padres e Irmãos nossos morrerem em a peste, os quaes todos com tão boa vontade e com tanta promptidão se metteram na morte por acudirem á saude e salvação dos proximos, já que muitos desejaram e não alcançaram ser companheiros dos que tão gloriosamente morreram na peste, desejavam pelo menos ir buscar alguma outra boa morte por esses mares do Brazil ou por essas Indias Occidentaes.„

Fallando o mesmo Padre Mauricio do fogo que este glorioso Martyr pegava por onde ia, diz o seguinte: "Tanto que chegou a este Reino, foi coisa para dar graças a Deus vêr quanta gente se moveu n'elle para ir ao Brazil, e quanta se movia em-

quanto n'elle andou. Não fallo já nos da Companhia, porque estes todos se queriam ir com elle. Mas os de fóra, onde quer que elle chegava, logo se moviam de maneira, que se alvoroçava a terra. E uns se moviam a ir com elle, outros fallavam n'isso como em uma grande novidade muito para desejar. Viviamos nós em Evora aquelle anno em que ahi chegou, e somos testemunhas de vista que, em chegando, se alvoroçou toda a terra, não sómente a cidade, senão ainda o termo, e não nos podiamos revolver na portaria com gente que vinha em busca d'elle. Uns lhe vinham pedir que os recebesse na Companhia e que os levasse para o Brazil; e d'estes foram muitos e muito bons sujeitos recebidos, os mais d'elles estudantes da Universidade; outros, sendo casados, tendo mulheres e filhos, que os encaminhasse a irem lá morar: outros, sendo officiaes de diversos officios, se lhe vinham offerecer e entregar (até os pastores e lavradores do campo), para irem a habitar a terra.

E até os Religiosos da serra de Ossa, dos quaes ha muitas casas em Alemtejo, que queriam lá ir fundar sua Religião. Dos Frades descalços de S. Francisco tinha tambem movidos para irem lá fundar casas de sua Ordem. De todos escolhia os melhores e os animava; e a uns encaminhava para a Companhia, a outros para irem habitar e ennobrecer o Brazil. E o que mais é, a todos buscava ajudar para suas despezas e gastos. E, á sua instancia, folgava El-Rei de gastar n'esta obra, e os fidalgos e homens ricos, a quem elle fallava, folgavam tambem de ajudar.

Era o Padre Ignacio um dos homens que vimos n'esta vida mui ajudado de Deus, ao qual succediam tão bem as coisas que tomava entre mãos para serviço de Deus, que espantava e captivava a gente com quem conversava; porque se via que não fazia isto com eloquencia natural, porque não era mui eloquente, senão com a graça divina e muita prudencia sobrenatural.„ Até aqui as palavras do Padre Mauricio, que nos deixou escripto com miudeza, assim o que succedeu antes do martyrio, como n'elle, e depois que morreram pela fé.

CAPITULO VI.—Retira-se o Beato Ignacio de Azevedo com seus Companheiros a Val de Rozal, e modo como alli se começou a proceder.

Ajuntou o Beato Ignacio setenta pessoas da Companhia entre Padres e Irmãos, parte que lhe deram das Provincias de Castella, parte d'esta nossa, parte que elle recebeu; dos quaes alguns eram Theologos e podiam ler Theologia e casos de consciencia; alguns eram Philosophos, acabados seus cursos, e podiam ler Artes, outros eram bons humanistas e podiam ler Humanidadse e ouvir Philosophia. De todos estes ia bom numero, mas os mais d'elles eram Irmãos, que havia pouco eram recebidos na Companhia; e muitos vieram mui movidos de Deus que os recebessem e os mandassem logo ao Brazil, ou os mandassem n'esta viagem á prova e experiencia para lá os receberem. D'esta maneira levava elle tam-

bem alguns, para os quaes dizia que esta viagem era sua anteprovação. Alguns mezes antes do tempo de se embarcar, se retirou o Beato Ignacio de Azevedo a uma propriedade do Collegio de Santo Antão, chamada Val de Rózal, uma legua distante do porto de Cacilhas, entre Azeitão e Caparica, sitio mui retirado e proprio para os santos exercicios. Com esta bemdita Companhia se dispoz para a grande felicidade com que todos haviam de ser coroados. Quanto n'estas ditosas brenhas se viu n'este tempo tudo foi devoção, piedade e ternura; e com estes exercicios assim se pozeram correntes para o conflicto, que, sendo os mais d'elles Noviços, pelejaram e venceram como veteranos.

Temos d'esta materia uma devota Historia escripta pelo Padre Mauricio, confessor d'El-Rei D. Sebastião, da qual ainda que se aproveitaram os que d'estes gloriosos martyres escreveram, sempre foi muito pelo grosso, fugindo de descer a miudezas, sendo assim que n'estas é que se vê muito o fervor e perfeição. Por isso irei dizendo estas coisas quasi com as mesmas palavras e distincções, que n'ellas tem o manuscripto do padre Mauricio.

Chegando-se o tempo de partir para o Brazil, começou o Beato Padre a ajuntar toda a sua gente em Val de Rozal. Uns vinham de Evora, outros de Coimbra, outros de Braga e outros do Porto, por onde os tinha distribuido. Todos vinham a pé, vivendo de esmolas. Os que haviam de vir da cidade do Porto, como haviam de vir por mar em uma nau, que o Pa-

dre alli tinha meio fretada para si e seus companheiros, e mui bem preparada com seus gazalhados, tardaram muito. No principio determinára o Padre de se partir n'esta náu com a maior parte de seus companheiros, sem esperar pela armada do Governador Luiz de Vasconcellos, que ia governar o estado. Por tardar ella tanto, prolongou elle tambem muitos mezes a habitação de Val de Rozal. Hospedou-se antes alli, que em Lisboa, por não estar ainda a cidade desimpedida da cruel peste, que no anno de 1569 começára e fizera em Lisboa inexplicavel estrago. Por esta causa determinava o Padre, sendo tempo, embarcar-se de Val de Rozal, sem tocar em Lisboa.

Entretanto fazia n'aquelle retiro com seus companheiros uma vida de Anjos. Tinha-lhes repartido o tempo para os seus exercicios espirituaes, para as praticas e exames. Tinham muita oração mental, além da ordinaria. Exercitavam-se em rigor e pobreza, folgando sentir falta do necessario. Não é explicavel quanto com os exercicios sanctos que alli houve Deus se communicou a seus servos. O Padre Ignacio de Azevedo estava n'aquelle tempo tão satisfeito, visitado e consolado de Deus, que escrevia algumas cartas aos Collegios, tão devotas, que podiam fazer ternura nas pedras. Entre outras coisas dizia o muito que sua alma se consolava em vêr quanto Deus Nosso senhor se communicava áquelles Irmãos. Dizia especialmente estas palavras:—

Que já não esperava em toda a sua vida ter melhor tempo que o de Val de Rozal.

Era em todos os que já estavam singular a alegria que sentiam, quando vinham poucos a poucos dos Collegios. Um dia entravam quatro, outro dois, outro cinco ou seis. Um dia vieram do Porto e Braga dezeseis de uma barcada. Nem estes ainda eram os da náu Sanctiago, que no Porto estava fretada. Todos os que já eram da Companhia e vinham por terra faziam seu caminho a pé, recolhendo-se nos hospitaes e vivendo de esmolas. Havia muita alegria, quando contavam os successos do caminho, os desprezos e respostadas que soffreram. Logo os que já estavam em Val de Rozal choviam sobre o Padre, pedindo, uns licença para lhes lavarem os pés, outros para lhes fazerem a cama. Quem alcançava uma d'estas coisas não cabia em si de prazer. A todos os hospedes agazalhavam em camas de colchões e lençóes: quaes ali eram ordinarias se dirá mais abaixo.

Ajuntaram-se em Val Rozal muitos Padres professos e antigos da Companhia. Alli se acharam os dois Padres que iam como Reitores e fundadores dos dois Collegios das Ilhas, que mandava fundar El-Rei D. Sebastião.

Os Padres que haviam de ir para o Brazil eram o nosso glorioso Martyr, o Padre Pedro Dias, Padre Diogo de Andrade, Padre Francisco de Castro. Havia alli tambem muitos Irmãos antigos de conhecida virtude, e outros que havia pouco tinham posto fim a seu Noviciado; porém os mais eram Noviços.

N'elles iam muitos de grandes esperanças. N'estes se revia o Padre Ignacio de Azevedo, a estes tomou em especial á sua conta. Primeiramente ordenou que todos os Noviços estivessem separados dos maie em duas casas de sobrado. Alli tinham seu Noviciado passante de quarenta. Ainda que era Superior de todos, quiz em particular fazer o officio de Mestre dos Noviços. O seu cuidado foi prégar-lhes a virtude com o seu exemplo. Em todos os seus exercicios se exercitava, sendo elle o primeiro nas coisas de mortificação e humildade. Com o exemplo de elle se fazer Noviço entrou nos mais antigos tanto fervor, que todos se fizeram Noviços, como elle. Não concedia elle isto senão depois de muitas petições, e assim lh'o chegavam a pedir de joelhos. N'esta forma até os professos se pozeram no modo dos Noviços, á imitação do bom Padre. A differença de uns aos outros era sómente, que os Noviços estavam separados com alguns antigos, e os mais antigos na Religião estavam em morada diversa.

CAPITULO VII.—De como exercitou na oração a a seus bemditos companheiros.

Entrou nos servos de Deus grande fervor de oração. Quantos alli estavam tinham todos os dias duas horas de oração mental, a campa tangida, medidas por um relogio de arêa. Isto era além das Missas e exames de consciencia. Não queria que sem licença se tivesse oração fóra d'esta ordinaria; mas com li-

cença se tinha muita extraordinaria. Quando algum queria ter mais oração, o modo de pedir a licença era—*para ter mais tempo de oração oito ou quinze dias.* O Padre concedia os dias conforme via que cada um saberia aproveitar; a uns mais, a outros menos. Havidas as licenças, se entregavam muito á oração, em que sentiam devoção e fervor. Porém o Padre, como Mestre tão experimentado, tinha n'elles grande tento, e antes que fizessem excessos, os reduzia á oração ordinaria. Encommendava que visitassem muitas vezes o Santissimo Sacramento. Costumava dizer nas praticas: "Já que aqui todos somos Noviços, não se deve ter por Noviço quem não visita o Santissimo pelo menos nove vezes cada dia.

Como a devoção era tanta, succedia alguns fazerem estas visitações compridas, imaginando serem breves. Porém o Padre, em vendo que se deixavam esquecer, lhes dava penitencias. Depois do exame da noite, faziam todos uma visita geral ao Santissimo; a esta taxava o tempo de um Padre Nosso e Ave Maria e não mais. Mandava muitas vezes applicar a oração por diversas necessidades: pela conversão dos infieis, pela Companhia, por El-Rei, pela reducção dos herejes, e por outras coisas semelhantes. Pela nau do Porto, como via que tardava, se applicava as mais das vezes, e por ella se faziam muitas devoções e penitencias. Pediam os Irmãos penitencias por suas faltas: quando lh'as concedia, dizia-lhes que fossem tambem pela náu do Porto.

Cada noite havia dez e doze disciplinas no antecôro por diversas necessidades, mas n'estas sempre se incluia a nau do Porto. Quando, no tempo que é dado para fallar, diziam as faltas a algum, conforme o costume dos nossos Noviços, logo este pedia para ellas uma disciplina. Concedia-lh'a, dizendo fosse tambem pela náu do Porto, como se o coração lhe dissesse o grande bem que Deus n'aquella nau lhes havia de fazer.

Era o Beato Ignacio muito devoto da Paixão do Senhor. Mandava lêr á meza quasi sempre o livro *Passio duorum.* Folgava muito de o ouvir, e encommendava aos Irmãos que o lêssem, e meditassem, e mettessem dentro na alma. D'aqui se seguiu terem os Irmãos grande gosto d'esta lição. N'este tempo todo o Val de Rozal ardia em devoção e gosto de Deus. Quando alcançavam alguma licença para mais oração, parecia não poderem fartar a sêde que tinham represada. Como não havia relogio de sino, acontecia, em logar de uma hora, terem duas e tres, imaginando ter sido mui pouca. Houve alli n'esta materia raros exemplos. D'elles direi o que aconteceu ao Irmão Francisco Peres Godoi, ajudando ao Irmão cosinheiro.

Havendo um dia muito que fazer, foi mandado fazer a cosinha no tempo da oração de manhã. Succedeu não haver tempo até juncto da uma hora para ter a sua oração. Tendo então já lavado a louça e as coisas bem dispostas para a cêa, disse ao cosinheiro: "Irmão, eu hoje não tive oração.„ Respondeu o cosi-

nheiro: "Ide ter a vossa oração até que vos chamem.„ Era uma hora depois do meio dia. Ia elle com tanta fome, que houve Irmãos que vieram visitar o Santissimo ás duas e tres horas e o acharam alli. Voltaram os mesmos ás quatro e ás cinco e viam-n'o estar. Tornaram ás seis e sete e o Irmão Godoi no mesmo logar. Assim esteve até ás oito, sem haver quem suspeitasse que o fazia senão com licença. Depois da cêa, indo o refeitoreiro vêr a taboa onde se apontam os que vão á meza, como visse que faltara o Irmão Godoi, começou a perguntar por elle. Responderam-lhe os Irmãos estava na capella desde a uma hora posto em oração. Chamado elle, disse-lhe o Ministro: "Irmão, porque não fostes cear?„ Respondeu: "Estava em oração.„ Pois, disse o Padre Ministro, quando ouvis a campa não haveis de deixar tudo?„ Respondeu: "Mandou-me o Irmão cosinheiro que tivesse oração até que me chamassem, e ainda agora me chamaram.„ Admirou-se muito o Padre Ministro e mandou-o cear. Chamado o cosinheiro, disse que era verdade que assim lh'o mandára, mas que não entendia mais que por espaço da hora costumada. Tal era a devoção e obediencia que Deus tinha communicado a este bemdito homem, parente da Madre Sancta Theresa de Jesus, a qual chamou aos da nossa Companhia *homens bemditos.*

Todos os que de novo entravam na Companhia faziam alli sua primeira provação, tomando uma ou duas semanas de Exercicios de Sancto Ignacio. Tam-

bem os que vinham sem ter acabado os dois annos, alli entravam em Exercicios. Muitos Irmãos do Collegio se recolhiam a ter algumas semanas d'elles.

Com haver tantos que faziam os Exercicios e serem as casas tão limitadas, o Padre tinha modo para todos se recolherem a ter Exercicios. Os Noviços modernos só tinham uma casa, a qual era uma de sobrado, pequena, que algum tempo serviu de pombal. Fazia entrar n'ella cinco e seis junctos; alli faziam sua primeira provação sem fallar uns com os outros· Da mesma maneira todos de companhia, acabada a primeira provação, continuavam, e começavam de tomar seus Exercicios.

Então tinham ainda mais silencio, porque em todo o dia não fallavam uma só palavra uns com os outros. Eram visitados antes do jantar e antes da cêa, dando-se-lhes as meditações para meditarem pela manhã e entre dia. Depois da cêa e jantar, vinha o Padre que lhes dava os Exercicios com um Irmão. A cada um por si perguntava pelas meditações, como se achavam n'ellas, e do que sentiram. Praticava-lhes alguma coisa a proposito do que meditavam; trazia-lhes alguns exemplos com que os animava e ajudava nas suas meditações.

Acabando estes, entravam outros tantos; uma vez estiveram onze. Nos primeiros dois mez nunca aquella casa esteve sem exercitantes. Tinha determinado que todos os que entrassem de novo se criassem d'este modo. Alli acabou seus dois annos o Irmão João Fernandes, de Lisboa, e fez os seus votos na

capella. Quiz o Beato Ignacio que se lhe fizesse festa. Enramaram toda a capella, encheram os altares de flores, tiraram para esta festa a imagem da Senhora de S. Lucas e um Crucifixo que representava ao Senhor vivo na cruz, e outros retabulos. Tudo se poz de festa; houve prégação; depois de feita a festa, abraçaram todos ao Irmão que professára.

CAPITULO VIII.—Das praticas e procissões que se faziam.

Todos os dias, acabada a Missa dos Irmãos, havia pratica. Sómente havia conferencia, em logar de pratica, algumas vezes, de oito em oito dias ou de quinze em quinze. Havia n'estas praticas grande espirito, assim de quem as fazia, como de quem as ouvia. Vinham a ellas quasi todos os Noviços modernos e antigos. Era coisa de grande consolação vêr alli Padres antigos e Professos feitos Noviços, assentados pelo chão, e os que não cabiam na sala, pelas escadas. Os que faziam estas praticas eram muitas vezes o Beato Ignacio de Azevedo, muitas o Padre Pedro Gomes, emquanto alli esteve, e tambem o Padre Pedro Dias. As praticas do Padre Ignacio de Azevedo todas eram da mortificação. Dizia muitas vezes aos Irmãos, assim nas praticas, como fóra d'ellas, que nenhuma occasião de mortificação haviam de deixar passar em que se não mortificassem. "Irmãos, nas coisas mais baixas sempre haveis de ficar magoados de vos outros levarem as occasiões

de mortificação e humildade; se varreis a casa, haveis de ficar magoados de vos outro levar o cisco.„

Dizia que fossem muito amigos da Cruz e dos trabalhos. Quando nas praticas dizia estas coisas, lhe sahiam a elle do coração, e as mettia dentro nas almas de todos.

Outro modo tinha de exhortar mais efficaz, que era, callando, apparecer sómente diante dos Irmãos; porque elle era tudo isto que pregava, elle este desejo da Cruz e de trabalhos; elle era esta humildade e mortificação: e vêl-o um homem diante de si era vêr n'elle quanto tinha prégado. Além de ser conhecido fóra de casa por incansavel nos trabalhos, obediencia e caridade, quando em casa o viam ser primeiro em todas as coisas humildes e trabalhosas, o primeiro na cozinha, o primeiro no varrer, no lavar das tijelas, no arear da louça, em buscar mil invenções de se humilhar, e mortificar, e zombar de si tendo em todas estas coisas contentamento, era esta mui efficaz prégação, e pasmavam todos de vêr toda a virtude, mais formosa em suas obras, que em suas palavras. Não era isto coisa nova n'elle em Val do Rozal; sempre foi o mesmo, desde que entrou na Companhia até que morreu. Bastava, para se recolher qualquer distrahido, vêl-o diante de si; e isto era pratica commum entre os Irmãos de Coimbra em seus primeiros principios: que, cada vez que com elle se encontravam, por mais distrahidos e descuidados de Deus que fossem, em o vendo, logo tornavam em si, e se recolhiam, e punham o pensamento em Deus.

Sempre no fim da pratica havia um quarto de conferencia; e as mais das vezes mandava o Padre Ignacio aos Irmãos que cada um lhe trouxesse aquella pratica escripta. D'estas praticas sahiam mui devotos e penetrados de Deus e do amor da Cruz e trabalhos.

Tambem havia muita devoção com umas procissões que se faziam todos os dias. Ordenava o Padre que fossem a diversas cruzes que havia, distantes, em espaço competente, das cazas. Estas procissões se faziam de manhã pela fria, em alguma meia hora antes da oração, ou da Missa, ou da pratica. N'ellas iam quasi todos, assim Noviços como os não Noviços, mas que o eram por imitação. Quando eram antes da oração, ficava sómente em casa um Irmão na portaria para ter cuidado da mesma casa. Além da utilidade espiritual, servia este exercicio muito para a saude do corpo.

Ouvido o signal da campa, todos se reuniam na sala da portaria. Sahia adeante o Padre Ignacio e o Padre Andrade, entoando as ladainhas, e paravam defronte da portaria; sahiam logo os cantores e os mais, respondendo por sua ordem, e deixavam os dois Padres no meio, os quaes estavam quedos até passarem todos. N'esta fórma todos junctos se dirigiam, as mais das vezes, para a cruz de um outeiro á vista das casas onde hoje, em memoria d'estes ditosos Martyres, se vê levantada uma formosa cruz de marmore, que um procurador do Brazil, por serem a gloria da sua Provincia, mandou levantar

n'aquelle outeiro. Outras vezes iam para outra cruz no caminho de Lisboa e para outras, que estavam em distancias competentes a esta funcção e ao tempo que n'ella se gastava. Iam, de dois em dois, todos por ordem em duas fileiras, indo os cantores na dianteira e no fim os dois Padres, seguindo todos nas respostas aos cantores. Quando chegavam á cruz, todos se punham de joelhos; n'esta postura continuavam as ladainhas até ao fim. Logo que as acabavam, entoavam os cantores: *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera.* Havia alli Irmãos de vozes muito suaves, e assim a musica fazia singular devoção. Concluia o Beato Ignacio as ladainhas com tres orações: a primeira da Cruz, a segunda por El-Rei, a terceira *Respice, quaesumus, Domine, super hanc familiam tuam.*

Nos sabbados as procissões eram um pouco mais solemnes. Cantavam os musicos mais versos em canto de orgão, respondendo outros musicos no mesmo tom.

No dia da Invenção de Sancta Cruz em maio foi a procissão mais solemne, que nenhuma outra. Primeiramente mandou o Padre alguns Irmãos, que preparassem a Cruz grande do outeiro e a tivessem pela manhãsinha muito enramada e vestida com flores e boninas. Assim o fizeram, e alimparam um grande terreiro ao redor da Sancta Cruz, e o juncaram com muita diversidade de flôres. Chegando a procissão á cruz se entoou o *Dulce lignum.* As vozes d'aquelles Anjinhos eram n'este passo uma suspen-

são. Em especial o Padre Ignacio se enlevava todo, enchendo-se de alegria espiritual, como se estivesse no Paraizo. Depois das orações costumadas, tornava d'alli a procissão, as mais das vezes, desfeita. Então vinham poucos e poucos cantando a doutrina ou algumas outras cantigas devotas. Porém no dia da Cruz, depois de festejar a do outeiro que era a Matriz, se foram quasi todos em procissão á cruz do caminho da cidade, cantando hymnos e psalmos, e a vestiram de flores. Da mesma maneira fizeram a quantas cruzes havia por alli á roda; até a uma cruzinha pequena que estava ao canto do lagar e a outra no poço, de sorte que a festa abrangeu a todas as *freguezias.*

CAPITULO IX.—Dos exercicios corporaes e officios em que os occupava e como passavam o tempo das recreações.

Um dos principaes cuidados do Padre foi têl-os sempre occupados em exercicios corporaes. O tempo que restava depois da pratica até o exame, antes do jantar, e o que havia desde a doutrina até á oração da tarde se gastava em officios e exercicios corporaes. Tinha alli todos os officios ordinarios de porteiro, sacristão, cozinheiro, dispenseiro, e refeitoreiro. Estes officios estavam bem providos de ajudadores, de modo que se podessem revezar muitas vezes, quando iam ter oração, ouvir Missa, escrever, lêr, decorar, ir á doutrina e aos tons, porque n'estas coi-

sas, quando iam uns, ficavam outros. Todavia ainda os officios eram poucos para occupar tanta gente, e era necessario buscar mais occupações para dar que fazer a todos. Aqui se via a industria do Padre em inventar officios de novo para os ter occupados com fructo e proveito.

O Irmão Antonio Fernandes era mui bom carpinteiro de marcenaria. Este com alguns que o iam ajudar por ordem do Padre, além de fazerem todas as coisas de carpinteria que eram necessarias em Val de Rozal, fizeram alli muitas cruzes e retabulos, tendo o Padre para isto de comprar boa madeira. N'estes retabulos mandava assentar mui ricas e devotas imagens de seda amarella, verde e de outras côres. D'aqui levou muitas cruzes de páu preto e vermelho mui bem lavradas, das quaes tambem algumas ficaram na Capella e cubiculos de Val de Rozal.

Ordenou tambem que o pintor trabalhasse em seu officio; deu-lhe alguns Irmãos que lhe ajudassem a moer as tintas, e outros que fossem aprendendo o officio. Alli fez duas ou tres imagens tiradas pela de S. Lucas. Alli pintou alguns retabulos mui devotos, illuminou muitas imagens de papel: umas grandes, outras pequenas, e todas se pozeram em retabulos e as arrumou em arcas para as levar comsigo. Como estes dois officiaes eram insignes em seus officios, levaram as traças do retabulo da Egreja de S. Roque e as de outros altares menores para no Brazil fazerem por ellas semelhantes retabulos.

O Irmão sapateiro com outros que sabiam do offi-

cio concertavam todo o calçado que alli era necessario e faziam outro que levar para o Brazil. Aos alfaiates, além de obrarem o necessario para os Padres e Irmãos, fez cortar capas, roupetas e outros vestidos, e assim feitos iam em arcas para lá servirem no Brazil. Além de tudo isto, alli mandou fazer vestimentas ricas, frontaes, pannos de pulpito, alvas, sobrepellizes, e mais ornamentos para os altares.

A outros occupava em trasladar muitas glosas de Theologias, casos e coisas espirituaes que lá podiam servir. Aos que levava destinados para mestres dava tempo para estudar. Aos que tinha mandado preparar para Sacerdotes lia o Padre Pedro Dias suas lições de casos de consciencia.

Houve necessidade de fazerem alguns colchões; não havendo quem soubesse, chamou o Padre Ignacio alguns Irmãos que vissem como elle os fazia, e fez um todo sem alguem lhe pôr mão mais que elle.

D'alli por deante ficaram mestres. Houve tambem alli necessidade de amassar pão e lavar a roupa, por não haver commodidade para isso em outra parte por causa da peste. Logo o Padre Ignacio engenhou como alli houvesse amassadoria, forno e lavanderia, com o necessario para estes officios. Estes eram os mais appetecidos; andavam á porfia a quem os havia de alcançar. O Padre os dava por opposição; quem os alcançava os fazia com muito cuidado e perfeição, acautelando-se n'elles de commetter alguma falta, por onde lh'o tirassem; porque os

outros, tendo-lhe sancta inveja, se apuravam em lhe notar as faltas, para os haverem para si.

D'este modo todos andavam occupados com uma sancta emulação assim nos exercicios exteriores, como nos mentaes de meditação e oração.

Os tempos da mesa e da recreação, depois do jantar e cêa, se adubavam todos com virtude. O comer ordinario era peixe secco, sardinhas, pescadas e bacalhau. Raras vezes havia carne, senão por alguma festa, e esta commumente era de chacina. Para os fracos e mal dispostos não faltava carne fresca.

O que tinha muito que vêr eram as penitencias que continuadamente se faziam no tempo de comer. Não havia mesa em que não comessem em pé sete e oito. Quasi cada dia havia reprehensões que se davam a sete e oito; assim ao jantar, como á cêa, havia disciplinas nas costas. Muitos com licença jejuavam varios dias na semana, em especial na sexta e no sabbado. Para festejarem os seus Sanctos faziam tambem muitas penitencias de jejuns e disciplinas.

Estas festas não as fazia cada um por si só, mas buscava companheiros, que o ajudassem a celebrar o seu sancto. Segundo a licença que tinha, os festejava com sete, oito, dez, doze, jejuando todos e tomando disciplina. Uns iam ás festas dos outros. O contentamento em todos não cabe em palavras dizer quão grande fosse.

Accrescentava o Padre Ignacio este prazer com as reprehensões, a que chamamos entre nós *capêllos*, que lhes fazia dar no meio d'estas coisas. Havia

grande singeleza em todos, assim quando eram reprehendidos, como quando os mandavam reprehender a outros. O mandar estas coisas e o fazerem-se era o mesmo. Ao Irmão Luiz Rodrigues, de Evora, se deu uma vez penitencia por uma falta de olhar pela meza, que estivesse no repouso com os olhos fechados até que lhe dessem sete *capêllos*. Poz-se entre todos com os olhos fechados; foram os sete, uns após outros, dando-lhe estas reprehensões que o bom Irmão esteve soffrendo com muita consolação de seu espirito. A outros, por se rirem muito, se mandava que no tempo do repouso estivessem com os dedos em cruz sobre a bocca. Outros no mesmo tempo vinham com licença dizer suas faltas, pondo-se de joelhos. Em as dizendo, descarregava sobre elles mui boa reprehensão.

Veiu uma vez o Irmão Marcos Caldeira dizer por um papel suas faltas com muitas lagrimas e sentimento. Um que estava avisado pelo Padre Ignacio de Azevedo lhe começou a descantar dizendo: "Boa hypocrisia está essa! Quereis que vos tenham por humilde? Boa humildade! Já que cá nos vinde dizer estas faltas, porque deixaes estas e estas? Estas são as que havieis de dizer e chorar. Mas vós as calláes e não quereis conhecer, para d'ellas vos emendardes.„ Semelhantes reprehensões, ainda que asperas, não os deixavam carregados nem por ellas se entristeciam, antes se animavam a continuar em seus fervores.

O Beato Ignacio, as mais das vezes, se ia para o

repouso ou recreação dos Irmãos Noviços; umas vezes perguntava pela vida do Sancto, que n'aquelle dia se tinha celebrado na mesa, dizendo: "Quem disser melhor louvor d'este sancto lhe hei de dar um premio.„ Este premio vinha a ser alguma reprehensão ou disciplina. Era para vêr como contendiam para levar o tal premio. Outras vezes pediam alli virtudes a Nossa Senhora, uns para os outros, e se armavam conversações mui devotas.

O mais frequente exercicio que fazia n'este tempo era mandar aos musicos que cantassem alguma coisa para recrear os Irmãos, ensaiando com seu exemplo cómo haviam de achar a Deus n'estas recreações. Mandava cantar hymnos, prosas, romances da Paixão, de que era mui devoto. Agradava-lhe em especial um romance, cujo principio era: "*Levantad el pensamiento — Poned los ojos en la cruz — vereis a Christo Jesus — padecer por vós tormento.*„ Este fazia elle cantar a tres vozes, Godoi, Magalhães e Alvaro Mendes, e repetiam com todos os mais cantores estes tres. Muitas vezes se viu o bemdicto Padre estar chorando, quando se cantava este romance, o qual tinha muitos pés e comprehendia quasi todos os mystèrios da Paixão. Outras vezes fazia cantar a *Salve Regina, Ave maris stella, Regina coeli laetare.* Depois da musica, perguntava a muitos em que cuidavam, quando ouviram cantar, em que sentiram mais consolação. O que fazia com tal espirito, que em todos causava devoção.

Depois d'esta recreação, a que entre nós chama-

mos repouso, se recolhiam por hora e meia ou duas horas, nas quaes escreviam ou estudavam, conforme a ordem que se lhes tinha dado, até tanger á doutrina, na qual se gastava uma hora pelo relogio de areia. Aqui perguntava, ora a uns, ora a outros, como se houveram na meditação; e o que Deus n'ella lhes dera a sentir, dizendo sobre isso coisas que os podessem ajudar. N'isto gastava pouco mais de um quarto. Logo mandava perguntar uns aos outros pela doutrina; e se haviam, como se a ensinassem fóra em publico. Ao outro dia, no mesmo tempo, havia lição das regras e exercicio de tons, os quaes faziam n'aquella lingua que sabiam, e se lhes mandava, ora em latim, ora em grego, ou hebreu, ou castelhano, porque havia n'elles quem sabia estas linguas. O mesmo era mandal-os, que arremessar-se, sem pôr n'isso alguma difficuldade.

Capitulo X. — De outros sanctos e proveitosos divertimentos com que o Beato Ignacio de Azevedo occupava a seus bemaventurados companheiros em Val de Rozal.

Tambem pelas tardes principalmente iam muitas vezes ao matto buscar lenha. Traziam dois e tres feixes no dia ás costas; faziam alli juncto de casa grandes montes de lenha. Porque era tempo de poda, iam tambem muitas vezes a apanhar todas as vides e fazel-as em feixes; e d'ellas faziam grandes montes. Outras vezes iam colher rosmaninho para as

ovelhas comerem, e ajuntavam em feixes para levarem para o mar. Sahiam outrosim a colher carqueja, de que faziam muitas e boas camas com suas cortiças á cabeceira, porque camas de colchão não as havia alli, senão para alguns achacados ou alguns hospedes. Nem havia quem mostrasse ter d'ellas necessidade.

Outro divertimento era sahirem a colher grãa, da qual havia muita nos mattos de Val de Rozal. D'ella obrou o Pintor bellissimas tintas, que levava para o Brazil. Outros mais fracos apanhavam flôres e ramos para armar os altares. A todos estes exercicios sahiam com grande prazer, fallando entre si coisas de Deus. Com elles não poucas vezes ia o Beato Ignacio de Azevedo; ainda que d'alli costumava frequentemente ir a Belem a dar aviamento ás coisas da viagem: parecia que a nada faltava. Quando os Irmãos de tarde iam ao matto, os acompanhavam os Sacerdotes e o Padre Ignacio, quando se achava presente. Fazia algumas vezes levar-lhes lá de merendar, a cada um seu quarto de pão e uma talhada de queijo com uma quarta de agua. Acabada esta refeição tomavam ás costas os feixes que já estavam feitos e preparados; não consentia porém que os Sacerdotes trouxessem feixe algum. Só elle arremettia a um feixe e, tomando-o ás costas, o começava a levar com os Irmãos. Aqui os Irmãos, não consentindo tal coisa, se iam a elle, pegavam-lhe no feixe e diziam-lhe que, pois lhe não parecia bem que os Sacerdotes levassem feixe, tambem não era razão

que o levasse Sua Reverencia. N'esta contenda, ainda que rindo e gracejando, o queria e procurava levar; mas os Irmãos, tambem rindo e gracejando não largavam d'elle.

Tanto porfiavam, até que lhe tomavam o feixe e o repartiam entre si. Consentia o bemaventurado Padre que lhe fizessem esta força, e ficavam todos rindo, e passava tudo por graça. Mas a graça era mui modesta e sancta, como o eram todas as suas acções.

N'esta fórma aquelle sancto esquadrão de soldados de Jesus se vinha retirando para casa, tão alegres e contentes, que podiam fazer inveja ao sancto menino Isaac debaixo do seu feixe, em que o pae o intentava sacrificar.

Chegando o tempo da oração da tarde, se dispunham para ella lendo o quarto antes por livros espirituaes. Ainda que na oração da manhã mandava o padre a muitos que da hora tivessem meia de oração vocal e a outra meia de oração mental, esta hora de tarde todos a tinham mental. Era das quatro e meia ás cinco e meia; todos acudiam a ella sem ficar algum nas officinas. Os Noviços modernos a tinham na sua Noviciaria; os antigos, parte d'elles nos cubiculos, parte na capella diante do Sanctissimo. As janellas e portas todas estavam fechadas. Fazia grande admiração o summo silencio que havia em todo o Val de Rozal, com haver alli mais de cem pessoas. Quando estavam todos em oração parecia não estar alli alma viva. Não havia silencio de meia noite que vencesse este. Tanto se embebiam todos em Deus!

Do tempo da cêa e recreação, depois d'ella, basta dizer que se passava como o do jantar. Acabado o repouso ou recreação depois da cêa, os Irmãos se recolhiam a seus officios ou a coisas ordenadas, segundo a disposição do Beato Ignacio. Porém os que se apparelhavam para tomar ordens sacras, n'esta hora tinham suas conferencias de casos, a que presidia o padre Pedro Dias. Depois faziam todos seu exame de consciencia, visitavam o Sanctissimo e se recolhiam a tomar descanço.

Outra coisa que aqui houve de grande recreação espiritual foram as peregrinações. Havia n'elles abrazados desejos de ir peregrinar. Não ficou Noviço, nem Irmão do Collegio ou Padre, que não pedisse estas peregrinações. A muitos se concederam. Uns foram a Nossa Senhora do Cabo, outros a Nazareth, outros a Tourega, outros a Nossa Senhora das Virtudes. Iam de dois em dois ou de tres em tres, pobremente vestidos. Dava-lhes o padre á ida sómente dois ou tres pães de esmola. Havia grande alegria quando voltavam. De ordinario rôtos, mortos de fome, magros e desfeitos com as fomes que passavam, mas tão contentes, como se vieram de alguma grande festa.

O Beato Ignacio os sahia a receber e, após elle, todos os Irmãos, com gosto incrivel. Depois dos abraços, eram levados ao refeitorio. No tempo do repouso ajuntavam-se todos. Fazia-lhes o Padre contar os successos da peregrinação, as reprehensões

que lhes davam, chamando-lhes vadios, ociosos, dados á calaçaria.

Tambem contavam, como algumas vezes os quizeram prender e ao pedir das esmolas lhes davam estas e aquellas respostadas. Acabando de contar estas coisas, todos os outros arremettiam ao Padre, pedindo que os mandasse; que, pois eram vindos já uns, bem podiam ir outros. A muitos algumas vezes lhes despachava logo a petição. A maior contenda era em agasalhar estes hospedes. Uns contendiam sobre lavar os pés, outros sobre fazer a cama. Aos que vinham de peregrinar, álem de lhes lavarem os pés, vestiam camiza lavada, dormiam em cama de colchão e lençóes. Algumas vezes mudavam o demais vestido; ainda que d'ahi por deante se lhes concedia dormir na carqueija, como dormiam os mais.

Uma das grandes recreações com que muitas tardes os alliviava era descer com elles ao mar que fica como meia legua das casas de Val de Rozal. Iam os musicos cantando hymnos, psalmos e cantigas mui devotas, accommodadas á recreação e devoção.

O Padre muitas vezes os mandava descer abaixo á praia do mar, ficando elle commumente em cima nas barrocas com dois ou tres. Ajuntavam-se á roda de uma fonte que está na praia. Uns se recreavam estando alli em sancta conversação, outros andavam pela praia apanhando conchinhas de mariscos, outros se chegavam ás ondas e se affastavam d'ellas; em especial os mais pequenos se recreavam com as ondas. O sitio, por seu retiro, dava logar a todos

estes honestos desenfados. Por fim da recreação lhes mandava o Padre dar de merendar juncto da fonte a cada um seu quarto de pão com alguma fructa. Depois voltavam a casa cheios de consolação.

Estes são em summa os exercicios com que em Val de Rozal o Beato Padre Ignacio de Azevedo, por coisa de cinco mezes, ensaiou para o martyrio aquelles seus ditosos soldados, e sanctificou todo aquelle sitio, em o qual não ha palmo de terra que não fosse pisada e tocada com pés tão sanctos.

CAPITULO XI.—De como deixaram Val de Rozal, e do mais que passou até sahirem pela barra fôra.

Chegava-se o tempo de partir para o Brazil. Fazia-se prestes o Governador e toda a frota que havia de ir n'aquelle anno. Só a desejada náu do Porto não acabava de apparecer. Julgando o Padre que não era bem esperar-se mais, tratou de mudar a casa, deixando Val de Rozal e passando para Lisboa com todos os companheiros em ordem a dispor a viagem em algumas náus da frota, deixando ao Padre Pedro Dias com alguns mais para irem em a nau Santiago. Um dia de tarde publicou que no seguinte dia se haviam todos de ir de Val de Rozal para se embarcarem. Não cabiam em si de prazer com tal nova. N'aquella noite entrouxaram todos o fato. Em rompendo a manhã, depois de terem a sua oração e ouvirem a sua Missa, sahiram todos antes de nascer o sol. O desejo de se verem no Brazil era tão

grande, que lhes tirava as saudades de Val de Rozal.

Começaram a caminhar todos junctos ao porto de Cacilhas. Não havia para todos mais que uma só cavalgadura, na qual se revezavam tres ou quatro mais fracos. Tomaram barcos e passaram a Lisboa. Endireitaram a se hospedar na casa de S. Roque. Pasmava a gente de ver juntos tantos e tão modestos Irmãos; os mais d'elles iam em corpo. Quinze dias estiveram na casa de S. Roque antes de se embarcarem.

Alli em aquelles dias tinham todos os exercicios que faziam em Val de Rozal. Em logar de alguns corporaes, succederam cá outros, como eram ir á ribeira comprar e trazer ás costas as coisas compradas; traziam-n'as em ceirinhas. Quasi todos passaram por este exercicio; como tambem por outro de ir ao hospital servir aos enfermos. N'estes quinze dias fizeram por suas mãos muitas toalhas, guardanapos e almofadas pequenas, de uma vela que El-Rei lhes dera de esmola, para lhes servirem pelo mar. Como o bemdito padre era n'estas coisas tão grande official, este seu engenho de mãos parecia pegar-se tambem a todos.

N'este tempo succedeu uma coisa notavel ao Irmão Fernão Alvares, que morreu em companhia do Padre Pedro Dias. Tendo uma grave tentação, se sahiu da casa de S. Roque com intento de não voltar. Passando pelo Curral, um touro que estava para ser morto se soltou e se foi ao Irmão, lançou-o por

terra e o enxovalhou, sem lhe fazer mais o deixou. Cahiu em si o fugitivo, voltou a casa, chorou e pediu perdão ao Superior. Foi recolhido sem nada se saber, porque havia poucas horas se tinha ido, e se não achara até alli sua falta.

Teve entre outras coisas o Padre Ignacio singular dom de conhecer os que tinham verdadeira vocação. Era mui animoso em os tornar a mandar, desenganando-os que não havia n'elles o necessario para aquella empreza, ainda que por outra parte tivessem grandes talentos. A um que tinha em pouco as coisas da obediencia lhe disse, que não era para a Companhia. Depois que sem effeito lhe applicou alguns remedios, o mandou com a benção de Deus para sua terra, dando-lhe ajuda de custo. Direi as faltas que n'elle havia, e pelas quaes lhe descontentou. Eram semelhantes a esta. Mandaram-no uma vez a ajudar ao cosinheiro; applicou-se mal a isto. Reprehendido porque não fazia o que se lhe mandava, respondia que no Brazil faria aquillo e muito mais.

Da mesma maneira tornou a mandar dois Noviços de Belem e um de Sancta Catharina, estando já embarcado, só por lhe parecer não eram dignos d'aquella empreza. Tambem tornou a mandar outros para os Collegios, d'onde tinham vindo, não pelos julgar indignos da Companhia, mas ou por não corresponderem á perfeição que elle queria e era necessario para o Brazil, ou por ver que por suas indis-

posições corporaes não podiam aturar lá os trabalhos.

Tinha o Beato Ignacio de Azevedo disposto a viagem em algumas naus da frota, visto não chegar a nau do Porto: só faltava embarcarem-se, que o demais estava tudo corrente e os navios de verga d'alto. Quando em S. Roque se queria despedir, chegou de Belem o Irmão Antonio Soares, dando por novas ser entrada a nau do Porto. Houve com isto em todos notavel prazer. Logo o Padre os fez chamar a todos, e assim juntos foram á capella dar graças a Deus por lhes trazer aquella nau ainda a tempo que podessem fazer n'ella sua viagem.

Logo fez tirar para esta quanto tinha mettido nas outras naus. Então se metteu n'ella com quarenta companheiros. Ao Padre Pedro Dias embarcou em a nau do Governador com vinte e tantos companheiros. Ao Padre Francisco de Castro com dois Irmãos fez embarcar em a nau dos Orphãos. Chamava-se com este nome por levar muitos meninos que do tempo da peste ficaram desamparados e por ordem d'El Rei iam para povoar a terra. Os da Companhia eram sessenta e nove, a mais numerosa esquadra de missionarios, que até ao presente sahia d'este reino para as suas conquistas. Alem d'estes, levava muitos nas tres naus para lá os receber, se na viagem dessem de si boa satisfação.

Depois que se embarcou, antes de sahir do rio, alli ordenou de sorte as coisas, que a nau Santiago era um collegio da Companhia tão bem ordenado,

que o não seria melhor em terra. Como tinha fretado a metāde da nau, toda do mastro até á pôpa, era sua, debaixo da tolda e debaixo da coberta. Tinha mandado fazer seu dormitorio com beliches de uma e outra parte. Do pé do mastro até á camara do leme, ficava despejado um espaço semelhante a um corredor; este era o seu refeitorio. Tinha alli mandado pôr uma meza de uma só taboa, que tomava todo este comprimento do pé do mastro até á pôpa. Esta se abaixava e levantava com um engenho de cordas, quando era necessario. Um dia á tarde se embarcaram e no seguinte dia começaram com sua ordem, como se estivessem no collegio. Havia alli tanger a espertar e á oração, tanger á primeira e segunda meza, havia lição a ambas, havia tanger ao repouso, e a recolher: não faltava o dizerem a culpa, nem penitencias e disciplinas. Havia alli todos os officios ordinarios de uma communidade, dispenseiro, cosinheiro, refeitoreiro, enfermeiro, boticario e sacristão. O seu cuidado foi ter em que occupar a todos.

Logo que se embarcou, tomou posse do fogão da nau, mandou-lhe fazer um repartimento de taboas, ficando cercado da parte de fóra para os da nau, e aberto da parte de dentro para os nossos. D'esta maneira fez d'elle cosinha, em que os nossos se podessem exercitar na humildade pelo mar. Para que toda a cosinha fosse nossa, fez aos Irmãos cosinheiros de toda a nau. Todos os que queriam cosinhar alguma coisa, a davam por uma janellinha aos nos-

aos cosinheiros; depois, quando era tempo, por alli mesmo a recebiam guizada sem nenhum entrar dentro.

Fez que o pintor, o carpinteiro e alfaiate tivessem sempre que fazer em seus officios. A maior parte dos Irmãos occupava em fazer costura da vela que levavam por terem quasi todos aprendido este officio. A muitos dos estudantes mandava tambem estudar.

Não havia alli portaria, nem porteiro, nem era necessario, porque nenhum de fóra entrava no aposento dos Irmãos. Tinham tanta reverencia áquelle logar, que do pé do mastro por diante ninguem ouzava passar. Como principiava a lição espiritual da meza, logo todos se callavam e se punham a ouvir. Era tal o silencio em toda a nau, que até os passageiros e marinheiros pareciam Religiosos.

CAPITULO XII. — Parte de Lisboa o Beato Ignacio de Azevedo com seus companheiros. Modos sanctos com que se houve até chegar á ilha da Madeira. Como aproveitou e recreou a todos.

Dez dias pouco mais ou menos esteve embarcado defronte de S. José e de Santa Catharina, guardando n'elles a dita ordem, como se ainda assistira em Val de Rozal. D'ahi sahiram alguns dias a ouvir Missa e commungar a Belem e a S. José. No fim d'estes dias tiveram o tempo que esperavam, com o qual botou toda a frota pela barra fóra aos cinco de julho. Constava de sete naus e uma caravella. O

Governador do Brazil D. Luiz de Vasconcellos ia em uma nau da India, grande e formosa, que servia de capitania. Esta levava o farol e bandeira na gavea. A nau Santiago era· Sotocapitania. Tiveram tempo favoravel, com o qual, umas á vista das outras foram demandar a Ilha da Madeira.

Ordenou logo o Padre Ignacio de Azevedo, que houvesse todos os dias ladainhas na nau, e que a doutrina, com que os Irmãos se ercitavam em Val de Rozal, fosse para toda a nau. O seu primeiro cuidado foi grangear os animos de todos, e para isto tinha modo mui singular. A cada pessoa deu seu *Agnus Dei* e seu Rosario da Senhora, de contas bentas. Logo lhes fez uma pratica da estima em que deviam ter estas coisas, e quão fructuosa costumava ser a sancta doutrina. Com esta exhortação ficaram mui desejosos de a ouvir. Como os viu assim affeiçoados, concertou-se com o capitão e principaes da nau, que, em ouvindo tanger á sancta doutrina, acudissem todos. O primeiro dia que se deu signal a ella todos quantos havia na nau se ajuntaram para a ouvir. Sahiu o Padre Ignacio com todos os Irmãos; elle fez esta primeira doutrina, e só os Irmãos eram perguntados; e mandou cantar dois. Gostou tanto a gente d'esta primeira doutrina e das que se foram seguindo, que todos folgaram e determinaram de responder na doutrina. A alguns que desejavam responder e não sabiam ou sabiam pouco dava o Padre Irmãos particulares, que cada dia lhes ensinassem e dessem alguma lição d'ella. Depois de ter

bem introduzida a santa doutrina, a entregou ao bemaventurado Irmão Bento de Castro, o qual d'ahi por diante a fazia, achando-se sempre em presença o Beato Ignacio.

Foi-lhes, após isto, propondo premios e alguns *Agnus Dei* bem guarnecidos e rosarios de contas bentas. Cresceu muito a emulação; não havia quem não gostasse de saber a doutrina, responder a ella e disso se prezasse. Foi a coisa tanto ávante, que até o capitão, piloto e contramestre folgavam de se levantar e responder com o barrete fóra, e o tinham por honra, ainda que o Irmão não queria que o capitão respondesse alevantado e desbarretado, por ser homem honrado e capitão da nau.

Uma vez lhes fez o Padre Ignacio seus premios, e umas contendas publicas sobre uma imagem de sêda muito formosa e outros dois premios menores. Oppuzeram-se a estes premios os mais graves, o capitão, o piloto e outros. O primeiro premio se adjudicou ao capitão, o segundo ao piloto, o terceiro a um passageiro honrado, todos tres homens de mais de quarenta annos. Deram-se-lhe com grande festa de todos.

Gostavam muito de ouvir cantar a sancta doutrina por isso lh'a mandavam cantar por dois Irmãos que tinham vozes mui engraçadas, como eram os Irmãos Aleixo e Magalhães.

Não parava o zelo d'este sancto homem n'estas coisas, mas de umas fazia degrau para as outras.

Tinha grandes modos para fazer de todos o que queria. Quando determinava effeituar alguma coisa, que

tivesse difficuldade, os ajuntava no castello da pôpa e praticava com elles; logo, por lhes fazer festa, mandava cantar alguns Irmãos coisas devotas. A's vezes, depois das praticas e cantigas, tambem os convidava.

N'esta fórma um dia, tendo-os todos contentes, querendo-lhes tirar os livros de coisas profanas, lhes disse que lhes trouxessem os livros que tinham, e pelos que não fossem bons lhes daria outros. Logo todos lhe trouxeram alli grande somma de autos, coplas, novellas e outros livros profanos. Todos os tomou e lançou ao mar. Em lugar d'estes, a uns deu o *Contemptus mundi*, a outros uma doutrina e livros semelhantes, com que ficaram mui contentes. Tambem deu para todos em commum um *Flos Sanctorum* de Braga. Determinou logar, no qual para todos os da nau estivesse em publico. Ordenou que o Irmão Magalhães todos os dias a certa hora lhes lesse por aquelle livro. N'esta hora se ajuntavam muitos a ouvil-o, e n'isso tinham prazer.

Quando se queria pôr o sol, mandava tanger ás ladainhas; acudiam logo todos os Irmãos. Tambem o capitão e contramestre tocavam seus apitos e concorriam quantos havia na nau, sem ficar mais que um ao leme. Postos todos de joelhos em cima da xareta, o Padre Ignacio e o Padre Andrade entoavam em canto de orgão as ladainhas. Respondiam os musicos sómente, os outros ficavam de joelhos. No fim dizia muitas orações por diversas necessidades.

Sempre concluiam as ladainhas com a *Salve* e algumas vezes com a *Regina coeli laetare, alleluia,* tres

vezes. Tudo se cantava com grande suavidade. Depois, já bem de noite, faziam os marinheiros sua *Salve,* tocavam seus apitos, ajuntavam-se todos. Acertava isto a ser de ordinario, quando os Irmãos estavam todos recolhidos a fazer seu exame de consciencia. Postos todos os marinheiros de joelhos, um se punha da bitacula com uma candeia e começava a entoar suas prosas e orações, nas quaes invocavam o favor de muitos Santos e lhes faziam suas petições, dizendo por isto outros tantos Padres Nossos e Ave Marias. Gastavam n'estas coisas uma hora pouco mais ou menos. No fim benziam sua candeia, como é costume dos mareantes. Com haver todos os dias doutrina, ladainhas e *Salve* ordenada pelos Padres, nunca os da nau deixaram estas suas costumadas devoções.

Em todos os domingos e dias sanctos havia missa sêcca, cantada em a nau. Ainda n'aquelle tempo se não costumava, como hoje, dizer missa, no mar. Fazia o Padre armar um altar no mais alto castello da pôpa com frontal e ornamentos ricos com a imagem de Nossa Senhora de S. Lucas. Sahia elle com vestimenta rica conforme o frontal; estando todo o côro e Sacerdote prestes, tangiam a campa. Acudiam quantas pessoas havia em a nau, todas com suas velas accesas, punham-se de joelhos com as velas nas mãos. Era coisa notavel que raro se achava alli quem não sahisse com seu cirio ou vela accesa. Costuma esta gente do mar pelas Endoenças comprar um cirio ou uma vela mui formosa, accendel-a deante do

Santissimo e, depois de ter ardido um pedaço, a recolhem como coisa benta e sagrada. Levam-n'a para casa, guardam-n'a com devoção para todos os perigos, e para lhes servir de candeia na hora da morte·

Por esta causa quasi todos no mar a levam em suas caixas. Depois da Missa, fazia o Padre sua prégação, que durava pouco mais ou menos uma hora, e sempre prégava da caridade, de que elle andava cheio. Não é para passar em silencio, como antes da Missa benzia a agua e a ia lançando por toda a nau; depois a lançava no mar, e os cantores em canto de orgão cantavam o *Asperges,* que o Padre ia dizendo em voz baixa.

Porque no tempo da meza a gente da nau guardava muito silencio, ouvindo a lição espiritual que se lia, e dava fé de tudo, não havia penitencias, nem reprehensões, nem disciplinas. Mas porque estas coisas não faltasssem, descobriu modo para as haver.

Tinha elle repartido tres logares para a recreação, a que chamamos repouso; um debaixo da coberta, onde tinham a maior parte dos seus gasalhados; outro a um canto do mesmo refeitorio, outro na varanda. Como a varanda estava sobre o leme, no logar mais escuso e apartado de toda a nau, ordenou que no tempo do repouso se dissessem as culpas, se fizessem as penitencias e dessem as reprehensões, e que alli á noite secretamente, se tomassem as disciplinas.

Tirou uma vez os sanctos, como no fim do mez costumamos na Companhia. A esta solemnidade assistiu toda a gente da nau e todos tiraram seu sanc-

to. Encommendou-lhes muito lhe tivessem devoção, porque sem duvida receberiam d'elle favores; dizendo a este proposito que, quando viera do Brazil, o Sancto do mez o trouxera a salvamento, porque no seu dia entrára no rio de Lisboa.

Toda a frota, depois que partiu de Lisboa, foi quasi sempre junta; tanto que muitas vezes iam as naus á falla umas das outras. Todos os dias se salvavam duas vezes, em amanhecendo e anoitecendo, e isto por sua ordem. Primeira que todas, a nau Santiago, que era Soto-capitania, salvava á capitania; ella lhe respondia com seus apitos e boa viagem.

Prepassava a capitania por todas as outras, e cada uma lhe fazia o mesmo; depois de todas a salvarem, salvavam tambem á Soto-capitania. Indo assim todas junctas, muitas vezes, depois de se salvarem, mandava o Beato Ignacio cantar ao Irmão Magalhães aquella prosa que começa: *Muerto está el buen Jesus*, a qual o irmão cantava com uma voz tão suave, que parecia coisa do Céo, tão esperta, que até as naus que vinham mais affastadas a ouviam e folgavam de se chegar mais perto, porque aquella voz tão suave, ouvida entre as ondas, fazia umas saudades da gloria. Outras noites dava outra musica mais suave a todas as naus junctas, porque fazia cantar *Recuerde el alma dormida* a tres vozes com a harpa. Cantavam os Irmãos Alvaro Mendes e Magalhães, o Irmão Godoi tangia a harpa e fazia contrabaixo.

Esta musica era tão sentida de noite sobre o mar, que todos a ouviam pasmados. Viam-se chorar mui-

tas vezes os Irmãos, e o Padre Ignacio não parecia estar n'esta vida. Tudo era umas como vesperas da eterna felicidade, em que dentro de pouco tempo se havia de alegrar em companhia dos Anjos.

Nas outras duas naus, em que iam os Padres, tambem não faltavam semelhantes devoções e sanctas recreações, porque na nau do Governador tambem havia Missas cantadas e officiadas pelos cantores do Governador. O Padre Pedro Dias dizia Missa e prégava a ella. O Irmão Gaspar de Goes fazia nas tardes a doutrina. Na nau dos orphãos tinha o Padre Castro mui bem exercitados os meninos, aos quaes, quando prepassavam pelas outras naus, lhes ouviam á noite cantar a *Salve*, e de dia a doutrina.

N'esta fórma, com bom tempo, em sete dias a frota toda junta chegou á Ilha da Madeira, aonde se detiveram vinte e quatro dias.

Emquanto aqui descançam e se resolve a partida da nau Santiago para as Ilhas Canarias, ainda que tenho dito muito das virtudes do gloriosissimo Martyr de Christo, quero referir outras coisas, que no discurso da sua vida me ficaram por dizer, porque se veja, antes de o mettermos na gloria, por meio do martyrio, toda a escada de excellentes virtudes e actos heroicos, por onde subiu á sancta gloria, a cuja porta o temos.

CAPITULO XIII. — Dizem-se muitos exemplos das virtudes do Beato Ignacio e como em um incendio ficou livre prodigiosamente uma sua escriptura de doação.

Quantos tormentos, diz a Egreja em uma antiphona dos Martyres, todos os sanctos padeceram para chegarem com segurança á palma do Martyrio! Todos padeceram muitos, uns que elles se deram, outros que lhes deram os tyrannos. O nosso Beato Ignacio de Azevedo, ainda que dos tyrannos padeceu a morte, de si padeceu uma vida em tudo mortificada, abatida com despreso proprio, humilhada com humilhações, umas sobre outras, trazendo a seu corpo, emquanto viveu, morto ao mundo e ao amor de si. Nascendo em tão avultada fortuna em casa de seu pae, na qual era o morgado, trazia um cilicio branco de continuo vestido em seu corpo. De trazer o tal cilicio fez voto á Virgem Santissima em honra de sua virginal puresa. Depois na Companhia se lhe mudou este voto, e em seu logar rezou por toda a vida o Rosario e o officio de sua Immaculada Conceição. A devoção que teve a esta Senhora foi tão entranhavel, que nem a seu corpo morto puderam os herejes, como diremos abaixo, tirar a imagem da Virgem Mãe.

Vivendo com o esplendor que demandava sua nobreza, passeando em cavallos mui briosos, com lacaios bem trajados, e tendo pagens mui lusidos, sendo em sua pessoa dotado de todas as boas pren-

das, que fazem a um fidalgo espectavel e roubador dos olhos de todos, elle com grande alento fez mais caso dos despresos de Christo, que de todos estes luzimentos.

Na Religião nunca perdeu occasião de se humilhar. Vindo de prégar em Barcellos, trazia diante de si um jumentinho em que o Noviço companheiro e elle se revezavam. Chegando á porta da cidade, disse ao companheiro que escolhesse uma de duas, ou que fosse a cavallo no jumento e que elle o levaria diante pelo cabresto, ou que o Irmão o levasse do cabresto, indo o Reitor a cavallo. Ficou o Irmão embaraçado com tal questão, na qual tudo o que concedesse era custoso e trabalhoso. N'esta perplexidade resolveu o Padre Reitor a questão : mandou que subisse o Irmão ao jumento, e elle o tomou pelo cabresto ; assim foi atravessando pela cidade até á porta do Collegio.

N'este seu Reitorado de Braga, sendo tempo de grandes frios, um subdito lhe representou a necessidade que tinha de um gibão. Respondeu o Padre, que logo o proveria. Despedindo-se o subdito, tirou o Reitor uma jaqueta com que se abrigava e lh'a mandou dar. Por serem mui crueis os frios e ter elle escrupulo de alguma grave doença, se não se amparasse, foi á estrebaria, tomou uma coberta que servia a um jumento e, fazendo-lhe no meio um buraco, metteu por elle a cabeça e a cingiu a modo de samarra.Porém como cheirasse mal com o calôr a podridão, que havia na peça, causada das mazellas

do jumento, foi descoberto o furto, a que elle respondeu que aquelle gibão se mudara de um para outro jumento.

Quando com os outros Irmãos trabalhava nas obras do Collegio de Coimbra, o fazia com a consideração de David: *Ut jumentum factus sum apud te*, dizendo não haver consideração mais efficaz para chegar ao summo da perfeição. Nas mesmas obras trabalhava o Padre Jorge Serrão, dizendo ser muito melhor consideração considerar-se como Anjo. Sabendo isto o Padre Mestre Simão, os mandou arrazoar, cada um por sua parte. O Irmão Serrão disse muito sobre as perfeições dos Anjos, que imitadas, fazem a um Religioso angelico. O Padre Azevedo disse com muitas razões que o tratar-se como jumento estolido em presença de Deus era a mais sublime humildade, e que punha ao humilde em logar muito superior.

Quando andava em Missão nas serras do Barrozo com o Padre Pedro Lopes, como visse que tinha os sapatos desbaratados, tirou os seus que estavam melhores e lh'os deu, tomando elle para si os do companheiro; e, assim como estavam, se serviu d'elles, andando meio descalço. Havendo no principio da fundação do Collegio de Braga grande falta de alfaias, quando passavam hospedes, a cama do Reitor, tal ou qual era, se dava a um d'elles, e elle dormia sobre uma taboa. Antes de se dispor a mudança para o Collegio assistia, como no principio disse, no hospital de S. Marcos; e costumava dizer que com

milho e vinho verde havia de fundar aquelle Collegio, alludindo n'isto, quanto entendo, ao rigor de que constava o seu sustento. E na verdade, a sua muita virtude e austeridade com que se tratava nos grangeou aquella casa, hoje abastada.

Sua oração era mui devota e fervorosa. Em Evora, indo fallar com elle o Irmão André Annes, batteu á porta do cubiculo duas ou tres vezes. Como lhe não acudissem, abriu a porta e viu ao Padre Ignacio de Azevedo posto de joelhos, encostado á meza, banhado em lagrimas, as quaes lhe corriam pelo rosto abaixo, davam na meza e d'ahi pela grande copia cahiam no chão. Tambem n'este Collegio aconteceu fazerem na egreja d'elle os exorcismos a um endemoninhado, o qual estava mui rebelde. N'este tempo estava o Padre Ignacio em oração no côro; desceu o Padre abaixo, lançou as contas ao pescoço do endemoninhado e uma benção; e logo sem demora o demonio se foi e o deixou livre. Quando se dispunha para o Brazil e lhe faziam difficuldade em dar alguns sujeitos que pedia, dizendo Missa em ordem a este fim, Deus assim trocava aos Superiores, que lhe davam os que pedia. Trazendo entre mãos negocio de difficuldade, que fosse do serviço de Deus, fazia abstinencia no comer, tomava a disciplina e dizia Missa. Isto era tão ordinario, que se entendia logo ter entre mãos alguma coisa de especial serviço de Deus. Com tal diligencia tinham boa sahida os negocios.

Em Braga, estando em pratica com outros Reli-

giosos nossos, veio a um certo pensamento desconcertado. Parece que Deus o revelou ao Beato Ignacio, porque no mesmo ponto poz no subdito uns olhos muito severos; e logo desappareceu o pensamento e o Religioso ficou na paz em que antes estava. No Brazil, vendo elle vir das aldêas dos Indios aos Padres com os pés enlameados, lh'os beijou por devoção de assim andarem pelo bem das almas.

Indo uma vez para Coimbra com um Padre, elle na caza onde pousaram se poz com toda a humildade a assar a carne que o outro Padre havia de comer. No Porto, indo visitar uma sua Irmã freira no Mosteiro de Santa Clara, sempre esteve com os olhos cahidos porque foi homem de singular modestia, mas modestia mui alegre. Indo na Missão com o Arcebispo e com o Padre Pedro Lopes, os deixou passar adiante e elle se ficou ao pé de uma arvore confessando um lavrador; e assim o fazia muitas vezes: de que muito se edificava o Arcebispo. Por isso lhe chamava o seu Anjo, dizendo d'elle que era um sancto.

N'aquelles principios do Collegio de Braga, indo visital-o o Arcebispo, Frei João, seu confessor, tendo visto a estreiteza e pobreza com que alli se vivia, disse para o Arcebispo: "Não ha, Senhor, mais Arrabida que esta caza.„

Era homem de notavel mansidão, e com ella acabava muito. Tratando com o Arcebispo sobre a união de uma egreja do Collegio, dizia o Arcebispo com seus lettrados que na tal união havia simonia. O Padre affirmava que não, como em verdade a não

havia. Muitas vezes foi tratado com palavras asperas, porque instava n'este negocio. Mostrou sempre tal humildade e mansidão, que o Arcebispo e seus lettrados, que n'isto o não queriam ouvir, se viram obrigados a dar ouvidos a suas razões, e, pezando-as conforme o direito, julgaram que de verdade não intervinha alli simonia. D'onde nasceu dizer o Arcediago Francisco de Chaves, que era um dos lettrados, que a humildade e paciencia do Padre Ignacio dera ao Collegio de Braga a egreja de Mazedo.

Com esta mansidão ajuntava muita prudencia, que tudo teve singular nos seus governos. Tinha um subdito que com pouco fundamento se escusava do que lhe ordenavam que fizesse. Vindo-lhe o porteiro pedir confessor para um enfermo, disse-lhe que chamasse aquelle Padre. Dando-se-lhe o recado, se escusou, que estava mal disposto da cabeça. Acceitou-lhe a escusa e mandou outro Padre em seu logar. D'ahi a pouco tornaram a pedir outra confissão. Mandou avizar ao mesmo Padre. Tornando-se a escusar, acceitou a escusa. Terceira vez se veio buscar confessor para outro enfermo. Mandou se fizesse aviso ao Padre que já duas se tinha escusado. Vendo-se avisado tantas vezes, tomou a capa e sahiu a fazer a confissão. Por este modo, sem penitencia nem reprehensão effectuou o Padre Reitor o que o subdito não queria.

Sendo elle Vice-Provincial, um Padre pediu a um Padre Reitor do Collegio de Coimbra, que era o Veneravel Padre Miguel de Sousa, licença para ir a es-

pairecer ao campo. Deu-lhe a licença, dizendo levasse por companheiro a quem lhe parecesse. Escolheu elle por companheiro a um noviço que já era estudante. Vendo-os sobre a tarde vir de fóra, perguntou quem dera a tal licença para ir com o noviço. Sabendo o que passára, mandou ao Reitor que tomasse uma disciplina por não dar companheiro accomodado aos Padres que iam fóra; e ao Padre, que escolheu o noviço, mandou que tomasse outra disciplina por não saber escolher companheiro, quando lh'o pozeram na sua eleição; e ao noviço mandou rezasse o *Miserere*, emquanto ambos se disciplinassem no refeitorio. Tão animoso era, quando o zelo da observancia pedia severidade!

O rigor com que tratou seu corpo foi excessivo. Quando ia por Provincial para o Brazil, por despedida tomou no refeitorio de Coimbra uma disciplina com tal rigor e por tanto tempo, que se magoaram todos os que estavam na meza. Mandando-lhe o Superior pedir que quizesse acabar (não o mandou por não ser seu subdito e ser Provincial do Brazil), elle com humildade se escusou e foi continuando. N'esta occasião se lhe viram as costas denegridas e pizadas e, como se se açoutara com um molho de chaves, lhe saltou o sangue. Ia então, para mais humildade, com os pés descalços.

Quando tomava semelhantes disciplinas, muitas vezes ia em corpo só com a veste de penitencia, e assim beijava os pés. Governando o Collegio de Braga, foi uma vez tomar ao refeitorio uma disciplina

nas costas por o espaço de um *Miserere*. No fim disse a sua culpa com estas palavras: "Reverendos Padres e Carissimos Irmãos, digo minha culpa: que, por não guardarmos as regras, como devemos, se me dá esta penitencia." Com este modo de fallar e tão bom exemplo os subditos muito se edificaram e animaram á observancia. D'estas suas disciplinas tinha seu corpo tanto horror, que o dia antes se via andar enfiado, e logo conjecturavam todos que devia andar com pensamento de tomar alguma disciplina nas costas.

Uma das coisas com que edificou a cidade de Braga foi, que, indo caminho, viu a um pobre sem camiza. Mandou ao companheiro que passasse adiante, elle se metteu atraz de um vallado, tirou a sua camisa e deu-a ao pobre; e porque a falta se não advertisse, poz o lenço no pescoço. Porém não quiz o Senhor que tal exemplo se não soubesse, porque, ainda que elle fez pelo encobrir, o pobre o não callou.

Foi homem de grandissima mortificação; não havia coisa em que não procurasse vencer-se; ainda as paixões naturaes, que são como primeiros impetos, procurava ter debaixo da sua mão. Havia, sendo elle ainda Irmão, em o Collegio de Coimbra um cão mui furioso, de que todos tinham medo, e por isso estava sempre aferrolhado. Pareceu ao Padre Ignacio ser-lhe necessario vencer aquelle temor, que em si sentia; pediu licença para ter cuidado do cão. Havida esta licença, o tomou á sua conta por muitos mezes. Com ser o cão para todos uma furia, para com o Beato Ignacio se havia como um cachorrinho mei-

gueiro. Tomava um pau, dava-lhe cada vez que queria, encolhendo-se toda aquella braveza dentro de si sem se atrever a fazer pelo menos um impeto contra seu bemfeitor, de que todos se admiravam, sendo aquelle bruto de natureza uma fera em tudo assanhada e que a todos se enviava.

Quando tornou de Roma para o Brazil por Provincial foi a Braga visitar o Arcebispo. Acertou a estar tambem alli o Padre Ignacio Tòlosa, de quem acima fallei; e pela estreiteza do novo Collegio se hospedaram ambos no mesmo cubiculo. Tinha o Padre Tolosa um cilicio mui aspero sobre a meza. Logo que o Padre Azevedo o viu, lh'o pediu. Respondeu o Padre Tolosa: "Padre este cilicio tenho eu para os noviços.„ A isto disse o Padre Azevedo: "Meu Padre, eu sei um noviço que tem d'elle boa necessidade; por caridade lh'o dê.„ Tanto o importunou, que o Padre houve de largal-o. Tinha elle grande amor a este Padre; tambem lhe tinha o mesmo o Padre Tolosa.

Desejou o Beato Ignacio leval-o comsigo ao Brazil. Respondeu-lhe, que seus desejos eram na India, mas que, se a obediencia o mandasse ao Brazil, de boa vontade faria a jornada. Não ficou o Padre Azevedo contente com a resposta, porque queria que lhe pedisse. Depois, sem o Padre Tolosa o imaginar, ordenou Deus que fosse ao Brazil e fosse por successor do Padre Ignacio de Azevedo. No tempo do seu governo, confessa o Padre Tolosa, que pelos merecimentos de seu servo Ignacio de Azevedo lhe fizera Deus grandes mercês; e que elle era o que

negociava no céo e que elle, Padre Tolosa, executava cá na terra; e mais obrou no Brazil com sua morte gloriosa, do que fizera com sua vida.

Para gloria do bemaventurado Martyr, direi aqui o que aconteceu em nossos dias na rua da Palma em Lisboa. No mez de Setembro deu alli um cruel incendio nas casas de Gaspar da Costa, fidalgo bem conhecido por sua nobreza e valor nas armadas, descendente do Beato Ignacio de Azevedo, cuja escriptura de doação elle guardava como reliquia mui preciosa. Arderam as casas, ardeu um escriptorio de papeis em que estava a tal escriptura assignada por o ditoso Martyr. Foi coisa mui notavel que no dia seguinte se achou a dita escriptura na rua; e quem a achou, entendendo ser papel que pertencia áquella casa, o entregou. Recebeu-se entre admirações, pois sem prodigio não era possivel salvar-se tal papel, ardendo todos os mais e o escriptorio em que estava. Agora tornemos ao fio da narração.

CAPITULO XIV. — De como se detiveram na Ilha da Madeira. Da viajem para as Canarias. De como se detiveram em Terça Corte alguns dias e o que n'estas occasiões succedeu.

Na Ilha da Madeira acharam os tres Padres que tinham ido fundar o Collegio e que estiveram com elles em Val de Rozal, feitos algum tempo noviços do Padre Ignacio de Azevedo. Foram d'elles bem recebidos e visitados com refresco. Não os poderam

agasalhar todos em terra, por morarem com aperto em casas de aluguel. Porém sua caridade descobriu modo com que recrear a todos. Acabaram com o Padre Ignacio de Azevedo, que lh'os mandasse á terra quatro a quatro ou cinco a cinco. Estavam estes um dia nas casas que tinham nome de Collegio: alli jantavam, passavam aquelle dia, ceavam, lavavam-lhes os pés e dormiam alli a noite. No segninte, pelo mesmo modo, vinham outros, e assim se foram succedendo.

Por esta ordem não ficou algum que não participasse da caridade do Padre Manoel Sequeira, que a todos os queria metter dentro na alma. Alguns tinham sido seus noviços em Evora. Os Padres sahiam á terra cada dia a dizer Missa ao nosso Collegio ou na ermida de Santiago.

Succedeu haver então jubileu, e assim tiveram os Padres muitas confissões que fizeram e não lhes faltou trabalho.

Nos domingos e dias sanctos sahiam todos os Irmãos das naus e iam ouvir Missa e commungar na Egreja de Santiago, onde concorria muita gente da cidade a confessar-se com os Padres e a commungar com os Irmãos. Parecia que a gente da terra se não podia fartar de os vêr, porque, quando sahiam juntos da nau e se recolhiam, ou commungavam, tudo com muita modestia e compostura, havia grandes concursos a este devoto espectaculo. Todos lhes rogavam muitos bens, homens e mulheres, e toda a sorte de gente. Edificavam-se muito de verem tan-

tos servos de Deus, a quem levavam ao Brazil só os desejos de o servirem.

A nau Santiago de necessidade havia de chegar ás Ilhas Canarias para deixar n'ellas parte da sua carga e tomar alli outra, em logar da que deixava. Houve grandes difficuldades entre o capitão d'esta nau e o governador para lhe darem licença que partisse, porquanto andava o mar mui perigoso com os corsarios francezes. Na consulta sobre ir ou não ir não quiz ter voto o Padre Azevedo, ainda que tinha tanta parte em a nau. Tomou-se resolução pelos officiaes d'ella, que não podia alli esperar, e houve-se a licença, aventurando-se todos ao que lhes acontecesse.

Assentada esta resolução, tratou o Padre de dispôr toda a gente da nau para o grande perigo em que se mettiam, que era não menos que da vida. Aos seus Irmãos disse que todos estivessem com animo de morrer, porquanto o mar andava coalhado de herejes francezes. Todos mostraram notavel alegria, excepto quatro, que, ouvindo encarecer o perigo, fraquearam, pedindo ao Padre que os deixasse ficar para irem com o Padre Pedro Dias. Veio n'isso com boa vontade, porque não queria que alguem o acompanhasse violentado. Foi coisa muito notavel que d'estes quatro nenhum perseverou na Companhia.

Ajuntando o Padre a todos os seculares da nau, lhes propoz o perigo, e que, pois nem sabiam da vida nem da morte, se confessassem todos e commungassem. Elle e o Padre Andrade os ouviram a

todos de confissão, reconciliaram aos Irmãos, e no dia seguinte, que era de S. Pedro e S. Paulo, lhes disse Missa na ermida de Santiago e deu a todos a Sagrada Communhão.

Trataram os Padres entre si que seria bom ficar o Padre Azevedo na Ilha e ir em seu logar algum dos outros Padres. Porém o Padre Ignacio, que sempre para si guardava o maior trabalho, resolveu brevemente em não ir outro; mas elle havia de ser o primeiro n'este perigo, como o era no cargo de Superior.

N'aquelle mesmo dia se recolheu á nau com todos os seus, despedindo-se primeiro do governador e do Padre Reitor Manoel de Sequeira e mais Padres e Irmãos do Collegio. Alguns d'elles se vieram despedir á nau. Em tudo foi saudosa a despedida que fez dos Padres e Irmãos que ficavam esperando pelo governador. Veio o Padre Pedro Dias e o Padre Castro com os mais á nau do Padre Azevedo. Abraçaram-se e despediram-se com muitas lagrimas, como se o coração lhes dissesse que já se não haviam de tornar a ver mais n'esta vida. Em especial o Padre Pedro Dias chorava, como se fosse um menino, dizendo ao Padre: "Ah! meu Padre Ignacio que póde ser que já nos não tornemos a ver cá n'este mundo!„

Depois de todos recolhidos, tornou ainda de noite o Padre Pedro Dias com os Irmãos João Mayorga, pintor, Antonio Fernandes, carpinteiro, e Allonso Baena, aos quaes o Padre quiz levar comsigo, em logar dos que ficavam.

Estes tres Irmãos sempre estiveram no Collegio, onde fizeram aos Padres algumas peças de preço, além de outras menores, uma imagem Nossa Senhora tirada pela de S. Lucas, uma de Christo crucificado com S. João e Nossa Senhora, postas em suas molduras mui bem acabadas. Ficou imperfeito um retabulo da cêa do Senhor.

No outro dia de manhã, que era o da commemoração do Apostolo S. Paulo, deram á vela com bom tempo para as Ilhas Canarias. Da Ilha da Madeira por deante foi muito mais alegre a viagem, do que o fôra a do Reino, assim por irem quasi todos os Irmãos já desenjoados, como por ir a gente da nau mais reformada. Parecia a nau toda nau sancta. Não havia alli jurar, pelejar, jogar nem murmurar. Tudo era rezar, fallar e tratar de coisas sanctas. Cantavam e tocavam suas violas; as cantigas eram devotas. Não se ouvia uma palavra ociosa. Sobretudo iam todos alegres e cheios de prazer. O Padre se poz em fazer guardar silencio em a nau, porque houvesse quietação. Estava tão senhor dos corações, que acabou quanto quiz com os marinheiros, mas com tão bons artificios, que se não fazia molesto. Em elles fóra fallando alto ou fazendo alguma desenquietação, sahia o Padre de dentro; em apparecendo, todos se aquietavam. Fallava-lhes um pouco de Deus e os deixava. De sorte que nem os reprehendia, nem lhes dizia que o desenquietavam; mas mettia pratica de que gostassem: em os tendo gostosos, se retirava, e elles ficavam em silencio.

Algumas vezes lhes mandava um Irmão que lhes fosse lêr por um livro, a que logo acudiam e estavam attentos. Outras vezes tambem lhes mandava tanger ou cantar, o que muito folgavam de ouvir. N'esta forma, sem elles cahirem na causa porque se fazia, guardavam silencio.

Uma vez, estando uns alta noite vigiando seu quarto, cuidando que ninguem os ouvia, de pratica em pratica se estenderam a fallar algumas palavras que não convinham. Ouviu-os o Irmão Bento de Castro, mestre dos Noviços, que pousava debaixo donde estavam. Logo se poz a tomar uma disciplina, a cujo estrondo se callaram. O mesmo fez em outra occasião o Irmão Domingos Fernandes, com o mesmo effeito

Depois que o Padre Ignacio de Azevedo sahiu da Ilha da Madeira, era mui continuo em desejos de morrer por seu Deus. Nas suas praticas sahia frequentemente n'estes desejos. Parece não sabia dizer outra coisa. As suas palavras eram: "O' Irmãos, se nos fizesse o Senhor tanta mercê, que nos cortassem os herejes a cabeça por seu amor!„ De qualquer coisa tomava occasião para romper n'estes abrazados desejos. Estando elle dando de comer ao Irmão Gregorio Escrivano, que nada podia conservar, lhe disse: "Irmão, não cureis da morte, antes que vos matem por amor de Deus„. Do que elle bem se lembrou, como se dirá em seu logar.

Havia sete dias que tinham sahido da Ilha da Madeira com vento brando e mar bonança. Estavam já perto da Ilha da Palma, coisa de duas leguas e meia

da cidade. Sobreveio um vento contrario, que os fazia tornar a traz. Mas como estavam perto da terra, trabalharam por ir descahir em um surgidouro, que está detraz da Ilha, chamado *Terça Corte.* Alli chegaram aquelle dia e pela tarde sahiram a terra. No outro dia se pozeram em *Terça Corte* a esperar tempo.

N'este logar morava um fidalgo flamengo muito rico. Tanto que a náu chegou, lhes mandou um bom refresco. Na tarde do mesmo dia sahiu o capitão da náu e o piloto com outros e o Padre Ignacio com dez ou doze Irmãos, e todos juntos foram dar os agradecimentos ao fidalgo. Recebem-os com agrado, e foi este maior, quando se deu a conhecer com o Padre Ignacio de Azevedo, com quem se criara na cidade do Porto. Os paes de ambos tinham sido mui amigos. Abraçou-o e se lhe queria lançar aos pés. Logo o importunou que levasse lá todos os Irmãos, que lhes queria dar um refresco em terra. Não podendo conseguir tanto, pelo menos acabou com elle que levasse alguns.

Cumprindo com o seu desejo, se tornou a recolher á nau n'aquelle dia, mandando o fidalgo após elle mais refresco. No seguinte dia foi lá o Padre com quinze Irmãos. O fidalgo o sahiu a receber custosamente vestido com umas contas de ouro ao pescoço.

Tinha distante meia legua da praia uns paços mui formosos com sua egreja, a qual estava de festa. Levou-os a ella, confessou-se com o padre Ignacio, o qual, dizendo Missa, lhe deu a communhão e aos Ir-

mãos. Logo, por lhes fazer mais festa, lhes mostrou seu thesouro e as peças ricas de sua egreja. Tinha tão bons e custosos ornamentos e peças de prata, que mais parecia capella de um Principe, que de um fidalgo particular. Depois de lhes dar de jantar esplendidamente, lhes mostrou o seu jardim, que tinha muito que vêr.

Cinco dias durou esta detença em *Terça Corte.* Em todos elles foi summa a instancia que o fidalgo fez ao Padre, que quizesse ir d'alli por terra para a cidade da Palma. Offerecia cavalgaduras para todos os Irmãos e para conduzir o fato, que lhe parecesse. Dizia-lhe que a distancia era só de tres leguas, e que por mar, com as voltas que havia de dar e ventos contrarios, seria viagem de dias, em que corria a nau perigo de encontrar os corsarios. Ao principio não se inclinou o Padre a seguir o conselho do fidalgo; porém depois aceitou a caridade. Um dia á tarde fez preparar algumas trouxas. Na manhã seguinte desembarcou com todos os companheiros com animo de se ir por terra. Foi com todos elles a dizer Missa; confessaram-se e commungaram. Na Missa, quanto se conjectura, teve revelação de que Deus queria ser glorificado n'elle e nos outros da sua companhia. Porque sahiu da Missa determinado a se tornar a embarcar e mui arrependido do que tinha feito, como se cahira em alguma tentação.

O Beato Ignacio de Azevedo teve por coisa já antiga tomar na Missa muitas resoluções em coisas do serviço de Deus, porque alli o Senhor lhe dava muito

a sentir sua divina vontade. Assim foi na occasião presente, porque totalmente mudou de parecer. Fallando aos Irmãos, lhes disse: "Eu estava resoluto a ir por terra pelo perigo que ha dos francezes, porém agora tenho assentado irmos por mar, e sinto em o Senhor que assim o devemos fazer, porque, se os francezes nos tomarem, que mal nos pode vir d'ahi? O maior mal que nos podem fazer é mandarem-n'os mais cêdo para o céo. Todo o mal que nos podem fazer não é nada.„

A primeira vez que o Padre se viu em terra com os Irmãos, um pouco antes de chegar a *Terça Corte,* acertou de ser o logar mui solitario, de muitas rochas e serranias e n'ellas muitas covas mettidas pelos rochedos. Então lhes disse: como seria bom que n'aquelles dias que alli se detivessem vivessem n'aquellas covas, fazendo penitencia, e que d'alli se poderiam ir a embarcar. Logo os Irmãos começaram a dizer que lhes parecia bem. Tornou a dizer-lhes que alli comeriam hervas e lhes daria mais alguma coisa; que aos domingos se ajuntariam todos e iriam a commungar e ouvir Missa. Começando todos a importunal-o, que assim se fizesse, lhes disse: "Ah! Irmãos, outras covas mui differentes d'estas são as que nós buscamos.„

N'aquelle dia, depois de ouvir Missa e commungar, se tornaram á praia; alli lhes mandou o fidalgo de jantar com muita grandeza. A tarde gastaram andando pela praia, como o faziam em Val de Rozal, cantando hymnos e psalmos e algumas cantigas de-

votas. N'esta tarde se tornaram a embarcar. Depois, o fidalgo se foi á nau a despedir do Padre Ignacio de Azevedo, onde lhe deu uma boa merenda de coisas dôces da Ilha da Madeira; fez que, ao entrar e sahir, se lhe disparasse toda a artilheria. Em logar do thesouro, que elle lhe mostrára, lhe deu o Padre a ver a imagem da Senhora de S. Lucas.

CAPITULO XV. — De como partiu a náu Santiago *de Terça Corte e foi entrada dos francezes.*

Em uma quinta feira pela manhã partiram de *Terça Corte* com tenção de passarem pela Ilha Gomeira; tendo gastado quinta, sexta e a noite toda para o sabbado em fazer um grande rodeio, davam já a volta para a cidade da Palma, de que distavam duas ou tres leguas. Indo todos com grande alegria, começa a bradar um moço que ia vigiando da gávea, dizendo que via uma nau grossa. D'ahi a pouco tornou a bradar, que via outras quatro velas menores.
Houve grande alvoroço em a nau, cuidando alguns ser a armada de D. Luiz que ficára na Madeira, porque a principal embarcação era tão formosa, que parecia nau da India. Vinha esta mui dianteira, e em pouco tempo se chegou tão perto, que logo os nossos, mudando de conceito, assentaram ser nau de francezes. Não se enganaram, porque era Jaques Soria, um famoso capitão corsario da Rainha da Navarra, capital inimigo de catholicos, muito antigo no officio de roubar, porque fôra já em outro tempo

soto-capitão do *Pé de pau*, quando saqueou a Ilha da Palma.

Depois que a nau Santiago partiu da Ilha da Madeira, d'ahi a dois dias chegou Jaques Soria com esta armada á mesma Ilha e junto d'ella queimou e roubou alguns navios. Determinou-se D. Luiz de Vasconcellos, com ajuda do capitão da Ilha, sahir a pelejar com elle; e com este intento desaferrou e sahiu ao mar. Vendo-se Jaques Soria buscado, como os seus navios eram mui legeiros, fugiu de modo, que lhe não pôde chegar D. Luiz, o qual se tornou á Madeira, e Jaques Soria se fez na volta das Canarias; e quando a nau Santiago estava para tomar o porto, se achou junto d'ella.

Chamava-se o galeão de Jaques Soria *a nâu Principe*. Trazia mais de trezentos homens de peleja, todos mui bem armados de saias de malha, capacetes e armas brancas, muita arcabuzaria e muita artilheria, toda de bronze. O capitão portuguez e os seus, á vista de tamanha nau, não perderam o animo: determinaram vender mui bem suas vidas. Deixando-os o Padre no que determinassem fazer, depois que assentaram pelejar, os esforçou — que, pois a peleja era contra inimigos da Fé Romana, pelejassem como bons Christãos, e como taes se animassem á morte. Todos estavam mui bem dispostos em suas consciencias. Começaram com todo o calôr a desembaraçar a nau para a peleja. Disfizeram o refeitorio em ordem a assestar as peças de artilheria e ter a serventia sem empecilho. Entretanto o Padre Igna-

cio com a imagem da Senhora, tirada pela de S. Lucas, nas mãos animava os Irmãos. Ajuntou-os ao pé do mastro: alli entoou elle e o Padre Andrade umas ladainhas, a que os Irmãos respondiam. Entretanto a gente da nau punha tudo lestes e os francezes, cujas naus voavam, se vieram chegando. Depois das ladainhas, fez o Padre uma pratica aos Irmãos, em que lhes disse que n'aquelle dia haviam de ir povoar um Collegio no céo, que todos se puzessem em oração, pois seria a ultima n'esta vida. Logo com um sancto impeto de espirito disseram todos em altas vozes a Deus: "Senhor faça-se em nós a vossa vontade; aqui estamos expostos e offerecidos a mil mortes por vosso amor.„

Em nenhum se viu signal algum de fraqueza, mas em todos sobresahia um animo determinado e resoluto, maior que todos os perigos e que a mesma morte. Então mandou, o Padre Ignacio que cada um se fosse pôr em oração no seu gazalhado. Elle se ficou alli no meio da nau ao pé do mastro grande em oração.

Haveria um quarto de hora que estavam em oração, quando a nau de Jacques Soria distava já da nau Santiago pouco menos de tiro de bombarda. Foi-se o capitão ao Padre Ignacio e lhe disse: "Padre, estamos prestes para pelejar, mas temos mui pouca gente, sendo tantos os inimigos; dae-nos alguns d'estes vossos Irmãos mais robustos, que nos ajudem„, Respondeu o Padre: "Darvol-os-hei, não para pelejarem, mas para vos animarem com suas palavras.„ Chamando aos Irmãos, lhes disse como era

necessario que alguns d'elles andassem na peleja, animando e esforçando a gente. Todos queriam metter-se n'este perigo. D'elles escolheu o Padre alguns mais homens. Foram estes os Irmãos Manoel Alvares, João de Mayorga, pintor, Gonçalo Henriques diacono, Manoel Pacheco, de Ceuta, Diogo Pires Mimoso, de Niza, Francisco Peres Godoi, Antonio Soares, Sotoministro, o Padre Diogo de Andrade, Ministro, Estevão Zurara, João de S. Martinho, e Affonso Baena.

A' todos disse como haviam de andar na peleja, esforçando-os a defender a fé Romana e morrer como bons catholicos, recolher os feridos e dar algum conforto de comer e beber aos que cançassem, fallando sempre de Deus e protestando a fé Romana.

Estando todos assim prestes e a ponto de peleja se vinha chegando Jaques Soria, determinado a abalroar a nau. Tirou primeiro aos nossos que amainassem; elles lhe responderam com uma carga d'artilheria. Ainda que lhe mataram um golpe de gente, não fez d'isso caso, porque vinha bem provido. Logo abalroou, descarregando sua artilheria contra a nau, fazendo por lhe lançar gente dentro. Da primeira vez, não podendo bem ferral-a, indo prepassando, saltou em a nau Santiago o patrão da nau de Jaques Soria, vestido de armas brancas mui reluzentes; este era a segunda pessoa depois de Jaques Soria.

Com elle saltaram dois francezes assim mesmo cohertos tambem de ferro. Começaram a correr pela xareta para a pôpa onde viram gente. A elles

arremetteu o Capitão, o piloto e calafate com alguns outros que estavam no castello da pôpa. Depois de pelejarem um pouco com elles sem os poderem entrar por virem bem armados, um d'elles arremetteu ao patrão com uma lança e o encontrou com tanta furia, que o derribou, e depois de bem ferido, assim vivo e armado, deram com elle no mar; e matando os dois companheiros, os lançaram tambem nas ondas.

Estava a nau de Jaques Soria tão perto, que poderam todos ver e conhecer pelos barretes aquelles que os mataram; contra os quaes os hereges ficaram mui raivosos por ser o patrão pessoa tão principal. Com esta raiva abalroaram segunda vez a nau; mas não a podendo bem ferrar, dois ou tres que quizeram saltar dentro d'ella cahiram no mar e se foram logo ao fundo. Tornaram sobre ella terceira vez, e d'esta não a ferraram nem chegaram a ella, mas prepassaram um pouco afastados. Então deu Jaques Soria outra volta e veio a quarta vez sobre a nau, trazendo já comsigo as outras quatro naus. Ferrou-a pela prôa, atravessando-se-lhe diante; as outras quatro a tomaram no meio e começaram a disparar n'ella sua artilheria e arcabuzaria.

Jaques Soria pela prôa trabalhava por lhe metter gente dentro. Não havia em a nau Santiago mais que até trinta homens de peleja e esses mal armados, com capas e espadas, algumas rodelas e lanças. Vendo elle quão poucos eram e quão mal armados, metteu dentro até cincoenta dos seus, vestidos de ar-

mas brancas, e dando com isto a nau por tomada, desaferrou e se deixou andar ao largo.

CAPITULO XVI. — Do que succedeu em a nau durante a peleja: da morte do Beato Ignacio de Azevedo e alguns outros seus companheiros.

O Padre Ignacio de Azevedo, como alentado capitão, esteve sempre no meio da nau ao pé do mastro grande com a imagem de Nossa Senhora nas mãos. Quando logo os hereges entraram, em alta voz deu testemunho da sua fé, reprehendeu aos herejes de seus erros e animou aos Catholicos a defender a fé de Christo. Bradava mui fervoroso e, com não ter a voz mui viva e ser grande o estrondo das armas, bem se lhe entendiam de quando em quando suas palavras.

O primeiro que foi morto e com seu sangue testemunhou sua fé foi o Irmão Bento de Castro, que servia de Mestre de Noviços. No tempo que os inimigos começaram a entrar e o nosso capitão com os seus pelejava com grande valor, estava elle com os seus Noviços encommendando a Deus a batalha. N'este tempo era mui importunado dos Irmãos que lhes désse licença para irem buscar a morte entre os inimigos da fé e não estar alli esperando por ella. Elle porém a nenhum deixou sahir, querendo ser o primeiro. Vendo o servo de Deus que a nau se vinha enchendo de herejes, que entravam pela proa, abrasado em amor de Deus, não podendo ter mão em si,

desejoso de dar testemunho da sua fé, tomou na mão uma Cruz, abraçou os Irmãos, despediu-se d'elles, pedindo perdão das faltas que no seu officio commettera. Fazendo instancias que os levasse comsigo, lhes ordenou que se deixassem alli estar, que elle ia morrer por seu capitão. Subitamente se arremessou entre os que pelejavam, passou da pôpa á prôa pelo convez, onde os herejes e os nossos brigavam. Subiu ao castello da proa, por onde os inimigos entravam, sem outras armas brancas mais que a sua roupeta da Companhia, servindo-lhe a cruz de espada.

Alli, posto em pé, a tempo que ainda o galeão de Jaques Soria estava atravessado, começou a protestar a fé e a reprehender os erros dos herejes. Vendo claramente os herejes que aquelle d'alli não pelejava por sua vida e fazenda, mas só prégava contra seus erros, dispararam n'elle tres arcabusadas, com as quaes elle não cahiu. Assim passado com os pelouros, não cessava do seu fervor. Entrando então por aquella parte alguns herejes, lhe deram á mão tente sete ou oito punhaladas que elle esperou sem fugir com o corpo, e tomando-o nos braços deram com elle no mar.

Em todo este tempo o invencivel capitão Ignacio, junto do mastro grande, como dissemos, com a imagem nas mãos, com a protestação da fé que fazia, dava animo aos Catholicos e confundia os herejes, que tinham boa vontade de lhe chegar. Estando assim bradando, vendo-se um hereje desapressado dos

nossos, arremetteu ao Padre, deu-lhe no meio da cabeça tal cutilada, que lh'a fendeu até lhe apparecer o cerebro. Após esta cutilada, deram-lhe tres ou quatro estocadas sem elle se afastar d'aquelle logar até cahir. Cahindo, quiz dar mais claro testemunho da sua fé, em cuja defensa morria. Levantou a voz e com um grande brado disse estas palavras, as quaes por cima de todo o estrondo das armas e peleja foram mui bem ouvidas: "Todos me sejam testemunhas que morro pela fé Catholica e pela Sancta Egreja Romana.„ Não cahiu o Padre de todo, mas ficou encostado ao martinete. Acudiu logo o Padre Andrade que se abraçou com elle: acudiram tambem alguns Irmãos dos que exhortavam a pelejar.

Tomaram-n'os a ambos, assim abraçados um com o outro, e os levaram para juncto do leme, sem o Padre nunca largar das mãos a Sancta imagem. Alli se reconciliou o Padre Ignacio com o Padre Andrade; e depois da reconciliação o tomaram os Irmãos, e levaram a uma camara que estava juncto do leme. Acudiram alli quasi todos os mais e o foram abraçar, banhando-se todos em lagrimas.

Elle os abraçava a todos com uma nova alegria e amor entranhavel. Ao abraçar, todos lhe punham a cabeça no peito, elle os apertava comsigo e lhes dizia: "Filhos, não temaes, não; esforçae-vos: ah meus filhos, quão grande mercê é esta de Deus! Ninguem tenha fraqueza.„

Estava o glorioso Padre todo cheio do seu sangue, o rosto cheio, a cabeça toda cheia, os peitos to-

dos feitos um poço de sangue. Os Irmãos que o abraçavam todos lhe punham o rosto e a cabeça nas feridas. A imagem da Senhora toda ensanguentada, a camara toda nadava em sangue. Todos choravam, e em especial o Irmão Magalhães dizia tantas lastimas, que cortava os corações. Entre muitas disse especialmente esta: "Oh! que será agora de nós sem pae e sem pastor!„ Acudiu o Padre a estas palavras, dizendo: "Filhos meus, não temaes; Deus me fez vosso pastor: bem é que o pastor vá diante das ovelhas; eu vou diante preparar-vos as moradas.„ Depois de dizer estas palavras, d'ahi a um pouco espirou, fallando sempre, consolando e animando os Irmãos até ao ultimo arranco. Foi-se pouco a pouco exhaurindo de sangue, e assim espirou em muita paz e socego, tendo sempre os olhos na lamina da Senhora.

Depois de morto, não se fartavam os Irmãos de o abraçar, derramar muitas lagrimas sobre elle e banhar-se em seu sangue, particularmente o Irmão Magalhães, que, ficando com o rosto todo cheio de sangue, ficou tão devoto do mesmo sangue, que, dizendo-lhe os Irmãos que se lavasse, respondeu: "Não queira Deus que eu me lave do sangue do sancto Padre Ignacio de Azevedo. Se a obediencia m'o não mandar, nunca d'elle me lavarei.„

Emquanto isto passava, e ainda depois de espirar o Beato Ignacio, andava a peleja mui aceza. O Padre Diogo de Andrade, o Irmão Godoi e os mais que se tinham retirado com o Padre ferido, tanto que

elle expirou, tornaram a se occupar no que antes faziam. O P. Andrade com os Irmãos Antonio Gonçalves, Antonio Soares, Affonso de Baena estavam em uma parte curando os feridos, fallando-lhes de Deus e que morressem como bons Christãos: outros Irmãos, alli perto em outra parte, tinham conservas e coisas de comer e beber, e com ellas acudiam aos que cançavam e desmaiavam com as feridas. O Irmão Godoi muitas vezes se achava entre os que pelejavam, animando-os. Outras vezes, apparecendo no meio dos Irmãos, lhes dizia que não degenerassem dos altos pensamentos de filhos de Deus. N'esta forma andavam outros mettidos entre os que guerreavam no meio da pôpa e prôa, por todo o convés e em cima da xareta e do castello da pôpa, porque em todas estas partes havia peleja.

O cuidado d'estes servos do Senhor era animar a grandes vozes a que polejassem pela honra de Deus e da fé Romana, invocando o favor dos Sanctos e procurando morrer como bons Christãos. O que elles faziam com grande fervor; nem havia em sua bocca outras vozes senão: *Jesus, Jesus, Sancta Maria, Madre de Deus, Santiago, Santiago.* Ardendo a peleja, o Irmão Diogo Pires, de Niza, vestido, como os mais, em roupeta da Companhia, protestava a fé e animava muito alli junto onde cahira o Padre Azevedo.

Desejava um hereje grandemente chegar-lhe e vendo occasião quando elle passava de uma parte para a outra, o atravessou com uma lançada, de que logo cahiu morto, sem dizer mais palavra. Depois com os

outros mortos foi lançado ao mar. O Irmão João de de Mayorga, pintor, no Castello da prôa com vestido e barrete da Companhia (que n'esta forma andavam todos, pelo que eram mui bem conhecidos dos herejes por Jesuitas) dava aos nossos muito animo, e como alli fossem já poucos os portuguezes que puzessem em cuidado os hereges, cinco ou seis arremetteram ao Irmão e assim vivo deram com elle no mar, sem antes o ferirem. Da mesma maneira morreu o Irmão Gonçalo Henriques, do Porto, Manoel Rodrigues, de Alcochete, Manoel Pacheco, de Ceuta, e Estevão Zurara, biscainho. Estes andavam tão mettidos no calor da peleja, que não se acharam á morte do Padre Azevedo.

O Irmão Manoel Alvares era dos que andavam em cima da xareta e no castello da pôpa; nunca desceu abaixo. De uma em outra parte estranhamente animava com brados e palavras mui efficazes.

Era sua voz, como de homem creado no campo e que fôra antes pastor, tão poderosa, que sobresahia a todo o estrondo das armas e gritaria da contenda. Não sómente era ouvido e conhecido dos que estavam dentro da nau Santiago, mas tambem das naus que pelejavam á roda. Suas vozes davam aos nossos grandissimo alento. Traziam-n'o de olho os hereges; e como n'aquella parte fossem já os nossos mui poucos e alguns hereges escuzassem o pelejar, se foram ao Irmão e fizeram n'elle grandes crueldades. Retalharam-lhe todo o rosto com cutiladas; uns lhe estenderam as pernas e lh'as moeram com

os canos dos arcabuzes, outros lhe fizeram o mesmo aos braços. Não acabou aqui o odio contra elle; por mais padecer, o não quizeram acabar de matar nem lançar ao mar.

Os Irmãos, tendo occasião, o metteram debaixo da tolda. Curaram-lhe as feridas do modo que poderam e o deixaram em um camarote, onde muitos Irmãos se estavam consolando com elle; e aquella bemdicta alma estava tão cheia de prazer, que não acabava de agradecer a Deus sua boa dita. Suspirava por dar já o ultimo arranco, como quem estava certo da grande fortuna que o esperava. O capitão da nau Santiago que pelejava no castello da pôpa, sentindo-se cheio de feridas mortaes, trabalhou por se retirar para baixo, aonde estavam os Irmãos da Companhia para morrer alli entre elles. Os hereges o foram sempre seguindo até elle se metter em uma camara; onde o carregaram e acabaram de matar. Mortos os Irmãos, que animavam, e morto o capitão, que morreu com estremado valor, se acabou a peleja. Dos nossos marinheiros e passageiros morreriam até quinze ou desaseis, mui poucos na peleja: a quasi todos lançaram os francezes, ainda vivos, ao mar, por muito feridos e incuraveis. Dos inimigos morreriam até trinta, entre os que foram mortos em a nau Santiago e os que nas outras naus morreram com a nossa artilheria.

CAPITULO XVII. — De como os hereges mataram a alguns Irmãos e lançaram ao mar o corpo do Beato Ignacio de Azevedo com a imagem da Senhora que nunca largou senão com um novo prodigio, e dos maus tratamentos que se fizeram aos servos de Deus.

Logo que a nau foi rendida parou a peleja e os hereges se espalharam pela nau a roubar. Acertaram alguns a entrar em uma camara, onde alguns Irmãos nossos estavam postos em oração diante das sanctas imagens. Como esta casta de herejes perseguia muito o culto divino e o das sanctas imagens, tornaram com esta vista a ferver em ira. Um d'elles arremetteu ao Irmão Braz Ribeiro, natural de Braga, e lhe deu com os punhos da espada tão cruel pancada na cabeça, que lhe fez o casco em pedaços e saltaram os miolos pelo chão, ficando alli de todo morto. Tinha vinte e quatro annos de edade e sete mezes de Companhia. Ao Irmão Pedro de Fontoura, tambem de Braga, que alli orava, outro hereje, dandolhe com a adaga, lhe fendeu a cabeça e derrubou o queixo debaixo, cortando-lhe juntamente a lingua. N'esta forma andava entre os Irmãos, dando signaes de alegria e com grandes desejos que o acabassem de matar.

Ao Irmão Antonio Corrêa, natural da cidade do Porto, lhe deu outro com os punhos da adaga na cabeça e fez um grande inchaço. Veio-se o Irmão, assim magoado, aos outros, dizendo: "O' Irmãos, não vêdes quão duro sou, pois, dando-me esta pan-

cada na cabeça, me não poderam matar.„ Vindo por isto mui desconsolado, o consolaram mais, dizendo-lhe que ainda estava a tempo de lhe fazer o Senhor a mercê que tanto desejava.

Quando as naus dos herejes tinham cercado a nau Santiago e a batiam, acertou um pelouro a passar por entre dois Irmãos, e disse um d'elles, que se chamava Gaspar Alvares: "Oh! prouvera a Deus que me acertára aquelle pelouro e me matára por amor de Deus.„ N'este mesmo tempo estava o Irmão Pedro Nunes, de Fronteira, com outros em uma camara que tinha um buraco e disse aos mais: "Prouvera a Deus que por este buraco entrasse uma balla que me quebrasse esta cabeça por amor de Deus Nosso Senhor.„

No tempo que os herejes andavam revolvendo a nau e roubando, alguns trataram de acudir a reparar a nau, que ficou mui desbaratada das artilherias; fazia tanta agua, que parecia querer-se ir ao fundo. Estes ajuntaram a todos os Irmãos, que estavam vivos e sãos, e os obrigaram a dar á bomba.

Não teem conto as injurias que aqui lhes fizeram e o odio que lhes mostraram. Davam-lhes bofetadas e pescoçadas. Chamavam-lhes nomes affrontosos: Diziam que todos elles não eram outra coisa, senão patrulha do demonio. Vinham-se a elles com as espadas nuas, davam-lhes para os fazer trabalhar.

Não deixavam os outros herejes de revolver as camaras, no que deram muito que soffrer ao Irmão Manoel Alvares, arremeçando-o ora para uma, ora pa-

ra outra parte. Por esta causa alguns Irmãos, escoando-se da bomba, o foram buscar e, trazendo-o o puzeram junto de si em cima de uma arca. Alli dizia aos Irmãos palavras de muita consolação, tendo-se por indigno de tantas mercês, como Deus lhe fazia. Pediu que lhe dessem uma pouca de agua para apagar a sêde. Deu-se-lhe por uma campainha, em logar de pucaro que não tinham. Confessou-se com o Padre Andrade. Vendo ser chegada a sua hora, pediu a todos lhe dissesse cada um seu *Credo*. Não tardou muito que não viessem quatro ou cinco herejes dos que alli acudiam a fazer acintes e perrarias aos servos de Deus; os quaes vendo ao Irmão Manoel Alvares, disseram entre si: "Este é o que gritava em cima; *toma, toma, bota ao mar*. Logo pegaram d'elle e, levando-o de rasto até ao bordo da nau, assim vivo deram com elle no mar.

Da mesma maneira, achando alli perto ao Irmão Pedro de Fontoura, o lançaram tambem vivo ao mar.

Emquanto os Irmãos davam á bomba, dissimuladamente se confessaram todos. N'este tempo, tendo já os herejes lançado os mortos ao mar e muitos feridos, que acharam no convés da nau, começaram a trazer os que estavam por dentro d'ella. Então viram o corpo de seu bemdito pae e pastor o Padre Ignacio de Azevedo ser trazido por seis ou sete francezes, todo interiçado, com os braços em cruz estendidos. Assim vestido e calçado o levaram diante dos olhos de todos e lançaram-no ao mar. Esta vista foi para elles de grandissima dor e magoa Ficaram mu-

dos com a pena, desabafando esta pelos olhos em muitas lagrimas, e pela boca em soluços.

Por serem os Irmãos obrigados a estar á bomba, o não viram cahir nas ondas; porém sete ou oito marinheiros portuguezes, que andavam livres e então se acharam no castello da pôpa, nunca tiraram os olhos d'elle. Ficaram attonitos do que viram e o contaram depois ao Irmão que escapou. Disseram pois que o corpo do varão de Deus se não fora ao fundo e que elles nunca d'elle tiraram os olhos, que sempre o viram ir sobre a agua com os braços abertos e estendidos a modo de cruz, até que se apartou tanto d'elles, que o perderam de vista. Contavam isto, com grande admiração, por coisa milagrosa, por ser coisa que elles por experiencia sabiam que qualquer corpo morto lançado no mar se vae ao fundo, como se fosse um sacco de terra.

O que accrescentou esta admiração foi o milagre da Imagem da Senhora; porque, morrendo com ella, nunca os herejes lh'a poderam tirar da mão. Com ella o lançaram nas ondas e tendo-a na mão levantada, andou assim sobre o mar de uma em outra parte o cadaver. Chegada a noite, uma onda o chegou junto da nau e um portuguez, estendendo a mão, pegou da Santa Imagem, que elle largou sem violencia. Occultou-a, quanto pôde, dos herejes. Depois na Ilha da Madeira a entregou aos nossos religiosos, d'onde foi levada ao Brazil e dizem se conserva no Collegio da Bahia.

Havendo já muito tempo que os Irmãos continua-

vam na bomba, parecendo ao Padre Andrade que estavam mui fracos e necessitavam de algum alimento, foi ter com o capitão dos herejes que estava na pôpa fallando com os portuguezes como com amigos. Era elle sobrinho de Jaques Soria. Chamava-se *monsieur Merlim*, tão bom homem, como o tio; porém cuidou o Padre acharia n'elle alguma humanidade. Fallou-lhe em latim com cortezia, e representando-lhe a fraqueza dos Irmãos, pediu-lhe os soccorresse com algum mantimento. A resposta d'este barbaro foi arremetter ao Padre, como uma fera assanhada. Deu-lhe bofetadas e deitou-o de si com indignação. Logo a maldita canalha dos herejes, que com elle estava, se foram ao Padre seguindo o exemplo do capitão. Choveram sobre elle as bofetadas e pescoções. Atiraram-lhe com o barrete ao mar. Vendo-lhe a corôa, mais se enfureceram. Saltaram n'elle aos pontapés e com um deram com elle da xareta abaixo. Ficou do mau tratamento todo escalavrado, lançando pela bocca e narizes grande copia de sangue. N'esta fórma, cheio de alegria se foi para os Irmãos, dando graças a Deus por lhe fazer mercê de elle assim padecer por seu amor.

Depois dos Irmãos estarem por muito tempo cansados com o trabalho da bomba, entrou nos herejes novo furor. Fizeram-n'os ir todos para o castello da prôa, dando-lhes muitas espaldeiradas e dizendo-lhes injurias a montes. Quando passavam da bomba para a prôa, ia o Irmão Manoel Fernandes, de Celorico, por cima de umas taboas junto do bordo da

nau. Aqui se arremessou a elle um herege e, tomando-o nos braços, deu com elle no mar, pelo qual nadou seu espirito ao porto da bemaventurança. Metteram-n'os todos debaixo do castello da prôa e alli os fizeram despir suas roupetas, dando-lhes, sobre isso, muitas pancadas e bofetadas, em especial nos que tinham coroas e, mais que em todos no Padre Diogo de Andrade, por trazêr coroa de sacerdote.

Cuidavam elles que o tirar das roupetas fora para assim os lançarem no mar. Porém os herejes, assim como estavam os servos de Deus sem roupetas e sem barretes, os fizeram tornar á bomba. Ao passar, vendo os herejes ao Irmão Aleixo Delgado tão pequeno, porque teria quatorze para quinze annos de idade, tres ou quatro o arrebataram entre as mãos e começaram a dar-lhe muitas punhadas. Um d'elles o apertou comsigo, dando-lhe na cabeça e pescoço tanta punhada, que lhe fez saltar o sangue pela boca e narizes. Lançando-o elles de si, todo ensanguentado, se foi para os outros que estavam lidando com o trabalho da bomba. Consolaram-n'o, dizendo-lhe: "Irmão Aleixo, este é o tempo de padecer e soffrer por amor de Deus.„ Cuidando o innocentinho parecer a seus Irmãos haver n'elle fraqueza, respondeu: "Que coisa é isto? Isto não é coisa alguma. *Omnia possum in eo qui me confortat.*„

Depois trataram os herejes de seu jantar. Tomaram das galinhas que acharam em a nau e encheram d'ellas uma caldeira. Cozidas ellas, se pozeram a comer com grande festa. Das galinhas tomaram

meia duzia e as mandaram por um francez aos Irmãos que as comessem. Apresentou-as ao Padre Andrade, o qual, pegando d'ellas, as lançou no mar, dizendo ao francez: "Nós não comemos carne ao sabbado." Foi o francez mui indignado; dando aos outros em voz alta sua queixa do termo com que o Padre se houvera. Espantaram-se os Irmãos de que não viessem sobre elles os herejes. O Irmão Luiz Corrêa foi então aos camarotes, nos quaes achou uma pouca de conserva da qual o Padre Andrade fez que comessem alguns Irmãos. Poucos houve que podessem comer, porque todos a cada momento esperavam pela morte, nem havia coisa que mais desejassem. Os herejes, todas as vezes que por alli passavam, os investiam com ruins palavras e peiores obras, dizendo-lhes, que haviam de ser degollados e lançados ao mar. Os Irmãos de continuo se animavam uns aos outros, estando preparados para tudo o que Deus quizesse dispor de suas vidas.

CAPITULO XVIII.—De como foram mortos todos os mais; de como os viu no Céo Sancta Thereza; de algumas apparições que fizeram, e como no mar das Canarias d'ali a muitos annos se viu nas ondas uma representação d'este Martyrio.

Todas as coisas referidas passaram até o tempo que os herejes acabaram de jantar. Depois mandaram saber de Jaques Soria o que queria que se fizesse, dando-lhe conta de tudo o que se tinha obrado. Andava o seu galeão afastado da nau como um

terço de legua. Os que foram no batel metteram n'elle comsigo o piloto da nau Santiago e o calafate, por terem notado que elles com o capitão tinham morto a João Bocardo, patrão da nau de Jaques Soria. Iam elles bem tristes, porque entendiam a causa de serem levados.

Tambem fizeram ir no batel um dos nossos, por nome Simão da Costa, natural do Porto. Este, ainda que andava entre os Irmãos, não o parecia ser. Tinha de pouco entrado na Companhia e usava ainda dos vestidos seculares. Era mui bem apessoado e teve-se suspeita de ser filho de algum mercador, e o levavam para d'elle saber Jaques Soria as importancias da nau. Quando o piloto se embarcou, como derramasse muitas lagrimas, os herejes o consolavam, dizendo não temesse, porque seria piloto na nau do Principe. Ao Irmão diziam, pelo verem mancebo e bem disposto, que seria pagem do Principe.

Não lhes deu Jaques Soria ruins entradas, porque antes de descobrir seu mau coração, se quiz informar bem do que tocava ás fazendas da nau. Depois de informado, deixou-os ficar no galeão e voltou o batel á nau Santiago. Persuadiram-se os Irmãos chegar aviso de sua morte, e dizendo-lhes o Padre Andrade estivessem conformes com a vontade de Deus, responderam a uma voz: *Que n'elles se cumprissem suas sanctas disposições.* D'ahi a pouco os começaram a tirar um a um para fóra, contando-os bem e apartando-os da outra gente prisioneira, e pozeram grandes vigias, para que se não tornassem a misturar.

Feita esta diligencia, tornaram a mandar o bate a Jaques Soria e aos Irmãos fizeram de novo dar á bomba. Andavam os herejes como lobos famintos á roda do aprisco, esperando quando Jaques Soria daria sentença, para elles se poderem fartar do sangue dos innocentes cordeiros. Sendo que aos mais tratavam como amigos, aos nossos em tudo faziam má passagem, como quem só desejava beber-lhes o sángue. Fizeram grandissimas diligencias, assim porque nenhum dos passageiros morresse entre elles, como porque nenhum d'elles escapasse entre os passageiros. Viam a todos as corôas e as mãos e outros signaes de que se podiam ajudar, para os differençar de todos os mais. Succedeu aqui que um portuguez que ia por morador para o Brazil e era casado, por andar com certo roupão, foi tido dos herejes por Jesuita e por tal lançavam mão d'elle e o contavam entre os nossos. O pobre homem n'estas angustias tudo era gritar e esconjurar-se que não era *Prete*.

Com tudo nada lhe valia. Em vendo alguma aberta, logo se escoava dentre os nossos; mas sem proveito, que logo o tornavam a metter com elles, ainda que gritava ser homem casado com mulher e filhos. Tratavam-n'o muito mal, affirmando ser *Prete*, que queria com aquella traça escapar. Com tudo, advertindo os herejes que nenhum dos nossos se negava, antes chãmente diziam todos o que eram, se foram persuadindo não ser *Prete* aquelle homem, ajuntando-se a isto jurarem os outros prisioneiros que tal não era. Sahiu o triste das garras da morte, porque,

ainda que a causa na verdade a fazia appetecivel, não se lhe accommodava por então o estomago com ella.

Oito ou nove horas havia que os servos de Deus lidavam com a bomba, revezando-se entre si, padecendo em todo este tempo inexplicaveis injurias, porque só a elles faziam os herejes dar á bomba: aos mais, como disse, tratavam com bom rosto. Nascia este odio, como elles confessaram, de que em França os maiores inimigos da sua seita eram os Jesuitas; por isso imaginavam fazer a Deus obsequio em molestar gente tão detestavel. Esperando os herejes por instantes a resolução de Jaques Soria, viram sobre a tarde que o seu galeão se vinha chegando para a nau. Chegando á falla bradou, dizendo aos seus: "Deitae, deitae ao mar esses *Pretes*, que vão semear falsa doutrina ao Brazil."

Ouvida esta sentença, fizeram ir para o castello de pôpa a todos os portuguezes que andavam pelo convez. Feita esta diligencia, com grande furia e festa arremetteram aos Irmãos. Arrebataram-nos da bomba e parecia que os levavam pelos ares. Não lhes davam logar a dizer palavra. O primeiro a quem arremetteram foi ao Padre Andrade. Alli na bomba lhe deram punhaladas e por uma portinhola, assim vivo e mui ferido, deram com elle no mar. O mesmo fizeram ao Irmão Domingos Fernandes e ao Irmão Antonio Soares. Aos grandes, que elles tinham por sacerdotes, por ser contra elles mais o seu odio, lhes davam punhaladas, antes de os lançar ao

mar. Aos outros de menos idade, que pareciam de dezesete e dezoito annos para baixo, sem nenhuma ferida os lançavam ao mar vivos.

Duas partes havia no convez por onde os lançavam: uma junto á bomba, outra mais chegada ao meio do convez. Para uma parte levaram ametade, e os outros para a outra. O Irmão João Sanches ficou entre os que estavam junto á bomba, por isso não viu a quaes dos outros deram punhaladas e a quaes lançaram sem ellas. Depois lhe contaram os marinheiros que os grandes iam feridos ao mar e os pequenos sem feridas. O Irmão Magalhães, quando o arremessavam, mostrando particular alegria, disse aos tyrannos: "Ah! Irmãos, Deus vos perdoe isto que fazeis!„ Geralmente em todos havia contentamento e tinham razão para elle.

Foi singular o esforço do bemdito Irmão Gregorio Escrivano. Era mui achacado do estomago ainda em terra; com o enjoamento foi muito mais, mas tão amigo do trabalho, que elle sustentava o principal da cozinha. Dias havia que o Padre Azevedo o obrigára a estar na cama; mas quando viu o que que se fazia a seus Irmãos, não querendo perder a coroa do martyrio, se tirou da cama e sem barrete e descalço se foi metter entre os mais. Coadjutor temporal, o Irmão Gregorio Escrivano era natural de Logronho, em Castella. Foi lançado vivo ao mar.

O Irmão Alvaro Mendes toda a viagem foi enfermo de enjoamento; com tudo isso não quiz ficar na Ilha da Madeira para ir com o Padre Pedro Dias, e

vendo maltratar a seus Irmãos, se foi metter entre elles. Natural da cidade de Elvas, o Irmão Alvaro Mendes era estudante e foi lançado vivo ao mar.

Todos foram lançados pelo dito modo ao mar, excepto o Irmão João Sanches, que era pequeno, e Deus o guardou como testimunha de vista, que depois contasse todas estas coisas. Quando os herejes apartaram os Irmãos, logo então conheceram a este por cozinheiro, assim pelo vestido menos asseado, como pelas mãos cheias de callos do trabalho. Agora, quando já estava ao bordo da nau para ir ao mar, acudiram alguns, dizendo: "Deixae este para cozinheiro.„ Assim o fizeram por ter d'elle necessidade e fez este officio até França. O logar d'este suppriu Deus por um modo bem novo.

Quando os herejes arrebataram os Irmãos da bomba, acharam alli a dois mancebos que não eram da Companhia. Porem persuadidos serem *Pretes*, os levaram de mistura com os Irmãos. Foi coisa notavel o que aqui se viu. Um d'elles consentiu ir ao mar por da Companhia sem n'isso ter alguma repugnancia; mas o outro começou a gritar que elle não era *Prete* nem da Companhia. Por mais que fez para escapar, nada lhe valeu; e assim foi ao mar sem evitar a morte e sem grangear a coroa do Martyrio.

Este era um mancebo passageiro. O outro, a quem Deus alli parece que acceitou na Companhia, em todo o tempo da navegação pedira com muita instancia ao Padre Azevedo o recebesse entre os seus. Era sobrinho do capitão da nau. O Padre Azevedo lhe

queria muito por seus bons costumes. Em todos os trabalhos referidos quasi nunca sahiu d'entre os Irmãos. Foi para louvar a Deus ver a sua morte. Callou-se sempre, havendo-se como qualquer dos outros da Companhia e indo de tão boa vontade para o sacrificio, como elles. Chamavam-lhe *São Joanninho*, que é nome costumado entre Douro e Minho, d'onde era natural.

Quando foram ao mar, estavam os portuguezes na pôpa vendo este glorioso triumpho da fé, no qual havendo tantas crianças, nem uma só fraqueou nem jámais se desnegou de quem era. Disseram os marinheiros portuguezes que os que não sabiam nadar se iam logo ao fundo com os braços abertos. Em especial disse um do Irmão Aleixo Delgado: "Aquelle Padrezinho que nos cantava a doutrina, logo que o lançaram, se foi ao fundo com a cabeça para baixo e com os braços abertos.„ Outro disse depois chorando: "Quando os via ir pelo mar com as cabecinhas erguidas e com as mãos levantadas, fallando uns com os outros alto, quebravam-me o coração. Até os das outras naus se magoaram com tanta fereza. Os de uma, quando os viam passar, lhes gritavam se chegassem á nau, que os recolheriam. Estes eram os que sabiam nadar; mas ou os não ouviram, ou se não fiaram d'elles, tendo-os por taes, como os outros.

No dia seguinte mandou Jaques Soria vir deante de si aos tres que dissemos foram levados á sua nau. Ao piloto e calafate mandou cortar as cabeças por serem culpados na morte de João Bocardo que era

pessoa principal. Ao Irmão perguntou se elle era tambem *Prete Jesuita?* Como o Irmão Simão da Costa estava ainda vestido de secular, ficava facil o livrar-se, mas elle chãmente confessou ser da Companhia.

Accendeu-se Jaques Soria em ira com esta resposta e lhe mandou alli sem demora cortar a cabeça. Ditoso Irmão, que com um só mez de Companhia conseguiu tão grande felicidade! Natural da cidade do Porto, o Irmão Simão da Costa era coadjutor e foi lançado nas ondas em 16 de Julho.

Este glorioso esquadrão de Martyres viu no ceo a Sancta Madre Theresa de Jesus com as laureolas do Martyrio e em especial o bemaventurado Francisco Peres Godoi, que era seu parente chegado no sangue.

Tambem traz o nosso Padre Eusebio no tomo 4.º dos seus "Varões Illustres„ que em companhia do Irmão Pedro Aldêa appareceram a certos casados de bom viver com corôas de flores na cabeça e palmas nas mãos.

O Beato Ignacio de Azevedo cercado de luzes e resplandores appareceu a seu irmão D. Jeronymo de Azevedo. Assim o referem diversos auctores.

O que foi causa de grandissima admiração e teve por testimunhas a muitos da nossa Companhia é o que, em nome dos mais que isto viram, escreveu o nosso Padre Mario Falconio em carta sua, dada em Buenos Ayres, no Paraguay, ao 1.º de Março do anno de 1671; e tinha o que diz succedido um anno

antes no mar das Canarias, onde acabaram estes nossos sanctos Irmãos.

O que escreveu e viu o Padre Falconio, traduzido fielmente do latim, em que o traz o Padre Alegambe, em lingua vulgar, é o seguinte: "Em um sabbado, 19 de Novembro, juncto da noite se poz o vento do nascente e pela noite totalmente cessou. Seguiu-se calmaria até á tarde de domingo. Oh! calmaria! oh! suavissima calmaria! Não qual costuma ser a que traz tedio aos navegantes; porque, parados n'aquellas ondas que foram brando sepulchro a 39 Martyres, que doçura se crê que esperimentámos? Viamos as ondas, que até a este tempo apparecem tingidas com aquelle formoso sangue, mais especiosas que os crystaes; pareciam mais esplendidas que as pedras preciosas aquellas gottas que cahiam da agua tirada com as mãos; mais nobres que as margaritas do Oriente, que se recebem luz do sol, estas resplandecem com 39 sóes. Estas aguas nos foram mais doces que o nectar, e gostando-as, as sentiamos suavissimas. Como quer que estivessemos parados, derretendo-se os animos com a doçura, mais que com as mesmas aguas, se nos mostraram nas ondas varias apparencias, as quaes com grande admiração estavamos vendo. Já nos parecia ver aquelles sanctos feridos, já desfazendo-se em rios de sangue, já se nos representavam algozes discorrendo de uma em outra parte. N'este tempo, levantando-se um vento, perturbou o mar, abalou as naus, e desfez nosso gosto."

Até aqui as palavras do Padre Falconio.

Adverte o Padre Alegambe que, ainda que isto pareça ser contado pelo Padre com modo mais de quem medita e considera o que foi, do que de quem com narração historica escreve o que viu com seus olhos, em verdade o Padre aqui conta historicamente o que, cheios de admiração, viram com seus olhos nas ondas d'aquelle ditoso mar, em que Deus, para consolação dos Religiosos da Companhia que iam n'aquella nau, representou nas ondas o estrago de que ellas foram amphitheatro, e com novo portento adoçou as aguas salgadas.

CAPITULO XIX.—Do estrago que os herejes fizeram nas coisas de devoção. Tudo o mais que succedeu á nau Santiago. Como até os herejes estranharam esta fereza. Castigo que teve Jaques Soria e outros d'estes tyrannos.

Para que haja plena noticia d'esta grande tragedia direi o mais que passou n'aquella nau Santiago, que foi o theatro onde se fez esta crueldade. No dia seguinte, que foi domingo, começaram os herejes a revolver o que havia na nau. Deixadas outras coisas, foram dar com um bahú, em que o Beato Ignacio levava reliquias e coisas sagradas. Tanto que n'ellas deram com os olhos, um novo diabo lhes entrou nos corpos e almas. Começaram a fazer em pedaços as sanctas reliquias, lançal-as pelo convés da nau, pisal-as e saltar sobre ellas. Dando com um

meio corpo em que ia mettida uma cabeça das onze mil Virgens, lhe tiraram esta reliquia e feita em pedaços a arrojaram no convés. Os nossos portuguezes recolheram, como poderam, estes pedaços. O meio corpo de vulto trouxeram muitos dias enforcado da gavea. Dizia o capitão que o levava para o ter em casa por imagem de uma filha sua que com ella se parecia.

Castigou Deus este desaforo com uma grande tempestade que lhes durou muitos dias, e elles disseram entre si que, emquanto alli fosse aquella imagem, a tormenta não cessaria. Então permittiu o capitão que a lançassem no mar e cessou a tempestade.

As contas e rosarios punham ao pescoço e, rezando por escarneo a *Ave Maria*, as deitavam nas ondas. Entornaram pelo convés os oleos sagrados e botaram ao mar os vasos em que iam. Davam ao Irmão João Sanches, que já era seu cozinheiro, uma cruz do verdadeiro lenho do Senhor para que a lançasse no fogo. Não o querendo fazer, o encheram de pontapés e bofetadas, e depois a pozeram no fogo, dizendo ao Irmão: "Olha, perro papista, como arde." Tomaram um devoto crucifixo, que o Beato Ignacio levava, e, formando um altar, começaram por zombaria a entoar: *Ó Christe Sancte*, e logo com um furor do inferno de quem eram filhos, estendendo a santa Imagem sobre uma meza, lhe deram punhaladas.

Abrindo um caixão em que iam os ornamentos sagrados, armaram um como altar e se revestiram a

modo de quem queria dizer Missa, indo arremedando as ceremonias sagradas. Por hostia tomaram um *Aguns Dei;* depois de o levantarem, deram com elle no chão e, passando-o com muitas adagadas, o deitaram no mar, dizendo ser coisa do diabo. Os ornamentos e peças de sêda guardaram, por esperarem d'ellas interesse.

Os calices lhes serviam de copos nas mezas. Pela excellencia da pintura, guardaram uma Imagem da Senhora, tirada pela de S. Lucas, pasmando da formosura que representava. A esta com o livro das nossas Constituições guardou para si o capitão. Outra Imagem de vulto, tirada ao natural pela de S. Lucas, feita em marmore, tambem a guardaram, por lhes parecer peça de muito preço.

Cinco leguas de terra estariam, quando commetteram estas abominações. D'ahi se foi Jaques Soria com toda a armada e prezas, para se refazer de agua e mantimentos, á Ilha Gomeira, onde a gente da terra tinha posto em seguro sua fazenda e prata das egrejas por temor de gente tão feroz. Mostrou Jaques Soria ir de paz pela necessidade que tinha de se refazer. O conde da Gomeira, esperando haver d'elle os captivos, o recebeu de paz e lhe fez a elle e aos seus festa em terra, banqueteando-os. Depois do convite, lhe pediu os captivos. Prometteu de os dar.

Refez a armada do destroço que recebera e a proveu de mantimentos e agua, e depois, por cumprir de algum modo sua palavra, lhe largou vinte captivos que lhe pareceu serviriam de pouco, levando comsi-

go todos os mais, que da nau Santiago eram dez, e de outras prezas eram muitos. Logo deu á vela, tomando a seu sobrinho por patrão da sua nau e pondo outro em seu logar em a nau Santiago, chamado *Monsieur de He.*

Partiram d'alli todos junctos; porém Jaques Soria, por não poder já levar mais, se fez caminho de França.

A nau Santiago, na qual ficou o Irmão João Sanches, andou cinco mezes ás prezas pelas costas de Galliza, Portugal e Algarve. Tomou alguns quatro navios portuguezes e seis de outras nações. Passaram grande tormenta; depois lhe começou a faltar agua e vinho. Quarenta dias beberam quasi todos vinagre.

Morreram alguns mui atormentados de sêde. Depois lançaram alguns sete ou oito dos seus em um batel na costa da Galliza para irem buscar agua.

Foram prezos dos gallegos e levados a Sanctiago. Ali os queimaram por herejes. Tomando uma vez um navio de bretões francezes catholicos metteram n'elle gente, entre elles um piloto e um predicante, ambos herejes finissimos. Tinha o navio uma agulha, em cujo espelho estava pintada a Sancta Magdalena na sua lapa, e um crucifixo diante da Sancta. Logo o piloto quebrou aquelle espelho e poz outro em seu logar. Succedeu que d'ahi a pouco, andando ás voltas com um barcote biscainho para o tomar, castigou Deus o aggravo que lhe tinham feito.

Não havia no barcote mais que um berço o qual escondia. Indo passando juncto dos herejes em uma das voltas, vendo ser occasião, os biscainhos dispa-

raram a sua peça, cuja bala matou ao piloto e predicante e foi dar na agulha e a fez em pedaços. Logo se acolheu sem lhe poderem dar alcance; porque nem sempre Deus guarda para muito tempo o castigo das injurias que a Elle e a seus sanctos se fazem.

Chegou finalmente a nau Santiago a tomar porto na Rochella, que n'aquelle tempo era o valhacouto dos herejes e piratas. Posto que vinha com uma frota de onze velas; uma tempestade as espalhou no cabo de *Finis Terrae,* e não lhe ficaram mais que duas, que entraram, primeiro que ella, no porto. Duas das outras mataram os herejes que dentro iam e se foram metter em Lisboa. Das outras não se sabe onde fossem parar.

Era a nau Santiago mui esperada; e por isso foi recebida com grandes festas. Disparou a cidade muitas peças em sua entrada. Recebeu com sua chegada grande contentamento Madama Joanna de la Brit, que se intitulava rainha de Navarra e era cabeça d'aquelles herejes rebellados contra seu rei.

A causa especial d'este seu gosto foi uma mentira que lhe metteu na cabeça o contramestre da nau Santiago, a quem Jaques Soria levara deante no seu galeão. Querendo-se este livrar d'uma culpa que lhe punham da navegação e da ira de Jaques Soria, lhe disse que o não matasse, que elle lhe descobriria onde vinha um grande thesouro. Acceitando elle o partido, lhe disse que na nau Santiago, juncto ao mastro, vinha um barril de ouro d'El-Rei de Portugal. Isto mesmo metteu em cabeça á rainha, que por

essa causa o tratou bem. Houve d'ella um cavallo e dinheiro, e, antes que chegasse á nau, se acolheu para Bordeus e d'ahi para Portugal. Cheia pois d'estas esperanças, veio em pessoa á nau, perguntando pelo barril. Fez buscar n'aquelle logar, onde se achou um barril cheio de pratos de estanho que o Padre Ignacio de Azevedo levava para os Collegios. Então cahiu no engano.

A nau Santiago, em chegando, abriu logo. Ficou assim quebrada e mettida no fundo, que parecia não poder jámais servir. Das mercadorias que levavam carregaram logo os herejes dois navios e os mandaram ao Brazil. Em saindo, encontraram-se com a armada do Duque de Alva, Governador de Flandres, que os metteu a pique. N'este tempo o Irmão João Sanches andava em serviço de Jaques Soria servindo em casa descalço, sem camisa, e sem chapéu, coberto sómente com uma samarra. Os herejes por escarneo lhe chamavam o S. João Baptista no deserto. Vendo-se que não havia esperanças de haver por elle e outros algum resgate, a rainha deu licença se fossem a suas terras. O Irmão Sanches padeceu muito até chegar ao nosso Collegio de Onhate, em Hespanha. Alli se deu a conhecer e de Collegio em Collegio chegou em Portugal ao de Evora, e d'alli foi chamado ao de Santo Antão em Lisboa, onde por sua informação o nosso Padre Mauricio escreveu os passos d'esta larga tragedia.

Este Irmão João Sanches, a quem por ser cosinheiro, deixaram com vida, vindo da Rochella a Portu-

gal, como temos dito, acabou o seu Noviciado e, feitos os votos, viveu na Companhia nove annos. Depois foi d'ella despedido, que na verdade é exemplo formidavel e aviso aos Religiosos que nunca se deem por seguros; pois um homem, que esteve nas mãos dos hereges para ser em odio da Fé lançado ao mar, faltando-lhe a elle o Martyrio, não elle ao Martyrio, veio a faltar na sua vocação e firmeza dos propositos sanctos com que se abraçára na Religião.

Quando chegou a Evora a nova d'este glorioso Martyrio de quarenta da Companhia, houve no Collegio grande fervor lembrando-se todos de que eram Martyres aquelles mesmos com quem havia tão pouco tinham conversado. Teve o Irmão Antonio Pacheco uma oração diante da communidade, assistindo o Padre Provincial Jorge Serrão, na qual, em nome de todos, pede a Missão do Brazil, apontando alguns dos Irmãos que morreram e tinham ido de Evora, como o Irmão Manoel Alvares, Francisco Alvares, Antonio Soares e Pedro de Fontoura. E querendo encarecer a grande gloria que d'estes Martyres resultava ao Collegio de Evora, diz estas palavras; "Qanto mais, que outra acção tem Evora em que faz vantagem a toda a Provincia: que os dos outros Collegios quasi todos estão vivos, os d'este estão no céo e deixaram os seus logares vazios. Parece-me que ouço aquelles dois innocentinhos Aleixo Delgado e Pedro Nunes bradar por seus Mestres, condiscipulos e Irmãos, que n'este Collegio estão.„ Logo

vae continuando sua oração que é em lingua portugueza, na qual foi feita, e se guarda no cartorio do Collegio de Evora.

Em toda a Europa fez nosc hristãos este Martyrio grandissimo abalo, dando graças ao Senhor por assim illustrar sua Egreja em tempos tão calamitosos.

S. Pio Quinto, que então governava a nau de S. Pedro e tinha conversado e feito tantas mercês ao Padre Ignacio de Azevedo, em um *Motu proprio*, que n'aquelle tempo despachou, no qual concede á Companhia as graças dos mendicantes, tem estas palavras:

"Não contentes com os fins das terras, penetraram até as Indias Orientaes e Occidentaes. E a alguns d'elles tão fortemente os moveu o amor de Deus, que, prodigos de seu proprio sangue, por plantarem mais efficazmente n'essas partes a palavra de Deus, se submetteram ao Martyrio voluntario.„

As praticas que, depois de tomada a nau Santiago e mortos os nossos, os herejes tinham com os prizioneiros portuguezes, todas mostravam o refinado odio que n'elles havia contra os da Companhia. Diziam que por nenhum caso perdoariam a algum da Companhia, porque em França eram os mais capitaes inimigos que tinha a sua seita; que elles ali eram os que sustentavam a Egreja Romana, a El-Rei e aos outros Catholicos. Fallando com o Irmão João Sanches, para o consolar, lhe disseram: "Certo que este Jaques Soria hade ir ao inferno, porque matou tantos Padres com tanta crueldade.„ Respondeu-lhe o Ir-

mão: "Pois vós porque os mataveis, vendo que elles nem pelejavam nem vos faziam mal? Acudiu um d'elles: "Não deixariamos nós de matar um d'aquelles *Pretes* por quanto no mundo ha, porque, se elles não foram, já em França todos seriam uns.„

Outro, fallando com os marinheiros, disse: "Se vós não matareis a João Bocardo na entrada da nau, a nenhum de vós matariamos, senão aos *Pretes*.„ Disse mais: "Aquelle grande diabo que estava nas mãos com a Imagem de Sancta Maria era Bispo?„ Responderam os marinheiros que não, mas que era Provincial dos mais, e homem de nobre geração; que, se o não matassem, lhes daria El-Rei por elle muito dinheiro. Acudiu um: "Nem que El-Rei nos dera quanto tem, lhe perdoariamos.„

Quando o capitão, que na nau Santiago succedeu ao sobrinho de Jaques Soria, chegou á Rochella, a Rainha o chamou e lhe perguntou pelos Jesuitas, e se os trazia, estando presente o Irmão João Sanches. Respondendo que os não trazia, e que todos foram lançados ao mar, ficou espantada de tal deshumanidade. Perguntou mais quem os mandaria lançar. Dizendo que Jaques Soria, o mandou alli vir e lhe disse: "Que é dos Padres Jesuitas? Porque os mandastes lançar ao mar?„ Respondeu com seu pouco pejo: "Eu os não mandei lançar, mas elles com o mêdo de mim por sua vontade se lançaram.„ Não se atreveu a dizer o que fizera, por ver na Rainha um grande espanto d'aquella crueldade. Mas como ella ia pouco interessada na vida dos Jesuitas, não tomou por isso

muita paixão. Quando o Irmão Sanches vinha por França com os mais, pediam esmola e contavam haver sido aprisionados por Jaques Soria, referindo a mortandade que fizera nos Jesuitas. As francezas herejes lhe rogavam muitas pragas, por ser tão fero e deshumano.

Direi por fim d'esta narração o castigo que deu Deus a alguns dos que concorreram na morte do Padre Ignacio de Azevedo e seus companheiros. Os quatro soldados que cooperaram na morte do Padre Azevedo subitamente perderam a vista e ficaram de todo cegos. Jaques Soria d'alli a alguns annos morreu, raivando como cão. Foi sua morte tida até dos herejes por infeliz e de um homem inimigo de Deus e abominavel. Tambem um dos herejes que n'isto concorreram, entrando em uma Egreja de catholicos a fazer zombaria das Santas ceremonias, de repente foi ferido por Deus com um horroroso tremor do corpo. Este o fez entrar em si e conhecer seu peccado. Pediu perdão á Virgem Senhora, de quem era aquella Egreja. Sarou no corpo e alma, e detestou suas heresias.

CAPITULO XX.—Dá-se noticia dos trinta e nove companheiros do Beato Ignacio dc Azevedo.

Para concluir é bem diga primeiro o de que ha memoria de cada um d'estes gloriosos filhos da nossa Comp. nhia, cujo triumpho aconteceu em um sabbado 15 de julho do anno de 1567, dia por certo o

mais glorioso que até ao presente teve toda a nossa Companhia; e se hade ter outro que o vença ou iguale, só Deus o sabe. Assim mesmo foi este dia ditosissimo para a nação portugueza, pois quasi todos os que aqui triumpharam, excepto alguns poucos de outras nações de Hespanha, foram nascidos em Portugal. De todos elles darei uma breve noticia, pois, afóra o que fica dito, não é muito o que d'elles sabemos. Seguirei a ordem do alphabeto, porque facilmente dê com este ou com aquelle quem quizer saber a noticia que nos ficou em memoria.

1.º Beato Aleixo Delgado, filho de um cego, a quem elle servia de guia, era natural da cidade de Elvas. Ensinando o bom cégo uma cachorrinha que o guiasse, como o filho tivesse mui lindo engenho, indole e habilidade, o entregou a um homem honrado de Evora, para que lhe desse alguma ordem e modo com que estudasse. Trazido a Evora, foi recebido para servir no Collegio dos *Convictores,* que era nos Paços d'El-Rei. Este Collegio que se dizia dos *Porcionistas* era instituido pelo Infante Cardeal D. Henrique. N'elle se criava muita fidalguia e era mui numeroso. Corria o seu governo por conta dos Religiosos da Companhia. O menino Aleixo foi em pouco tempo crescendo em virtude e no estudo das letras. Indo um dia o Padre Jorge Serrão, que era Reitor do nosso Collegio, vêr este dos *Convictores,* o menino Aleixo rogou muito que o admittisse na Companhia. Perguntou-lhe o Padre para que queria ser da Com-

panhia? Respondeu que o movia a isso o muito que desejava ser Martyr. Vindo a Evora o Padre Ignacio de Azevedo, tendo Aleixo quatorze annos, o admittiu na Companhia. Mostrou sempre espirito maior que sua idade, como fica dito. Diziam ao depois que os herejes o lançaram pelo ar ás ondas, bem como uma laranjinha.

2.º Beato Affonso de Baena, coadjuctor temporal, de nação Castelhano, da Provincia de Toledo. Foi lançado vivo no mar. Tinha de Companhia 3 annos; era de officio ourives; de idade contava 30 annos.

3.º Beato Alvaro Mendes, natural de Elvas.

4.º *Beato André Gonçalves*, estudante. Sua patria foi Vianna do Alemtejo, no Arcebispado de Evora. Estudára n'aquella Universidade. Foi ao mar cheio de punhaladas.

5.º Beato Antonio Corrêa, estudante, natural do Porto. Filho de João Gonçalves e de Violante Corrêa. Entrou na Companhia em Coimbra ao 1.º de junho, de 1569, tendo 16 annos de idade. Em minha mão tenho uma carta de letra de seu pae, em que, fallando d'elle, diz assim: "Meu filho Antonio Corrêa, que Nosso Senhor foi servido de levar ao Céo por martyrio, logo em seu nascimento e criação foi tão brando, que nunca tive com elle trabalho. Foi sempre tão bem inclinado, que nunca me lembra que fizesse coisa porque merecesse ser castigado. Desde que foi maior, não lhe havia de escapar doutrina do Collegio. Com muita efficacia pedia que o quizessem tomar para varrer as casas; mas porque era pequeno, o não

tomavam. Todavia aprendeu a ler, escrever e grammatica. Eu tinha um meu parente em Coimbra; mandei-o lá para aprender o latim. Era tão affeiçoado á Companhia, que pedia aos Padres o quizessem n'ella recolher. Mas, porque não era de idade para isso, o não tomaram. Então veio de lá tão desconsolado, que determinou metter-se Capucho; foi d'aqui a Ponte de Lima para se metter em um mosteiro de Capuchos, que lá está. Elles, quando o viram tão pequeno, lhe disseram que a sua regra era mui aspera, que não tinha edade, nem corpo para poder com ella. E não o quizeram acceitar.

Veio-se muito desconsolado. Quiz Nosso Senhor que n'aquelle tempo estivesse o Padre Manoel Rodrigues, que Nosso Senhor tem no Céo, em Coimbra, que fôra lá a negocio, e o Padre Peres, que estava aqui, lhe escreveu, e mandámos o mocinho, que com tantos desejos foi para lá. Quiz Nosso Senhor que o tomaram na Companhia, de que elle ficou tão contente, que sempre dava graças a Deus de lhe fazer tamanha mercê; e me disseram que todos os dias, que ouvia Missa, pedia a Nosso Senhor que ordenasse como elle fosse Martyr. Nosso Senhor foi servido de cumprir seus desejos. Seja elle para sempre louvado. Amen.„

Estas são as palavras do pae d'este ditoso Irmão. Disse a outro Irmão que confiava em Deus que havia de ser Martyr, e que isto pedia a Nosso Senhor, um anno havia, quando entrou na Companhia, e corria em outro que n'ella estava per-

severando na mesma petição, todas as vezes que via levantar o Santissimo Sacramento. Revelou-lhe Deus, orando diante do Santissimo, que sua petição era despachada, de que ficou sobre maneira alegre. Foi lançado vivo nas ondas.

6.º Beato Amaro Vaz, coadjuctor temporal. Teve por patria a cidade do Porto. Seus paes se chamaram Francisco Pires e Maria Vaz. Entrou na Companhia no Porto no 1.º de Novembro de 1569. D'ali foi continuar o Noviciado em Coimbra. Tinha de edade dezeseis annos. Foi lançado vivo ao mar atravessado com punhaladas.

7.º Beato Antonio Fernandes, coadjuctor temporal. Todos os que d'elle escrevem dizem ser natural de Monte-Mór-o Novo, no Arcebispado de Evora: porém o livro das entradas d'este Noviciado tem ser natural de Lisboa. Como era de officio Marceneiro, talvez se creasse aprendendo o officio em Lisboa, e Montemór fosse a sua patria. Seus paes se chamaram Gaspar Fernandes e Maria Lopes. Tendo dezoito annos de edade, entrou na Companhia ao 1.º de janeiro de 1570. Atravessado a punhaladas, foi lançado vivo ao mar.

8.º Beato Antonio Soares, natural de Trancoso, villa bem conhecida na Provincia da Beira, filho de Vicente Gonçalves e de Leonor Soares. Entrou para coadjuctor temporal a 5 de Junho de 1565. Em Evora passou todo o Noviciado. Serviu nos officios de cozinheiro, refeitoreiro e enfermeiro. Em a nau fazia officio de Soto-Ministro e foi um dos nomeados para

esforçar no conflicto aos que pelejavam. Ferido de punhaladas foi ao mar vivo.

9.º Beato Bento de Castro, natural da Villa de Chacim, no Bispado de Miranda. Seus paes se chamaram Jorge de Castro e Izabel Braz. Entrou na Companhia em o Noviciado de S. Roque aos 2 de agosto de 1561. Era de forças de corpo muito fraco, mas grandemente animoso. Tanto que lhe deram a nova que havia de ir para o Brazil, se foi ao coro dar graças a Deus e offerecer ao Santissimo. Depois se foi ao cubiculo, abraçou o companheiro e lhe disse com excessiva alegria: "Companheiro, eu heide ser o primeiro que heide sahir aos herejes com um crucifixo na mão, e com elle na mão heide morrer.„ Era Irmão de muita virtude; por isso o Beato Ignacio de Azevedo lhe deu em a nau a occupação de Mestre de Noviços. De todo o exercicio de virtudes com que o Padre Azevedo ensaiou para o martyrio a seus bemdictos companheiros foi boa parte o Irmão Bento de Castro. Elle com os mais no retiro de Val de Rozal se entregou todo a Deus. Depois na casa de S. Roque fez muitos actos de virtude e em especial de humildade, na qual muito os exercitou seu glorioso capitão. Depois em a nau, como foi por Mestre dos Irmãos Noviços, era a todos vivo exemplo de sanctidade.

10.º Beato Braz Ribeiro, coadjutor temporal, nascido em Braga. Tinha 24 annos de edade e 7 mezes de Companhia.

11.º Beato Domingos Fernandes, natural da villa

de Borba, no Arcebispado de Evora, filho de Bento Fernandes e Maria Cortés. Entrou na Companhia aos 25 de Setembro de 1567. Morreu lançado vivo ao mar, ferido de punhaladas.

12.º Beato Diogo de Andrade, natural de Pedrogão Grande, sacerdote professo de tres votos solemnes. Seus paes se chamaram João Nunes e Anna de Andrade. Entrou na Companhia em Coimbra aos 7 de Julho de 1558. Em a nau fazia officio de Ministro. Sendo cosido a punhaladas, foi lançado vivo no mar.

13.º Beato Diogo Pires, natural da villa de Niza, no Bispado de Portalegre. Chamava-se antes *Mimoso*, por haver este appelido em familias d'aquella villa, e não pela razão que alguns escriptores apontam de que se dizia assim por ser de genio mui amavel. Estudava Philosophia em Evora; parece que o não ajudava muito o engenho para as delicadezas d'esta sciencia. Faltou um dia no curso, pela qual falta o mandou o Mestre castigar. Recebeu o castigo com grande sujeição. Depois foi dizer ao Mestre que a causa de faltar fôra ter ido ao Mosteiro de Valverde, distante legua e meia de Evora, tratar com o Guardião sua entrada nos Capuchos da Piedade, de cuja Provincia é aquelle mosteiro. Respondeu o Mestre que sentira não saber antes a causa de faltar. Louvou-lhe muito tão sanctos intentos, e de caminho lhe engrandeceu a boa eleição que alguns estudantes d'aquella Universidade fizeram de irem, recebidos pelo Padre Ignacio de Azevedo, para o Brazil.

Logo Diogo Pires se começou tambem a inclinar áquella viagem. Pediu a Companhia em que foi acceito. Contando depois o Mestre sua bem afortunada morte aos condiscipulos, fizeram d'elle mui honradas lembranças e cobraram tal respeito ao logar em que se assentava, que d'ali por deante nenhum n'elle se assentou.

14.º *Beato Estevão Zurara*, de nação Biscainho, de officio borlador, foi um dos que no tempo da peleja animava e foi lançado no mar. Era coadjuctor, roupeiro no Collegio de Placencia, onde teve revelação do seu martyrio e a descobriu a seu confessor.

15.º *Beato Fernão Sanches*, estudante, da provincia de Castella a velha, foi lançado vivo ao mar e muito mal ferido.

16.º *Beato Francisco Alvares*, coadjutor temporal, nascido em Covilhã, no Bispado da Guarda, filho de Antonio Affonso e de Brites Alvares, entrou na Companhia aos 21 de Dezembro de 1564. No livro das entradas se diz em como foi cozinheiro no Collegio de Evora, e fôra comprador, que se occupava em fazer pannos e cardar, arte que devia ter, antes de ser da Companhia, e depois, sem d'ella se desprezar, a exercitava. Foi lançado vivo ao mar.

17.º Beato Francisco de Magalhães, natural da villa de Alcacer do Sal, no Arcebispado de Evora. Entrou na Companhia em Evora aos 27 de dezembro de 1568, sendo Mestre dos Noviços o apostolico varão o Padre Balthazar Barreira. Era de gente no-

bre. Seus paes se chamaram Sebastião de Magalhães e Izabel Luiz. Não entrou na Companhia para o Brazil, mas sendo ainda Noviço, foi sua pretenção com tanto fervor, que lhe houveram de despachar sua petição. D'elle fazia muito caso o Padre Ignacio de Azevedo e repartia com elle o trabalho em ordem ao governo dos Irmãos, porque achava n'elle especial talento e boa administração. O Irmão lhe pagava este amor com outro não menor, como fica dito na morte do Veneravel Padre, a qual elle sentiu mais que todos. Era estudante e entrára com 19 annos de idade. Foi lançado vivo ao mar.

18.º Beato Francisco Peres Godoi, castelhano, natural de Torrijos, no Bispado de Salamanca, parente da gloriosa Madre S. Theresa de Jesus. Estudando em Salamanca, tomou os Exercicios espirituaes de S. Ignacio, nos quaes tomou resolução de não pôr mais os olhos no mundo, e em segurança do seu proposito cortou um dos bigodes de sua barba, de que elle muito se prezava e que era um dos grandes impedimentos que tinha para deixar o mundo, não se atrevendo a cortal-os.

Com estranha resolução entrou na Companhia em Medina del Campo, sendo seu Mestre dos Noviços o admiravel e perfeitissimo varão o Padre Balthasar Alvares. Deu-se a extremada mortificação. Entre outras, indo a peregrinar, se lhe poz um insecto no rosto, e mordendo-o lhe fez sangue e o chupava sem o Noviço dar rumor de si, soffrendo mui quieto tão cruel tormento até que adver-

tindo o companheiro lh'o enxotou do rosto mui espantado e com razão de tão inaudito soffrimento. Por sua rara virtude o amava muito o Padre Balthasar Alvares.

Succedeu porém que achou o Padre ser elle falto de vista no olho esquerdo, e no exame que se faz aos que entram tinha callado este defeito, porque o acceitassem. Ficou mui sentido o Padre Balthazar Alvares por se ver obrigado a o despedir. N'este tempo fazia gente em Castella o Beato Ignacio de Azevedo. Propoz o Padre Balthazar Alvares ao Irmão Godoi o seu estado e, se quizesse ir para o Brazil, onde se podia dissimular mais em um sacerdote o seu defeito, ficaria na Companhia. Veio n'isso de boa vontade; e dizendo o Mestre ao Padre Azevedo as boas qualidades e excellentes prendas de Godoi e suas grandes virtudes não obstante o defeito, o acceitou.

Era dicto seu mui ordinario aprendido do Padre Balthazar Alvares: "Não degeneremos dos altos pensamentos de filhos de Deus.„ O que elle n'esta occasião bem exercitou em si e depois por vezes o intimava a seus Companheiros. Em Val de Rozal deu aquelle raro exemplo de oração e obediencia que acima contei. Sabia musica e tocar harpa e outros instrumentos, com que alegrava aos Irmãos; era o mestre n'aquelles suaves cantos de Val de Rozal e na viagem para as Ilhas. Quando entrou na Companhia, estudava Canones. Ferido a punhaladas, foi lançado vivo ao mar.

19.º Beato Gaspar Alvares, coadjutor, natural da cidade do Porto. Ferido a punhaladas, foi vivo ao mar.

20.º Beato Gonçalo Henriques, natural assim mesmo do Porto, tinha já ordens de Evangelho. Foi um dos que na peleja se destinou para dar animo aos soldados. Foi lançado no mar pelos herejes.

21.º Beato Gregorio Escrivano, natural de Logronho.

22.º Beato João Fernandes, natural de Braga, filho de João Fernandes e Anna Jorge. Tendo 22 annos de idade, entrou em Coimbra na Companhia para estudante aos 5 de Junho de 1569. Foi vivo ao mar.

23.º Beato João Fernandes, natural de Lisboa, filho de André Fernandes e de Helena de Torres. Entrou na Companhia em Coimbra para estudante aos 5 de Abril de 1568. Foi vivo ao mar.

24.º Beato João Mayorga, pintor, natural do reino de Aragão. Tinha 35 annos de idade e 3 de Companhia. Foi ao mar vivo.

25.º Beato João de S. Martinho, estudante, natural de Juncos, no Arcebispado de Toledo. Entrou na Companhia em Evora. Seus paes foram Francisco de S. Martinho e Catharina Rodrigues. Estudava na Universidade de Alcalá, quando foi acceito para a Missão do Brazil. D'ali veio dar principio ao seu Noviciado em Evora aos 8 de Fevereiro de 1570, tendo 20 annos de idade. Foi um

dos que a obediencia determinou para animarem aos que defendiam a nau.

26.º Beato João de Safra, coadjutor temporal, natural de Xaréz de Badajoz. Seus paes foram João Paes e Isabel Rodrigues. Entrou na Companhia em Evora aos 8 de Fevereiro de 1570. Foi vivo ao mar.

27.º Beato Luiz Corrêa, natural da cidade de Evora, estudante. Foi vivo lançado ao mar.

28.º Beato Luiz Rodrigues, estudante, natural de Evora, filho de Diogo Rodrigues e de Leonor Fernandes. Entrou na Companhia aos 15 de Janeiro de 1570. Ferido de punhaladas foi vivo ao mar.

29.º Beato Manuel Alvares, coadjutor, natural de Extremoz. Teve por paes a Jeronymo Alvares e Joanna Lopes; e entrou na Companhia aos 12 de Fevereiro de 1559. Antes de ser da Companhia era pastor nos campos de Evora, onde vivia com grande bondade e singeleza, e com a mesma viveu na Companhia. Mereceu que Deus lhe revelasse sua morte muitos annos antes de a padecer. A revelação se guarda no cartorio do Collegio, assignada pelo P. Pedro Luiz Homem, grande letrado, lente na Universidade de Evora e de muita virtude, diante de quem o Irmão Manuel Alvares declarou o que Deus lhe dera a sentir. As palavras com que está escripta são as seguintes: "A' cerca d'esta morte do Irmão Manuel Alvares, aconteceu uma coisa digna de notar e foi, que, sendo o P. Pedro Luiz ainda Irmão, e correndo com o Irmão Manuel Alvares familiarmente,

encontraram-se um dia á tarde; e chamando o Irmão Manuel Alvares ao Irmão Pedro Luiz duas vezes por seu nome, e dando de gume com a mão direita na cana do braço esquerdo, e depois com a mão esquerda do mesmo modo na cana do braço direito, e depois com a mão direita nas canas das pernas, disse (assim como ia dando) *Aqui, aqui quebrado por amor de Deus, indo por esse mar para o Brazil.* E dito isto, rindo continuou para onde ia. Isto contou o Padre Pedro Luiz muitas vezes e nunca advertiu ao acrescentar a esta historia, senão o dia abaixo assignado, e se lembra com tanta certeza que o poderia jurar, salvante o nomear Brazil; porque ainda que se acha com esta determinação do logar para onde havia de navegar, não é com tanta certeza, como o mais. Isto se acrescentou aqui por ordem do Padre Reitor Pedro de Novaes hoje 20 de Julho de 99. Pedro Luiz.„

Até aqui a margem de um livro antigo, onde se refere o martyrio d'estes gloriosos homens.

30.º Beato Manuel Fernandes, estudante, natural de Celorico da Beira, foi vivo ao mar.

31.º Beato Manuel Pacheco, estudante, natural da cidade de Ceuta, colonia dos portuguezes em Africa e agora o é dos castelhanos. Ao mar vivo.

32.º Beato Manuel Rodrigues, estudante, natural de Alcochete, no Arcebispado de Lisboa. Foi vivo ao mar.

33.º Beato Marcos Caldeira. Nasceu na villa da Feira, que é no Bispado do Porto. Seus paes se chamavam Pedro Martins e Isabel Caldeira. Tinha 22

annos de idade, quando entrou na Companhia aos 2 de Outubro de 1569. Entrou indifferente, isto é, ou para estudante ou para coadjutor temporal, conforme contentasse aos Padres e pedisse a sua capacidade. Dando-lhe o Padre Reitor na Capella dos Noviços em voz baixa o aviso de que havia de ir para o Brazil, como fóra de si de alegria rompeu, dizendo: "Oh! feliz de mim que heide ser Martyr!„ E isto repetiu com o mesmo fervor tres vezes, gritando tanto, que todos se espantaram cuidando que perdera o juizo.

34.º *Beato Nicolau Diniz,* estudante, natural da cidade de Bragança. Foi lançado vivo ao mar. Sendo ainda estudante secular, disse por vezes a seu mestre que o coração lhe dizia que havia ser Martyr. Depois de estar na Companhia teve revelação d'esta boa fortuna. Estando elle no Collegio de Bragança esperando aviso do Padre Ignacio de Azevedo para partir, entrou o Irmão dispenseiro na casa onde o Irmão Diniz estava occupado em amssar o pão e o achou com uma alegria tão extraordinaria, que lhe perguntou a causa. Respondeu: "Irmão, como posso deixar de estar alegre, se agora me revelou Deus que dentro de pouco tempo heide ser Martyr?„

Depois da morte do Irmão Diniz, quando a nova chegou a Bragança, se achava alli D. Antonio Pinheiro, Bispo de Miranda, o qual, prégando ao povo, dando em primeiro logar graças a Deus por honrar a sua Egreja com um tão glorioso sacrificio de quarenta victimas preciosas, discorrendo em particular

sobre o Irmão Diniz, disse com notavel piedade: "O nosso Diniz que aqui vistes andar pelas ruas de Bragança é Martyr glorioso com coroa de gloria immortal, e eu Bispo, não sei se me heide salvar." Este Irmão havia 4 ou 5 annos que estudava latim em as nossas escholas e pedia com grande fervor ser da Companhia. Sem embargo das boas partes que tinha, os Padres o dilataram por ser notavelmente baço das cores. Sabendo d'isto o Padre Ignacio de Azevedo escreveu lh'o recolhessem em casa até o mandar chamar. O Padre Manoel Pimenta diz em uma carta, que tinha muita graça em representar, e que o vira em Coimbra, onde seu Mestre lh'o gabára. Devia ser isto quando passava para Lisboa.

35.º Beato Pedro Nunes, natural da villa de Fronteira, no Bispado de Elvas, estudante.

36.º Beato Pedro de Fontoura coadjuctor temporal, natural de Braga, ao qual tendo os herejes ferido gravemente e cortado a lingua, lançaram ao mar.

37.º Beato Simão da Costa, coadjutor temporal, natural da cidade do Porto. Foi mandado degolar por Jaques Soria e lançado nas ondas em 16 de Julho.

38.º Simão Lopes, estudante, de Ourem.

39.º Beato João Adaucto, a quem chamavam, como acima se disse, *S. João*. Era nascido na provincia de Entre Douro e Minho, sobrinho do capitão da nau. Sempre desejou muito ser da Companhia. O Beato Ignacio de Azevedo o amava muito por sua boa indole e sanctos costumes. O Padre Possino conta que, mettendo-se elle entre os nossos, os herejes o apar-

tavam, até que no ultimo tempo, indo vestir debaixo da proa uma roupeta das que tinham tirado aos nossos Irmãos, se veio assim vestido metter com elles, e pôde ser tido por Jesuita e com elles lançado por tal, em odio da Fé, ao mar. Com este Irmão prefez Deus o numero de quarenta, que ficava diminuido, por não tirarem a vida ao Irmão João Sanches.

Esta foi a gloriosissima companhia com que o grande Azevedo entrou no céo e nos honrou cá na terra. Sendo a maior parte d'elles ainda Noviços com pouco tempo de Religião, se houveram com alento tão divino, que bem mostraram quão cheios de Deus estavam. Entraram elles na batalha e ainda na navegação com um certo impulso interior que lhes dizia haviam de ser Martyres. Deixou escripro um nosso Religioso, que se achou na casa de S. Roque os dias que alli estiveram hospedes, que lhe diziam muitas vezes estes bemdictos Irmãos que elles não haviam de chegar ao Brazil, mas que no caminho haviam de padecer Martyrio; e diz que fallavam n'isto com grande segurança.

FIM

Indice

LIVROS RELIGIOSOS

Que se acham á venda na **Administração do Novo Mensageiro do Coração de Jesus** (Rua do Quelhas, 6, *Lisboa*) e que o Administrador do mesmo remetterá francos de porte pelos preços seguintes:

Vida de S. Luiz Gonzaga, broch. 120 réis; encad.	$190
Da Existencia e do Instituto dos Jesuitas, pelo P. Ravignan da Companhia de Jesus.— Edição popular, 300 réis; superior (em brochura)	$500
Mez de Junho, por Vannutelli, broch. 160 réis; encad	$220
Jesus fallando ao coração das filhas de Maria, broch. 160 réis; encad	$200
Manual do Apostolado, broch. 70 réis; encad. .	$130
Compendio de Meditações de Sancto Affonso, broch. 110 réis; encad	$170
Pensai-o-bem, broch. 110 réis; encad	$170
Compendio de Meditações de Lapuente, para todo o anno, broch. 720 réis; encad	1$000
As Conspiradoras, (Conto do P. Franco) broch . .	$110
Cartilha do P. Mestre Ignacio, encad	$110
Vida de S. Pedro Claver, broch. 100 réis; encad. .	$170
Vida de S. João Berchmans, broch. 80 réis; encad.	$150
Vida de Sancto Affonso Rodrigues, broch. 100 réis; encad	$170
As tres vidas juntas, broch. 250; encad	$350
Vida do Beato Ignacio d'Azevedo, e seus 39 Companheiros Martyres, broch. 160 réis; encad	$260
No Céo nos reconheceremos — Cartas de consolação, pelo P. Blot. da Companhia de Jesus, 2.ª edição corregida — broch. 200 réis; encad.	$300

Para o estrangeiro accresce o porte do correio.